



Romulo Fernandes de Assis

**As influências nos Pinóquios e a resistência dos
Gepetos: como discursos negacionistas vêm
adentrando as aulas de História**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História.

Orientador: Prof. Maurício Parada

Rio de Janeiro

3 de agosto de 2020



Romulo Fernandes Assis

**As influências nos Pinóquios e a resistência dos
Gepetos: como discursos negacionistas vêm
adentrando as aulas de História**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Maurício Parada

Orientador

Departamento de História- PUC-Rio

Prof.^a Juçara da Silva Barbosa de Mello

Departamento de História- PUC-Rio

Prof.^a Laura Antunes Maciel

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro, 3 de agosto de 2020

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Romulo Fernandes Assis

Graduou-se em História como Bacharel e Licenciado na Universidade Federal Fluminense (UFF) no ano de 2017. Foi Bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) até o ano de 2016. Atua como professor da educação básica na rede privada do Rio de Janeiro desde 2017.

Ficha catalográfica

Assis, Romulo Fernandes de

As influências nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos : como discursos negacionistas vêm adentrando as aulas de História / Romulo Fernandes de Assis ; orientador: Maurício Parada. – 2020.
124 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2020.
Inclui bibliografia

1. História - Teses. 2. Ensino de História. 3. Negacionismo. 4. Obscurantismo. 5. História digital. 6. História pública. I. Parada, Maurício B. A. (Mauricio Barreto Alvarez). II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD: 900

Agradecimentos

Essa dissertação foi fruto de um árduo apoio em variadas frentes e pessoas que jamais pensariam que estariam aqui e sem mesmo saberem que foram importantes, mas contribuíram enormemente para que houvesse motivação para a conclusão desse trabalho. Primeiramente, agradeço a Deus, como praxe de toda uma vida pautada nas práticas cristãs. Agradeço a minha mãe, Dona Inês, meu maior exemplo acadêmico e de vida, pessoa que lia e revisava meus textos, dava suas opiniões e que praticamente arguiu esse trabalho, muito obrigado, te amo! Minha irmã, Mayna, que tanto amo e foi companheira de bancada me fornecendo em muitos momentos a privacidade do seu quarto para que pudesse escrever. Obrigado! Ao meu irmão, Bruno, por seu posicionamento avesso ao meu e que me apresentava pessoas (indesejadas em alguns casos, confesso) passíveis de análise para essa pesquisa, mas que em momento algum deixou de acreditar em mim. Agradeço ainda a minha vó Estela, acometida pelo mal de Alzheimer, que no auge de suas energias, em toda crise alérgica que me dava, me mandava colocar a camisa, reclamava de dor no braço e que não queria ver a xícara de café suja na pia, mesmo com tudo isso meu muito obrigado e desculpe-me as impaciências decorrentes do processo de escrita. Agradeço ainda aos meus tios Edisom, Gilberto, Leila, Nadja e Neide pelas suas mais variadas visões políticas e apreço pela ciência que escolhi estudar para a vida. Lembro-me de várias mensagens e vídeos que me mandavam, principalmente Edinho e Tio Beto (aquele vídeo da ditadura do Brasil Parelo, como foi importante, mesmo que não saiba!), fundamentais para o desenvolvimento e análise do que chamarei aqui de Pinóquios. Tia Leila nas nossas longas conversas sobre educação, tia Neide nas dicas de programas de vídeo e edições e Tia Nadja por sempre enxergar o “menino polêmico”, de “personalidade forte”, que hoje, com o perdão da análise, me definiria como politicamente engajado! Tia Iolanda e Terezinha, jamais as esqueceria! Se hoje cheguei aqui, com certeza, mesmo sem saberem, houve apoio e assistência. Minha amiga Clara por aceitar essa árdua missão em dar forma, ler, fazer as alterações ortográficas e colocar esse trabalho no formato exigido pela ABNT.

Muito obrigado! Agradeço ainda a minha amada, fiel escudeira, auxiliar de pesquisa (sem bolsa!): Larissa. Sem você isso seria muito mais difícil, eu te agradeço por me ajudar a organizar a pesquisa, por auxiliar no contato junto às pessoas e a organizar respostas que foram o fio condutor dos meus capítulos. Obrigado por toda paciência, por entender que durante dias eu tive que me ausentar e dedicar meu tempo, quase que integralmente, para essa pesquisa. Eu te amo. Por fim, agradeço a minha banca por gentilmente aceitar arguir esse trabalho e por serem grandes referências acadêmicas em minha vida. Professora Laura Maciel, minha admiração, obrigado por formar o pesquisador que sou e por me fazer entender na prática o ofício do historiador. Todos os puxões de orelha lá da graduação surtiram seus frutos e espero não decepcionar na trajetória acadêmica. Professora Juçara, figura de luta e que coordenou o ProfHistória dentro da PUC/RJ no período em que estive, meu muito obrigado por ser tão paciente, engajada e conduzir brilhantemente esse programa de mestrado, digo ainda que tenho profunda admiração pela professora e pesquisadora que é. A meu orientador, Maurício Parada, muito obrigado por ser paciente e trazer palavras que motivavam e me mantinham tranquilos, obrigado por acreditar nesse projeto junto comigo, meu respeito e admiração.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Resumo

Assis, Romulo Fernandes; Parada, Maurício. **As influências nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos: como discursos negacionistas vêm adentrando as aulas de História.** Rio de Janeiro, 2020. 124 p. Dissertação de Mestrado- Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A proposta deste trabalho versará sobre buscar entender como a onda conservadora que assola o país, mais especificamente a área da Educação e o Ensino de História, acabou por influenciar o cotidiano dos professores em sala de aula e os mesmos passaram a ser considerados grandes inimigos por parte de negacionistas. Nesse sentido, as origens e embasamentos para os ataques conservadores serão demonstrados e os seus mentores explicitados, tais como Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e suas práticas. Veremos os impactos no cotidiano do ensino de História principalmente através da atuação do Movimento Escola Sem Partido (MESP) e perceberemos, por exemplo, que a chamada “doutrinação ideológica” de que os professores são acusados, na verdade, possui uma direção e uma causa muito direcionada: Os professores de História e Ciências Humanas. Também será percebido as formas como o MESP se aproxima de grupos e partidos políticos com temáticas conservadoras, apropriando-se de suas pautas, para que assim possa se alavancar no cenário nacional. Para além disso, a resposta dos professores de História e as novas formas de se discutir essa Ciência, principalmente através da História Digital. Veremos como esse movimento de ocupar as mídias digitais e a disputa desse espaço com os Negacionistas começam a ser feitos pelos especialistas da área e como há a demonstração de que o ocorrido nos espaços acadêmicos não são Balbúrdias, mas sim, Ciência de alta qualidade e complexidade. Essa resposta será buscada através de um pequeno mapeamento sobre canais dos mais variados tipos, mas que prezam pela divulgação científica de linguagem acessível para os simpatizantes da área e como uma maneira de combater o obscurantismo negacionista que nos cerca.

Palavras chave

Ensino de História; Negacionismo; Obscurantismo; História Digital; História Pública.

Abstract

Assis, Romulo Fernandes; Parada, Maurício. **The influence on Pinoquios and the resistance of Gepeto's: how negationism speeches have been entering the History class.** Rio de Janeiro, 2020. 124 p. Dissertação de Mestrado- Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this work is to seek to understand how the conservative wave that is plaguing the country, more specifically the area of Education and History Teaching, has ended up influencing the teachers' daily lives in the classroom, and how they started to be considered great enemies by part of Negationists. In this sense, the origins and grounds for conservative attacks will be demonstrated and their mentors made explicit, such as Olavo de Carvalho, Leandro Narloch and their practices. We will see the impacts on the daily teaching of History mainly through the work of the School Without Party Movement (Movimento Escola Sem Partido - MESP) and we will see, for example, that the “ideological indoctrination” of which teachers are accused, in fact, has a direction and a cause specifically targeting History and Human Sciences teachers. This work will also analyse how MESP approaches groups and political parties with conservative themes and how the appropriation of its guidelines can leverage itself in the national scenario. In addition, this work will also focus on the response of History teachers and the new ways of discussing this Science, mainly through Digital History. We will see how this movement to occupy digital media and the dispute over this space with Negationists are both done by specialists in the area, concluding that a demonstration of what has happened in academic spaces is not a kerfuffle, but rather, Science of high quality and complexity. This answer will be sought through a small mapping of channels of the most varied types, which value the scientific dissemination of accessible language to supporters of the area and are a way to combat the negationist obscurantism that surrounds us.

Keywords

History teaching; Negationism; Obscurantism; Digital History; Public History.

Sumário

| | |
|--|----|
| 1. Introdução | 12 |
| 2. Mentira ou verdade? A ideologização conservadora que afeta o debate historiográfico público no Brasil atual | 24 |
| 2.1. Os mentores intelectuais: Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e o revisionismo ideológico | 26 |
| 2.2. Uma luz no fim do túnel: O movimento de fortalecimento da academia, da educação e da História | 37 |
| 3. Os efeitos práticos dos discursos negacionistas | 44 |
| 3.1. A bancada BBB – Boi, Bala e Bíblia como braço auxiliar do MESP | 50 |
| 3.2. Como o MESP ataca diretamente o Ensino de História? | 56 |
| 3.3. O atual cenário é preocupante? | 64 |
| 4. A atuação dos Gepetos: Como a História está se publicizando nas plataformas digitais | 68 |
| 4.1. Canais de Instagram | 72 |
| 4.1.1. Profa. Thaís Alves | 73 |
| 4.1.2. Que História é Essa? | 74 |
| 4.1.3. Domínios da História | 76 |
| 4.1.4. De Olho na História | 78 |
| 4.1.5. História no Paint | 79 |
| 4.1.6. Olivia Nery | 82 |
| 4.2. Canais de Youtube | 83 |

| | |
|---------------------------------------|-----|
| 4.2.1. Tudo é História | 84 |
| 4.2.2. Clio: História e Literatura | 86 |
| 4.2.3. Nas Tramas de Clio | 89 |
| 4.2.4. História Chico Hits | 91 |
| 4.3. Canais de Podcast | 92 |
| 4.3.1. Navio dos Loucos | 92 |
| 4.3.2. Petit História | 93 |
| 4.3.3. Outro Lado da História | 95 |
| 4.3.4. História Pirata | 97 |
| 4.4. Considerações finais do capítulo | 98 |
| 5. Conclusão | 102 |
| 6. Referências Bibliográficas | 110 |

Lista de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Tabela de projetos de lei relacionadas ao MESP | 55 |
| Figura 2 - Tweet do ministro da educação a respeito de Paulo Freire | 67 |
| Figura 3 – Meme Star Wars | 79 |
| Figura 4 – Meme empurrada do caminhão | 80 |
| Figura 5 – Meme BBB | 80 |
| Figura 6 – Meme Pocoyo | 81 |

Brasil, compartilhou, viralizou, nem viu

E o país inteiro assim sambou

Caiu na fake News.

(Samba Enredo São Clemente 2020)

Introdução

Antes de começar esse trabalho, acredito que deva estar acontecendo uma pequena curiosidade a respeito deste título. Afinal, o que seria Pinóquio e Gepeto aqui neste contexto? Prontamente, responderei essa questão para sanar essa eventual questão que o assola. Pinóquio, conforme ouvíamos em nossa infância, foi o boneco de madeira criado por Gepeto para ser seu filho e por já ser uma pessoa idosa que desejava companhia, as fadas deram vida ao boneco. Ao se tornar real, Gepeto preocupou-se em mandar o menino para a escola, pois era necessário saber ler e escrever, também mandou que ao término da aula voltasse para casa, tendo ouvido uma resposta positiva. No caminho para a escola, Pinóquio, em vários momentos foi tentado a sair das recomendações dadas pelo pai e, por ainda ser muito jovem e ingênuo, caiu em trapaças que lhes foi armada. Sem saber o que fazer, Pinóquio começou a caminhar até que encontrou uma senhora vestida de azul, a quem pediu ajuda. O que ele não sabia era que a senhora era uma fada. A fada disse que o ajudaria e perguntou-lhe quem eram os seus pais e onde vivia. Pinóquio respondeu: “Não tenho casa nem ninguém com quem morar”. A fada azul percebeu que Pinóquio mentia porque o seu nariz começou a crescer. A fada azul respondeu-lhe: “Volta para casa, para junto do teu pai. Sê um menino bem comportado e não mintas mais”. Pinóquio prometeu que assim faria e o seu nariz voltou ao tamanho normal.

De volta a casa, Pinóquio parou num parque de diversões e o seu nariz começou a crescer outra vez. No parque, disseram-lhe que poderia comer todos os gelados que ele quisesse, o que não lhe disseram é que os gelados o iriam transformar num burro. Pinóquio comeu até não poder mais e, assim que se transformou num burro foi vendido a um circo. No circo foi obrigado a trabalhar duramente e foi tão maltratado que, pouco tempo depois, nem conseguia andar. Como já não servia para trabalhar no circo, o dono mandou que o atirassem ao mar. Assim que caiu no mar, transformou-se novamente num rapaz de madeira. Uma baleia que por

ali passava viu Pinóquio e engoliu-o, pensando que era comida. Dentro da baleia, Pinóquio surpreendeu-se ao encontrar Gepeto que tinha ido lhe procurar, mas acabou por ir parar à barriga da baleia. Estava muito fraco e doente então, um peixe que também lá se encontrava disse: “Subam os dois para as minhas costas que eu os levo para casa!”. Assim fizeram e, quando chegaram a casa, Pinóquio tomou conta de Gepeto até ele ficar bom. A fada azul apareceu outra vez e, ao ver que Pinóquio tinha sido tão bom com Gepeto, disse: “Como agora és um bom menino vou te transformar num rapaz de verdade”. E assim foi. Gepeto tinha finalmente o filho que tanto desejara e os dois foram felizes para sempre!¹

Depois de relembrar o conto infantil, ao me referir às influências nos Pinóquios, estou me referindo ao consumo de informações que nos assolam e, principalmente, no mundo digitalizado que nos cerca, aos alunos da educação básica. Orientados por questões familiares, religiosas e por uma onda obscurantista que permeia o debate nacional, muitos pais de alunos tem entendido de maneira equivocada uma ideia inexistente de História. Tal ideia permeia uma inexistência de rigor científico, ataques aos professores e, principalmente, parte de um pressuposto ideológico que em 2020 encontra-se na presidência do Brasil. Essa interpretação do campo familiar se reflete no comportamento dos alunos que passam a escutar diferentes vertentes de um mesmo assunto, causando, portanto, o que chamo aqui de influência nos Pinóquios. Afinal, em quem “acreditar”?

A resistência dos Gepetos se dá em nós, professores, que mesmo atacados, ou se quisermos nos referir à analogia, engolidos na barriga da baleia, não nos deixamos abalar e lutamos para a produção científica, formação crítica, independente e que rebata todas as teorias negacionistas que tanto tentam impor aos nossos discentes e, também, ao debate público sobre História. Nesse sentido, podemos encarar a ação de Gepeto com o seu amor de pai, aos nossos professores e pesquisadores, preocupados e cada vez mais engajados em ocupar múltiplas plataformas para produzir conteúdos acessíveis a todo público. Dada essa explicação, avancemos em outra questão bastante sensível para essa introdução.

Desde 2016, o debate sobre a BNCC tem dividido diversos setores do campo da educação, o que não seria diferente no campo específico do Ensino de História.

¹ História retirada de: <https://www.historiaparadormir.com.br/pinoquio/>

O ponto central ao qual gostaria de focar nessa introdução é refletir sobre o que a teoria e a prática vêm se distanciando e feito com que as ideias negacionistas conquistem proporções jamais imaginadas dentro desse espaço escolar.

Ao acompanharmos o proposto pela base, temos, de fato, uma ideia bastante interessante dando a aparência de um debate crítico, com o aluno sendo agente do processo de aprendizado, consolidando o projeto da nova escola, em contra mão a velha escola que entende o aluno como receptor do processo de aprendizado, ou seja, percebe-se um forte apreço pelas competências, entendida como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.”² Tudo isso acompanhando o discurso da necessidade de modernização da educação para melhor preparação dos nossos jovens para o mercado.

Não à toa, a fundação Lemann é uma grande apoiadora do que a base pode proporcionar. Em artigo intitulado “o que muda no ensino de história com a BNCC”³, em sua revista Nova Escola, eles elencam as mudanças trazidas em sua perspectiva em três pontos principais: 1- Postura ativa dos alunos ganha mais ênfase para desenvolver uma leitura crítica da História. Nesse ponto, explicam os autores, “espera-se incentivar que o aluno problematize e perceba que toda a história é contada a partir de uma determinada e que a partir disso crie hipóteses para entender as pressões, restrições e ideologias que moldam os fatos históricos.”; 2- espera-se incentivar que o aluno problematize e perceba que toda a história é contada a partir de uma determinada e que a partir disso crie hipóteses para entender as pressões, restrições e ideologias que moldam os fatos históricos; 3- Várias fontes devem ser apresentadas para a construção da aprendizagem.

Obviamente, ao nos depararmos com esses conceitos, temos a tranquilidade de que são norteadores muito bons para o debate e a formação crítica do corpo discente. Porém, ao vermos os dispositivos da lei 13.415/2017, que trata da reforma

² BNCC, Pág.8. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146.

³ SALAS, Paula. “O que muda no ensino de história com a BNCC”. Nova Escola, 17 de outubro de 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/12864/o-que-muda-no-ensino-de-historia-com-a-bncc>. Acesso em: 15/07/18.

do ensino médio, podemos observar alguns pontos preocupantes no que tange a oferta de polos de área para a escolha do aluno. Com a reforma, disciplinas que possuem obrigatoriedade são: Português, Matemática, Artes, Filosofia, Sociologia e Educação Física. Sendo que essas serão norteadas, tais quais as demais áreas, pela BNCC. O grande problema, como dito, é que a oferta se baseará de acordo com a disponibilidade da região e escolha do Estado, ou seja, se um aluno mora em determinada rua ou região que ofereça um ensino médio com itinerário em ciências da natureza e suas tecnologias e ele queira cursar ciências humanas, ele terá que se deslocar para o local mais próximo onde haja tal oferta que ele deseja, contando, obviamente, que existam vagas suficientes para que ele e os que desejam cursar essa área sejam atendidos. A escola privada fica livre para oferecer os itinerários que seus membros queiram e paguem.

A análise de imediato que podemos chegar com essa breve exemplificação é de que a escola pública nem sempre vai atender as demandas de sua região, tornando o processo de aprendizagem mais amplo e facilitado para aquele que consegue bancar seus estudos em uma escola privada, que por sua vez, sempre oferecerá uma amplitude de ofertas para atender seu público alvo, tornando assim, o processo de ensino e aprendizagem algo ainda mais mercantilizado e pautado não em qualidade, mas sim em algo econômico.

O perigo da mercantilização da educação vai além do que uma complexa questão de acesso a uma educação de qualidade. Ela perpassa pelo que é ensinado dentro do universo privado de ensino e como os materiais apostilados preparados por grandes conglomerados econômicos e editoras vão refletir a vontade daqueles que estão injetando seu dinheiro para a formação dos jovens do Brasil. Busca-se para transpassar a ideia de neutralidade, um discurso que tende a neutralidade, isenção e ignora o posicionamento crítico que o espaço escolar deveria fomentar entre seus membros.

Um bom exemplo para entendermos essa situação envolve, mais uma vez, um projeto envolvendo a figura de Lemann, desta vez, no grupo Eleva, ao qual ele é acionista. Recentemente, o grupo, que é um dos grandes elaboradores de material e sistema de ensino da rede privada, baseado na BNCC, sofreu ataques por parte de pais que alegaram a respeito do dinheiro investido no material “não ser capim”. O

motivo para a insatisfação se deu pelo livro do sétimo ano do ensino fundamental de Geografia se referir ao processo ocorrido contra Dilma Rousseff como um “golpe”. Segundo o pai, o “correto” deveria ser um “remédio constitucional validado por todas as esferas da justiça brasileira”.⁴ Tal situação ocorrida pode ser observada de diferentes maneiras, mas me atentarei a duas delas nos próximos parágrafos.

Em primeiro lugar, a situação ocorrida no grupo Eleva pode ser encarada como mais uma prova da mercantilização da educação, só que dessa vez temos uma característica peculiar até então não encontrada: a mercantilização ideológica. Obviamente, ao tratar o golpe ocorrido em 2016 como “remédio”, temos por parte desse pai um ressentimento típico das ondas conservadoras que assolam o país e que tentam imputar toda e qualquer mazela aos governos petistas. Além disso, em um termo bastante popular, “quem paga a orquestra, escolhe a música”, ou seja, independente de que haja uma leva de novos trabalhos⁵ que se comprometem em provar a existência de uma ruptura contra a vontade democrática, pouco importa se os elaboradores de material possam estar a par dessas pesquisas, o importante é não dar razão ao discurso do Partido dos Trabalhadores. O importante é manter o cliente satisfeito, e assim pouco importa o que a BNCC diz ou propõe.

Boaventura de Sousa Santos, no livro *Epistemologias do Sul*, logo em seu prefácio traz uma reflexão bastante interessante que se encaixa nesse contexto:

[...]Primeiro que não há epistemologias neutras, e as que reclamam sê-lo são as menos neutras; segundo, que a reflexão epistemológica deve incidir, não nos conhecimentos em abstrato, mas nas práticas de conhecimento e nos seus impactos noutras práticas sociais. É a luz delas que importa questionar o impacto do colonialismo e do capitalismo modernos na construção das epistemologias dominantes[...]

A partir do trecho, entendemos o que estou dizendo como mercantilização ideológica. Uma constatação de que não importa o conteúdo, mas sim o lucro que ele gera. Tal perspectiva já foi vista anteriormente em livros considerados Best

⁴ O GLOBO, “Após citar ‘golpe’ em material didático, rede de ensino pede desculpas.” O Globo, 18 de junho de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/apos-citar-golpe-em-material-didatico-rede-de-ensino-pede-desculpas-23749227>. Acesso em: 01/07/19.

⁵ Inclusive, minha monografia de conclusão de curso em que investiguei passo a passo de cada agente interessado no golpe, para que, cientificamente e empiricamente, pudesse comprovar que o episódio ocorrido se tratou de um golpe jurídico-parlamentar.

Sellers, como a trilogia de Laurentino Gomes (1808, 1822, 1889), inspirada em uma história positivista do século XIX, ou com o Guia Politicamente Incorreto da História, de Leandro Narloch, que se apropria de fontes consolidadas do meio acadêmico e as descontextualiza em seus “guias” com títulos atrativos ao mercado editorial. Ao nos depararmos com essa realidade dentro de sala de aula, percebemos que a proposição de debate, autonomia do aluno, a exposição de diversas fontes por parte do professor para que o aluno possa criar seu próprio modelo de análise acabam ficando mais no campo do discurso do que na prática.

Analisamos, na prática, através da nota do grupo Eleva, que há uma contradição muito gritante, pois ao mesmo tempo em que defende “fomentar o entendimento dos estudantes sobre discussões relativas aos processos políticos, sociais e econômicos do país, a fim de ajuda-los a analisar a complexidade dos acontecimentos políticos”⁶, informa logo em seguida que busca “neutralizar quaisquer posicionamentos ideológicos”.⁷ Concluimos, portanto, que uma aula para tratar sobre o governo Dilma Rousseff, por exemplo, acabaria, de acordo com o modelo proposto da “neutralidade”, não analisando os agentes que se envolveram nesse processo que culminou com a queda do governo. Quando esse modelo é posto em prática, o que temos, na verdade, é uma ideologização conservadora no modo de analisar o fato histórico ocorrido, deixando, portanto, de fomentar a discussão relativa aos processos políticos como propõe em sua nota.

Aprofundando ainda mais essa contradição, reitero a questão da base ser defendida e “aplicada” pela fundação Lemann em seus diversos canais. Conforme dito anteriormente, no tópico terceiro da aplicabilidade da BNCC em ensino de História (várias fontes devem ser apresentadas para a construção da aprendizagem.), ao desprezar um dos lados da História, além de desrespeitar a própria base, ela se demonstra ideológica para um lado ao negar as vozes que defendem a construção de um golpe (vozes essas cada vez maiores) dentro das ciências humanas brasileira.

⁶ Dentro dessa perspectiva, debater se foi ou não um golpe, se enquadra perfeitamente no proposto pela produtora do material.

⁷ Ver nota completa em: <https://drive.google.com/file/d/1BQRb4TF99VbzjZZnDIF6ASLRUMj3DZT/view?usp=sharing>

Em um segundo momento, teremos as consequências com aqueles que produzem esse material, bem como com os que reproduzem dentro de sala de aula o material proposto. Fica claro e evidente que cada vez mais os professores têm sido intimidados a reproduzirem uma História inexistente, baseada na “neutralidade” e visões que afastem o aluno de “qualquer viés ideológico à esquerda”. Obviamente, não são todos os que se submetem às imposições dos mercadores ideológicos, buscando sempre no diálogo com o aluno em sala de aula um debate crítico e que promova a autonomia discente do pensar, porém é preciso deixar claro que no sistema em que vivemos se faz necessário saber elaborar formas de resistências para um projeto de ensino de História independente e crítico. No caso do grupo Eleva, os envolvidos foram demitidos de suas funções, corroborando com a ideia de perseguição à docência, uma vez que para ocupar o cargo de supervisor editorial, o candidato precisa ter experiência em sala de aula comprovada.

Tomemos como exemplo o caso do Colégio Militar e o seu material didático ensinando a Ditadura Civil Militar como uma revolução⁸. Por imposição da instituição é usado para lecionar o livro “História do Brasil — Império e República”, da Coleção Marechal Trompowsky, utilizado por mais de 14 mil alunos nos 12 colégios militares do país. De acordo com a reportagem do O Globo, mais de 14 mil alunos (que ainda se encontram nas cadeiras escolares) aprendem utilizando desse material com conteúdo negacionista. Vale ressaltar que na época da reportagem, os debates sobre a base ainda não haviam começado, mas já se tinha presente um conteúdo de extrema periculosidade por ocultar e relativizar os casos de tortura, os atos institucionais e as mortes proporcionadas pelo regime.

Claramente podemos observar também, mesmo que sem grandes surpresas por se tratar de uma instituição militar, traços de uma história positivista do século XIX. O professor Rodrigo Turin trabalha em seu artigo⁹, citando o caso do escritor Sílvio Romero, que na transição do império para a república, a escrita da História era marcada por uma “busca da verdade”. O grande problema dessa busca por uma verdade fica exposta na contradição de que esse tipo de escrita favorece somente

⁸ VIEIRA, Leandro. “Nos colégios militares, golpe de 64 é ensinado como ‘revolução’”. O Globo, 31 de março de 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/nos-colegios-militares-golpe-de-1964-ensinado-como-revolucao-12038975>. Acesso em: 10/07/2019.

⁹ TURIN, Rodrigo. Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista. *História da Historiografia*, n. 2, pp.12-28, 2009.

um lado, impondo uma versão única e verdadeira (no caso do artigo, uma versão única da História do Brasil e que durante muitos anos fora utilizada nos manuais escolares). Em outras palavras, o livro didático utilizado busca apagar a História dos que viveram o período e foram perseguidos pela ditadura e traz a versão institucional do tema sem problematizações, como se as ações fossem justificadas por consequências dos atos dos manifestantes.

Na contramão dessa questão, a professora Silvana Pineda, recusou-se a utilizar o livro de conteúdo negacionista afirmando o episódio como uma ditadura, e não, uma revolução. Como represália, foi afastada da sala de aula pela instituição, tendo que recorrer na justiça para que seu direito de lecionar fosse preservado e respeitado. Tal fato, ocorrido em 2014, já demonstrava um pouco do que os próximos anos poderiam reservar para os que atuam diariamente nessa frente do ensino de História, sendo que a onda de *fake news* ainda não tinha a proporção encontrada no final da segunda década do século.

O caso da professora Silvana nos ajuda a pensar como é difícil o cenário de disputa e negação da História por parte dos grupos conservadores com aqueles que são docentes da área, para além disso, ajuda a pensar que esse ataque à docência ocorreu em uma escola pública, com garantias de estabilidade, onde deveriam seguir os parâmetros curriculares com rigidez. Agora, imaginemos a vida do professor da escola do bairro? Ou a vida do professor da escola de elite que para ganhar um salário melhor, precisa se submeter a episódios como o ocorrido no grupo Eleva. Diante dessa questão, mais uma vez o professor Boaventura nos é bastante pontual quando explica sua ideia a respeito das epistemologias e imposições das classes dominantes, em que podemos concluir que por trás do discurso de neutralidade, busca-se acabar com as diferenças e impor uma única forma de reflexão, muitas vezes, sobrepondo a cultura local e as expressões sociais dos indivíduos do lugar, no nosso caso, a sala de aula:

[...]Nisso consistiu o epistemicídio, ou seja, a supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena [Santos: 1998: 208]. De facto, sob o pretexto da ‘missão colonizadora’, o projeto da colonização procurou homogeneizar o mundo, obliterando as diferenças culturais (Meneses 2007). Com isso, desperdiçou-se muita experiência social e reduziu-se a diversidade epistemológica, cultural e política no mundo. [...]

Complementando esse debate que se encaixa também com outras leituras, temos o artigo do professor Ilmar Mattos¹⁰ – Mas não somente assim[...] - onde também nos ajuda a entender e refletir a respeito da prática da professora Silvana, utilizando sua aula como um texto, contrapondo com suas leituras, experiências, vivência acadêmica o material fornecido para que ela lecionasse. Portanto, temos dentro dessa forma de resistência ao negacionismo ocorrido por parte dos colégios militares, o caso de aula como texto, já que o autor e o receptor, a partir daquela aula, criarão seus significados e o processo de construção ocorrerá de maneira coletiva.

Quando vamos para o debate no campo da História geral, temos uma recente ilação associando os regimes nazifascistas como sendo de esquerda. Dentro desse contexto, em 2018, a embaixada alemã produziu um material¹¹ para acabar de vez com essa discussão, considerada por eles como uma *Fremdschämen*¹². Mesmo assim, um exército digital com argumentação simples, insistiam na fantasiosa ideia desses regimes serem de esquerda. Não podemos desprezar a polarização que se encontrava o Brasil as vésperas de uma eleição e o cenário do candidato de extrema direita estar na liderança das pesquisas de intenção de voto, bem como não podemos desprezar o exército de robôs associados a esse mesmo candidato que ao final do pleito eleitoral saiu vitorioso. Fato é que a argumentação utilizada pelos defensores da ideia do nazifascismo ser de esquerda se apropriavam do fato do partido que Hitler pertencia se chamar Nacional Socialista, logo, para eles, se os próprios utilizavam o socialismo no nome, são de esquerda.

A questão ganhou uma grande repercussão a nível nacional e já vem atingindo a sala de aula antes mesmo da embaixada alemã produzir um vídeo explicando aos brasileiros o que é o nazismo e seu campo ideológico. Cada vez mais nas escolas os alunos, motivados pela onda reacionária, tem contestado professores com relação ao que é ensinado, acusando-os de não levar “o outro lado”

¹⁰ MATTOS, Ilmar R. “Mas não somente assim!”: Leitores, autores, aulas como texto e ensino aprendizagem de História. Revista Tempo. V.11, n21, 27/6/2007.

¹¹ Vídeo disponível em: https://gazetaweb.globo.com/portal/noticia/2018/09/_61408.php

¹² ROSSI, Mariana e OLIVEIRA, Regiane. “Fremdschämen, a constrangedora ‘aula’ sobre nazismo dos brasileiros aos alemães”. El País, 17 de setembro de 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html. Acesso em: 15/07/2019

da História. A motivação ocorre graças ao crescimento do Movimento Escola Sem Partido (MESP), grande responsável pelo estímulo à perseguição dos docentes, bem como acusarem os mesmos de doutrinadores, trazendo a relação de que professores não são educadores.

Segundo a reportagem do O Globo¹³, o professor Eduardo Daflon buscou investigar a origem do discurso por parte dos alunos e encontrou que a base teórica, seja dos que reproduzem por vídeos ou de maneira escrita pela internet, se dá através de artigo publicado pelo Instituto Ludwig von Mises Brasil, uma espécie de condensador de escritos do pensamento liberal conservador. Segundo Daflon:

Os estudantes citavam uma série de sites, menos conhecidos e mais obscuros. Não encontrei exatamente as referências que mencionavam, mas todas remetiam, no fim das contas, aos textos do Instituto Mises. O argumento era que, no nazismo, o Estado exercia um controle estrito da economia, e que, portanto, era semelhante à União Soviética, e, portanto, de esquerda.

Os reflexos desse negacionismo também estão presentes no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para o ano de 2020. Editoras têm apresentado mudanças para trabalharem temas considerados polêmicos e que contrariam a visão ideológica do atual governo. Dessas alterações, o termo “ditadura” é substituído por “golpe” ou “regime”. Tais mudanças contrariam as diretrizes curriculares norteadoras que orientam o termo “ditadura civil militar”. Portanto, o que podemos observar por parte de autores de livros didáticos é que eles estão promovendo uma autocensura prevendo retaliações do governo federal. Em outras palavras, as editoras acolhem essas mudanças por saberem que o PNLD movimenta grandes recursos financeiros e elas não querem perder esses recursos, nem que para isso tenham que driblar o proposto pela BNCC. Não à toa, o antigo ministro da educação, Ricardo Velez, já sinalizara em um momento seu posicionamento a respeito do período ditatorial brasileiro trazendo, segundo suas próprias palavras,

¹³ DUCHIADE, André e MATSUURA, Sérgio. “Debate sobre se nazismo é de direita ou esquerda atormenta professores”. O Globo, 21 de setembro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/debate-sobre-se-nazismo-de-direita-ou-esquerda-atormenta-professores-23088894>. Acesso em 08/12/2018.

“buscar uma visão mais ampla” sobre o período dos militares, caracterizando o período como um “regime democrático de força”¹⁴.

Mediante o exposto nesse debate inicial, podemos perceber que a BNCC pode ser apropriada pela rede mercadológica ideológica para promover, em nome do lucro, uma educação sem caráter crítico e libertador, dando um caráter híbrido de acordo com a posição ideológica do governo. Nesse sentido, essa dissertação planejará trabalhar em seu corpo algumas temáticas bastante caras dentro desse debate, sendo logo de cara em seu primeiro capítulo a busca pela compreensão dos atuais debates e acusações (como podemos refletir brevemente nessa introdução) que pairam o campo da ciência História. Com o título “*Mentira ou verdade*”? *A ideologização conservadora que afeta o debate historiográfico público no Brasil atual*, partirei do pressuposto da existência de um revisionismo ideológico, trarei os argumentos utilizados pelos defensores de uma História “mentirosa” e, também, tentarei explicar os motivos de tamanha repercussão nos dias atuais onde acarretou também na perseguição do atual governo as ciências humanas e a produção científica. Buscar-se-á demonstrar as formas como se constroem o pensamento conservador contra a História e, principalmente, quem os faz e de que maneira articulam sua argumentação para que alcance o senso comum e tenha razoável alcance. Trarei, por fim, o processo de resposta da academia que durante anos acabou presa no diálogo entre seus próprios pares.

No segundo capítulo, intitulado como *Os Efeitos Práticos do Discurso Negacionista*, buscarei trazer as ações realizadas do Movimento Escola Sem Partido e de que maneira ele tenta atacar a liberdade de cátedra, especialmente no que se trata das ciências humanas e docentes em História. Quais temáticas e como o movimento entende o papel do professor como doutrinador e demonstrar como esses discursos têm, cada vez mais, ganhado espaço e gerado perseguição aos professores de educação básica por parte de pais, instituições de ensino e até mesmo alunos. Portanto, a intenção perpassa nas consequências do discurso conservador dentro das aulas de História.

¹⁴ EL PAÍS. “Ministro promete mudar livros didáticos por visão ‘mais ampla’ da ditadura”. El País, São Paulo, 03 de abril de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/04/politica/1554334968_202816.html. Acesso em 20/07/2019.

No último capítulo chamado *A Atuação dos Gepetos: Como a História Está Se Publicizando Nas Plataformas Digitais*, tratarei através de exemplificações como os pesquisadores em História e, principalmente, os professores, estão produzindo nas plataformas digitais, sejam as redes sociais ou plataforma de *Streaming (Spotify)* em favor de uma divulgação científica com rigor, fonte, metodologia e tudo isso acessível ao público. Perceberemos a importância de tais produções para a linha de frente de resistência do conhecimento histórico no Brasil e, em alguns casos, de alcance no mundo.

2

“Mentira ou verdade”? A ideologização conservadora que afeta o debate historiográfico público no Brasil atual.

A reflexão inicial desse capítulo perpassa pelo entendimento de onde vem as bases e origens para os atuais discursos que visam deslegitimar assuntos já consolidados no campo da História.

Os projetos não são novos, ganharam força com a queda política do governo Dilma e apresentam duas frentes bastante fortes: ataque aos docentes e ataque a disciplina de História. Os caminhos para construir esses ataques passam, desde a invenção de fatos jamais existentes até distorções sem fundamentos, fontes ou sentidos. Vale ressaltar que essas análises a respeito de temáticas aparentemente consolidadas não são exclusividades da área de História. Já temos movimentos contrários à vacinação¹⁵, negações ao aquecimento global, defensores do terraplanismo, até chegarmos às ideias de que nazismo é de esquerda, ditadura militar não existiu no Brasil, o negro se entregava aos portugueses para serem escravizados¹⁶, dentre outras histórias negacionistas de um movimento que vem sendo caracterizado como pós-verdades.

Obviamente, por se tratar de uma pesquisa em História, o foco será balizado nas consequências das teorias negacionistas históricas, porém apontar para teorias que vem sendo levantadas em outras áreas da ciência, também se faz importante para que estejamos atentos com relação ao tipo de suporte e políticas públicas visando a defesa da ciência, que os governos vêm adotando, ou projetam adotar, para resguardar memórias, conhecimento e apoiar o suporte da divulgação científica. Sobre essa reflexão, a professora Monica Ribeiro, da Universidade

¹⁵ Esse debate já ganhava força desde o ano de 2017. DE OLIVEIRA, André Jorge. “Lute pela Ciência: 15 dicas para refutar negacionistas em um debate”. Revista Galileu, 01 de dezembro de 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/12/lute-pela-ciencia-15-dicas-para-refutar-negacionistas-em-um-debate.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

¹⁶ O atual presidente da república brasileira compartilha desse posicionamento. GONÇALVES, Gessica Brandino. “Portugueses nem pisaram na África, diz Bolsonaro sobre escravidão”. Folha de S.Paulo, 31 de julho de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/portugueses-nem-pisaram-na-africa-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em 2 de setembro de 2018.

Federal do Paraná, descreve em entrevista¹⁷ publicada pelo Parágrafo 2, um ponto de vista bastante interessante para auxiliar no contexto atual dessas intenções espúrias contra a Ciência e o projeto de educação no Brasil:

Como a universidade pública deve reagir frente a ataques de viés ideológico e também de cunho estrutural como o enfraquecimento da ciência brasileira, cujo cortes de verbas, pode paralisar a execução de 11 mil projetos científicos e deixar m/ais de 80 mil pesquisadores sem bolsa?

A universidade pública, principalmente as federais, está na linha de frente desse combate ao “público”, que se dá pelo discurso de que elas não produzem pesquisas científicas, de que nelas só existem “esquerdistas”, que é um antro de formação de comunistas, quando na verdade ela, e isso é perceptível por nós que trabalhamos no meio acadêmico, se encontra ideologicamente tão dividida quanto o restante da sociedade. Essa disseminação de informações falsas e distorcidas com relação às universidades públicas vai ao encontro desse processo de privatização. Não demora e veremos um desmonte maior ainda das universidades públicas, por meio de cortes em pesquisas, a ausência de concursos públicos, para que com isso vá se justificando a iniciativa privada tomar cada vez mais lugar do público na oferta de ensino superior.

Cabe explicar também que adotarei como ideia de História Pública a reproduzida inicialmente por Robert Kelley e adaptada por Bruno Leal em seu site Café História, uma vez que a todo o momento no decorrer desse capítulo utilizarei o termo historiador público, seja ele um profissional da História ou um leigo, ou seja, tratarei como sendo algo produzido para fora da academia, para o público em geral:

Não é tarefa das mais simples definir o que vem a ser História Pública. Seria ela uma metodologia, um campo, um objeto de estudo ou uma subárea da História? Somente o historiador estaria autorizado a fazer História Pública ou o “grande público” também participaria da elaboração desta História? Diferentes autores, em diferentes obras e a partir de diferentes perspectivas, concorrem a fim de oferecer respostas para essas e outras questões. Particularmente, eu entendo a História Pública como uma forma do historiador profissional engajar diferentes públicos não-especialistas com o conhecimento histórico, de forma crítica, participativa e emancipatória, utilizando para isso os mais diversos recursos tecnológicos e metodológicos. A História

¹⁷ PIRES, José. “A desinformação sobre as Universidades Públicas é proposital e tem a intenção de justificar o discurso privatista. Entrevista com Mônica Ribeiro”. Parágrafo 2, 16 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588473-a-desinformacao-sobre-as-universidades-publicas-e-proposital-e-tem-a-intencao-de-justificar-o-discurso-privatista> Acesso em 20 de Abril de 2019.

Pública, desta forma, tem muitas moradas. E nisso, ao que me parece, os historiadores parecem concordar: entende-se, hoje, que ela pode (e deve) ser feita nas ruas, na mídia, nos museus, nas galerias, nos arquivos, nas escolas, nas bibliotecas e até mesmo no interior de organizações privadas.¹⁸

2.1

Os mentores intelectuais: Olavo de Carvalho, Leandro Narloch e o revisionismo ideológico

Olavo de Carvalho é um autointitulado filósofo brasileiro que reside nos EUA e, através de seu canal no *Youtube*, promove suas ideias, cursos e opiniões. Foi escolhido pelo atual grupo político que governa o país como grande mentor intelectual e referência para legitimar discursos que, muitas vezes, desprezam comprovações científicas, metodologia de pesquisa e focam exclusivamente em opiniões. De uma forma de se expressar bastante peculiar, invocando palavras de baixíssimo calão, bem como a ausência de humildade para reconhecer no próximo uma capacidade argumentativa, tende a colocar em seus vídeos que seus argumentos são irrefutáveis e que poucos são os capazes de desafiá-lo¹⁹.

Por sua forma convicta de se expressar, consegue acumular inúmeros seguidores, que de forma impulsiva ou programada, reproduzem suas ideias de forma a atender seus objetivos particulares, muito deles vinculados a manchar a imagem dos movimentos de esquerda ou a tentar dar legitimidade a assuntos amplamente discutidos e rechaçados nos meios acadêmicos e escolares. Sobre essas falas convictas, mas sem comprovações, Michel Shermer, autor do livro “Negando a História”, de 2009, diz ao O Globo em entrevista dada em setembro de 2018²⁰: “Nosso cérebro não é muito bom para separar narrativas falsas e verdadeiras se elas parecerem fazer sentido” (SHERMER, 2018)

¹⁸ CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso: 20 de Janeiro de 2019

¹⁹ Como exemplo, segue o último vídeo em meio a uma polêmica entre o atual vice-presidente da República e o autointitulado filósofo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lvIu8kOXx5c>. Acesso em 24 de abril de 2019.

²⁰ TORRES, Bolívar e URBIM, Emiliano. “Versões absurdas de fatos históricos ganham força e alarmam especialistas”. O Globo, 22 de setembro de 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/versoes-absurdas-de-fatos-historicos-ganham-forca-alarma-especialistas-23091891>. Acesso em 12 de outubro de 2018.

Dar sentido às narrativas é uma especialidade de Olavo de Carvalho, inegavelmente. Uma de suas principais teorias negacionistas relacionadas ao campo da História que tem sido cada vez mais discutida, reproduzida e mal interpretada pelo senso comum é com relação ao período da escravidão. Olavo é o responsável por trazer aos debates brasileiros a teoria reproduzida pelo atual presidente, como já citado em nota anteriormente, de que o negro se escravizava e que não é responsabilidade do branco o processo de escravização, dando a entender que o Europeu simplesmente revidou e que não existe nenhum tipo de reparação histórica necessária pelo que ocorreu na História do Brasil. Olavo, ainda sobre a questão da escravidão, defende fortemente que os grandes escravizadores foram os islâmicos²¹, servindo assim de inspiração para o Europeu.

Olavo também é um crítico ferrenho da academia. Em entrevista dada para João Fallet da BBC²², podemos perceber um pouco das suas principais ideias e como elas vêm sendo implementadas no Brasil por aqueles que têm admiração pela figura na qual Olavo se transformou para um setor político brasileiro, os ultraconservadores de direita:

Carvalho passou a ensinar filosofia sem jamais ter se formado academicamente nesse campo - nem em qualquer outro. Conta que aprendeu sobre o tema por conta própria ao longo de vários anos, longe das "ideologias" que cerceiam o ensino universitário.

O desdém de Carvalho pela filosofia da academia é recíproco. Para o filósofo e professor da PUC-MG Danilo Bragança, ele "quer ocupar dois espaços carentes no Brasil: o de pensador de direita e o de filósofo de multidão".

Coordenador do curso de filosofia da PUC-PR, Geovani Moretto diz que conheceu Carvalho quando era estudante e se admirou com sua capacidade de "debater a filosofia a partir de questões cotidianas, da política e da economia". Hoje Moretto diz que ele "virou aquilo que tanto criticava: um dogmático".

Um dos raros defensores de Carvalho na academia é o jurista Ives Gandra Martins. Outros admiradores ilustres são o senador

²¹ Nesse vídeo, Olavo deixa claro toda sua visão a respeito da escravização e refuta um artigo que critica seu ponto de vista. Ele apresenta autores bastante consolidados no campo da História, mas não apresenta seus argumentos centrais, apenas a temática dos livros de forma muito superficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NWhxVOVXJdU>. Acesso em 17 de janeiro de 2019.

²² FELLETT, João. "Olavo de Carvalho, o 'parteiro' da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias". BBC Brasil, 15 de dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em 23 de dezembro de 2018.

Ronaldo Caiado (DEM-GO) e o deputado federal Marco Feliciano (PSC-SP), que já o citaram em discursos no Congresso.

No Facebook, ao menos dez grupos agregam "olavetes", termo com que o próprio Carvalho se refere aos seguidores. Há ainda páginas que satirizam o escritor e seus fãs. No site Desciclopédia, os "olavetes" são descritos como "zumbis do mestre Olavo" e comparados aos "bolsominions", como são apelidados provocativamente os admiradores do deputado federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ).

Muitas das críticas que Carvalho recebe nas redes sociais tratam da maneira com que ele se refere a movimentos de negros, de mulheres e de minorias sexuais. Em seu último livro, ele exalta artistas negros brasileiros que "entendiam que suas remotas origens africanas tinham sido neutralizadas pela absorção na cultura ocidental" e que não ficavam "choramingando coletivamente as saudades de culturas tribais extintas".

Em outro episódio, foi criticado ao defender que o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) fizesse um exame "para verificar se sua saliva não transmite o vírus da Aids", após o parlamentar tentar cuspir em Bolsonaro na votação do impeachment.

Em resposta, a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids sugeriu que o escritor fosse examinado "para verificar se sua saliva não transmite o vírus da ignorância e do preconceito".

A principal obra do autointitulado filósofo foi o livro “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”, onde foi elogiado por inúmeras figuras declaradamente liberais, mas que hoje, não necessariamente apoiam as ideias e no que se transformou o influenciador (Reinaldo Azevedo, jornalista, é um exemplo dos que migraram a opinião no passar dos anos, mas em 2013, entendeu que a obra era positiva e brilhante, talvez por seu posicionamento contrário aos governos petistas²³). Porém, devido aos seus métodos nem um pouco convencionais, a academia não reconhece e credita prestígio a essa figura, uma vez que é notório para todos que pesquisa requer fontes, dados, empirismo e não opiniões, achismos e negações sem provas.

²³ Diz Reinaldo Azevedo: “Leia esse livro de Olavo de Carvalho. Ninguém, no Brasil, escreve com a sua força e a sua clareza. Tampouco parece fácil rivalizar com a sua cultura, fruto da dedicação, do trabalho no claustro, da aplicação, não da busca de brilharecos. Leia Olavo: contra o ódio, contra o óbvio, contra os idiotas e a favor de si mesmo.”. AZEVEDO, Reinaldo. “O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”. Veja, 02 de setembro de 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2019.

No que tange a História, temos uma das ciências mais positivistas para comprovação e aplicabilidade de ideias e teorias, fruto, inclusive de muita discussão interna sobre os usos e desusos das fontes em História.

Encaminhando a discussão, temos que, a partir dessa circulação de ideias, escritores locais que se propõem escrever temáticas históricas (historiadores leigos), apropriando-se de conceitos inspirados na figura do influenciador brasileiro, para escreverem “guias” com “novas” versões (tomadas como verdadeiras versões) sobre fatos históricos, onde de forma travestida mostram visões carregadas de preconceitos e debates já superados pelo tempo e academia. Me refiro diretamente, ao escritor Leandro Narloch e ao seu livro Guia Politicamente Incorreto da História. Na época de seu lançamento, em 2009, o livro se tornou um *best seller* alcançando marcas de mais de cem mil exemplares vendidos em semanas. Vale ressaltar que não pretendo rebater as incoerências históricas apresentadas por Narloch com artigos, livros e afins, mas sim apresentar a discussão do que motiva esse viés de pensamento em pleno século XXI que entendíamos ser um tempo avançado e de combate a perseguições de minorias.

Para melhor entender, a origem das motivações, para uma nova versão da História, precisamos partir de dois pontos centrais: o primeiro momento diz respeito ao atual contexto político brasileiro que veio por um processo de construção longínquo, e o segundo momento, as brechas deixadas pelos historiadores que não souberam ou não quiseram ocupar os espaços deixados no senso comum, local em que nitidamente há um desejo público pelo conhecimento histórico.

Com relação ao contexto político brasileiro, é fundamental salientarmos a ascensão de um governo que se reconhece como conservador e liberal²⁴ (o que gerou piadas pelo paradoxo liberal na economia e conservador nos costumes). Pois bem, entender a chegada ao poder desses traços é buscar em um passado não tão distante o processo de como forças ultraconservadoras alcançaram o poder. Desde 2013, grupos patrocinados por partidos políticos, entidades do exterior como

²⁴ SADI, Andreia. “Bolsonaro reforçará aliança de ‘princípios conservadores’ com ideias liberais na economia. G1, 8 de outubro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2018/10/08/bolsonaro-reforcara-alianca-de-principios-conservadores-com-ideias-liberais-na-economia.ghtml>. Acesso em: 12 de outubro de 2018.

students for liberty, foram convocados, sob a máscara do sentimento nacionalista, para se manifestarem contrários ao governo Dilma Rousseff e implementarem uma pauta que vem atendendo os interesses dessas figuras do exterior e dos partidos políticos locais que desejavam tomar o poder. Quando, em 2017, escrevi a respeito do golpe jurídico parlamentar ocorrido no Brasil e uma nova quebra democrática²⁵, apresentei todos os elementos que geraram força para os grupos que se diziam pseudo apartidários, mas que hoje ocupam cargos no congresso nacional. São os casos de Kim Kataguirí (Movimento Brasil Livre – MBL, eleito pelo DEM), Joice Hasselmann (influenciadora digital, eleita pelo PSL), Karla Zambelli (Movimento Nas Ruas, eleita pelo PSL), dentre outros que ocupam cargos a nível estadual e municipal (para exemplificar, temos os casos do vereador Fernando Holiday, eleito pelo DEM e do deputado estadual por São Paulo Arthur Moledo, conhecido como “Arthur do Mamãe, Falei”, eleito pelo DEM). Atualmente, os dois partidos citados (PSL e DEM) compõem a base do governo e possuem os deputados que mais dizem zelar pela “moral e bons costumes”, defendendo pautas extremamente conservadoras e, se aproveitando desse conservadorismo, não se identificam com as correntes historiográficas vigentes, atacando e negando a História chamando-a de “esquerdista”. Com relação a isso, o artigo produzido por Arthur Lima de Ávila²⁶ nos diz:

Para atender aos seus fins, estas interpretações negacionistas tentam transformar o reconhecimento destas feridas históricas (e o debate aberto e honesto sobre elas) em um conjunto de ideias a ser violentamente rechaçado, rotulando-as de “doutrinação esquerdista” ou, para usar um vocabulário recorrente dentre os que recusam a existência destas máculas, “mimimi”.²⁷

Portanto, podemos concluir que a construção desse discurso negacionista vem de encontro com a ascensão de políticas públicas de um grupo que em um

²⁵ ASSIS, ROMULO FERNANDES DE. O roteiro do golpe de 2016 no Brasil : o passo a passo de uma nova quebra democrática / Romulo Fernandes de Assis. – 2017. 122 f. : il. Orientadora: Laura Antunes Maciel. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de História, 2017. Bibliografia: f. 115-122.

²⁶ **Arthur Lima de Avila** possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com bolsa do CNPq e cuja tese recebeu o Prêmio Capes 2011 em História. Atualmente, é Professor Adjunto no Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

²⁷ AVILA, Arthur de Lima. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Publicado em: 29 abr. 2019. Acesso: 29 de abril de 2019.

primeiro momento focou em tirar do poder o projeto social democrata representado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e que, agora, estando no poder, pretende por em prática uma pauta que visa atacar (e vem atacando) a educação pública, gratuita e de qualidade através de um viés ideológico que pune aqueles que não seguem ou concordam com o viés ultraconservador.

O que, enfim, os negacionismos almejam não é a revisão, legítima, do conhecimento histórico, mas seu encerramento em categorias estanques supostamente ancoradas em uma verdade que não admite, por seu caráter absoluto, contestação alguma. Não é surpresa que negacionistas de todos os tipos transformem suas empreitadas intelectuais em verdadeiras cruzadas políticas, quase apocalípticas, porque, ao fim e ao cabo, é disso que se trata: de expulsar do horizonte político e intelectual quaisquer contestações, sempre associadas a conspirações e doutrinações diversas, às suas narrativas.²⁸

No que tange as lacunas deixadas pelos historiadores, irei me aproveitar da contextualização do professor Jurandir Malerba²⁹ que faz uma provocação brilhante com o título “acadêmicos na berlinda”³⁰. Pensar na berlinda ao qual nos encontramos enquanto historiadores é entender como e para quem têm sido realizadas nossas produções nesses últimos tempos. Não é de hoje que a população demonstra seu apreço pelo conhecimento histórico, bem como não é de hoje que existe uma ausência de produções em História para o público em geral feita por historiadores profissionais da área. Normalmente, quando nos deparamos com temáticas históricas em livrarias pelo Brasil, além de encontrarmos pequenas estantes e pouca diversidade temática, muito dos autores que se propõem o debate historiográfico não são historiadores, mas sim, declarados admiradores do que para eles é considerado um tema, não uma ciência. Cabe ressaltar não ser problema historiadores leigos produzirem sobre temáticas históricas, mas cabe aos que se propõem escrever sobre essa ciência, um rigor metodológico que faz da História e dos historiadores algo extremamente sério, relevante e interessante tanto para quem pesquisa, como para os que leem.

²⁸ Ibidem

²⁹ Nasceu em 1964, em Bela Vista do Paraíso (Paraná). Graduiu-se em história em Ouro Preto. É mestre pela Universidade Federal Fluminense e doutor em história social pela USP.

³⁰ MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History, História da Historiografia, n. 15, pp/ 27-50, Agosto, 2014.

Para fins comparativos, existe uma diferença crucial na formação de historiadores públicos (na visão de Malerba, são os historiadores “práticos”) e profissionais (acadêmicos) entre Brasil e exterior. No que tange a formação vinda de fora, nos deparamos com dois focos: os que escreverão para o público em geral e os que vão ser pesquisadores em História profissionais e que não terão, necessariamente, uma preocupação na forma escrita de suas pesquisas históricas (no sentido de entendimento do público em geral). Sobre esse ponto, Malerba traz:

“Na Austrália, informa-nos ainda Jill Liddington, a história abriu-se ao mercado como em nenhum outro lugar. O jornal acadêmico *Australian Historical Studies* anuncia com entusiasmo que os historiadores *freelance* atuam como verdadeiros microempresários; e os negócios crescem vertiginosamente (LIDDINGTON 2002, p. 86). Já na Inglaterra, a *Public History* foi pautada pela discussão sobre “herança” e memória. A disputa da memória pública aconteceu em dois polos: um com forte apelo à tradição (conservador, por assim dizer) e outro popular, *grass roots*, proposto pelo historiador socialista Raphael Sammuel (LIDDINGTON 2002, p. 87; WRIGHT 1985, p. 53-55; HEWISON 1987, p 31, 55, 111-118). Ainda na Inglaterra, Ludmilla Jordanova propôs uma perspectiva diferente de prática da *Public History*, a “história como entretenimento”, por meio da qual uma elite profissional – não apenas “treinada” na universidade, mas composta por acadêmicos altamente competentes que debatessem entre si regularmente por meio de suas publicações e conferências – em colaboração com uma ampla rede de companhias midiáticas, editores e museus, deveria ser capaz de alcançar um vasto público leigo (JORDANOVA 2000, p. 6). Em todo caso, ficam patentes: 1. a questão do *treinamento profissional* para quem quer que pretenda explorar a história e levá-la ao grande público; 2. o imperativo da consideração da questão da *audiência* na definição do que seja e de como se deve praticar a história pública.”

No Brasil, os historiadores não profissionais tendem a produzir um material caracterizado ou pela forma anedótica ou presa no oitocentismo representado na figura de grandes personagens, heróis da História de seus respectivos países. Nesse ponto, temos uma História de qualidade baixa, mas lucrativa aos olhos do mercado financeiro das editoras, preocupadas não com a qualidade, mas sim com as cifras proporcionadas pela venda de materiais. Para além desse mercado mais clássico editorial, também temos um novo campo de produção de materiais históricos que possuem interesses similares: lucro, compartilhamento e visibilidade. Estou me referindo aos *digitais influencers* (influenciadores digitais), que são os mais novos

produtores de conhecimentos historiográficos para o senso comum. Os números movimentados por essa história produzida por leigos, é bastante elevado, sendo que:

O crescimento desse campo sem fronteiras muito definidas que se chamou de *Public History* articula-se de modo orgânico com a recente explosão ruidosa de formas populares de apresentação do passado. Esses mesmos fenômenos acontecem em maior ou menor medida no Brasil: constata-se uma sensível demanda social por história nos mais diversos espaços de formação de opinião fora das universidades, novos lugares de exercício da profissão, uma demanda crescente de consumo popular de história, verificável no aparecimento de revistas especializadas de divulgação com grandes tiragens e, por outro lado, uma agressiva produção “historiográfica” que insiste em se autopromover como uma “nova história” – não acadêmica, diferente e superior àquela.³¹

No que se referem aos influenciadores digitais, eles tomam como referência para a construção de uma “nova história” o que é produzido por essa horda editorial preocupada com os números. Ignoram qualquer pesquisa histórica e se baseiam nas bibliotecas “politicamente incorretas da História”, legado deixado pelo sucesso de vendas em 2009 por Leandro Narloch. Hoje, após dez anos dos guias lançados (guia politicamente incorreto da História do Brasil, da História do Mundo, da Filosofia, da América Latina), temos também os manuais produzidos que reproduzem uma “nova” versão de outras temáticas calorosas do ramo historiográfico³². Temos atualmente o manual politicamente incorreto do catolicismo, do comunismo, do islã e das cruzadas e da ciência. A jogada editorial quase após dez anos dos lançamentos de Narloch e seus similares vem bem a calhar no ano de 2018, cuja efervescência eleitoral estava em seu ponto máximo e a dicotomia esquerda e direita polarizando ainda mais o país. O professor Aldair Rodrigues em artigo escrito no Medium traz um pouco dessa reflexão quando diz:

³¹ MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History, *História da Historiografia*, n. 15, pp 31-32, Agosto, 2014.

³² Podemos encontrar essas produções na livraria digital da Amazon, onde ao escolher qualquer livro da coletânea, automaticamente lhe é sugerido as outras obras. Ver através do link: https://www.amazon.com.br/Manual-Politicamente-Incorreto-Isl%C3%A3-Cruzadas/dp/8595070350/ref=pd_bxgy_14_img_2/132-2925653-5010313?encoding=UTF8&pd_rd_i=8595070350&pd_rd_r=3231235d-69ec-11e9-b12e-253105b62179&pd_rd_w=G04UU&pd_rd_wg=ovKZw&pf_rd_p=30d9caac-9c74-4af5-a588-0cf9ff65dd47&pf_rd_r=BXFF0Q4JCBH044GXT6TW&psc=1&refRID=BXFF0Q4JCBH044GXT6TW

Apesar de multiforme e difuso, podemos localizar grande parte das matrizes das ideias presentes nos discursos revisionistas das mídias sociais nas obras de autores *best sellers*, como Leandro Narloch e Olavo de Carvalho. Ambos incorporaram em suas obras um suposto “revisionismo histórico” versando sobre temas como tráfico e escravidão (sobretudo o envolvimento das elites africanas no comércio transatlântico), Quilombo dos Palmares e a construção social da memória de Zumbi como herói. Se na historiografia profissional não há uma única versão dos fatos e as revisões sobre consensos interpretativos bem estabelecidos são resultados de agendas de pesquisa que se apoiam em evidências empíricas, cuidados teórico-metodológicos lastreados em ampla bibliografia e em conexão com o contexto histórico onde o historiador está inserido, o revisionismo populista das redes sociais, ao contrário, é seletivo, interessado, simplificador, formulado e consumido de acordo com a propensão ideológica do seu produtor e do seu leitor, constituindo uma espécie de história à la carte.³³

Cabe a nós analisarmos um ponto obscuro por trás dessas produções: o revisionismo histórico ideológico. Imagina o quão angustiante deva ser para o senso comum ter uma série de publicações negando tudo aquilo que se é estudado pelos livros didáticos, prometendo provar as mentiras contadas na escola, os erros e o ocultado. Por outro lado, a academia e os acadêmicos acompanham, no mínimo, desde 2009, o aparecimento dessas distorções, que até então não tinham espaços legítimos, se tornarem legítimos pelas cifras que movimentam e, infelizmente, tardiamente reagirem com produções que ainda não obtiveram alcances similares aos que esses revisionismos alcançaram. Através dos guias e manuais, o mercado editorial e os escritores conseguiram alcançar a mente do grande público trazendo uma linguagem leve, engraçada, com ideias conexas e aparentemente com sentido. E a academia? Qual grande evento produzimos nesses últimos anos para mostrar à população as produções realizadas na área da História? Qual grande obra foi produzida pensando atingir o grande público com uma linguagem acessível, termos técnicos explicáveis e de fácil entendimento? Infelizmente temos produzido para os nossos pares e precisamos abrir nossos horizontes para uma produção mais ampla, com maior alcance, para que assim a impressão causada da relevância das Ciências Humanas seja revertida.

³³ RODRIGUES, Aldair. Fake History, “revisionismo” conservador e ataques ao professor de história. Medium, 28 de setembro de 2018. Disponível em: <https://medium.com/@professoraldairrodrigues/fake-history-revisionismo-conservador-e-ataques-ao-professor-de-hist%C3%B3ria-c5f553114f9c>. acesso em: 10 de outubro de 2018.

O professor Marcos Napolitano em entrevista dada para o UOL Educação³⁴ alerta para alguns pontos fundamentais do que venho discutindo até aqui, tanto no que tange a origem do negacionismo histórico, como também do erro da academia em ter ficado nesses últimos tempos presa aos seus próprios círculos, como disse anteriormente, e no que encaminhará para o próximo capítulo: como essas ideias chegam à sala de aula e atacam os docentes em História.

No que diz respeito ao negacionismo histórico, Marcos Napolitano diz:

O negacionismo histórico já existia ou surgiu agora?

É um termo que já existe há algum tempo e se refere à historiografia do Holocausto. Os negacionistas são aqueles que negam o Holocausto como uma política sistemática de extermínio dos judeus. Na campanha presidencial, surgiram negacionismos mais ligados à história do Brasil: não houve genocídio indígena, os portugueses nunca estiveram na África para fazer tráfico de escravos, não houve ditadura, não houve tortura. É a negação de um evento em que há evidências fortes, testemunhais, materiais, documentais. Eles dizem que não foi bem assim, não foi o objetivo da política, foi um acidente. Esse tipo de postura não tem respeitabilidade no meio historiográfico brasileiro ou internacional. Mas é um fato social.

E por que ele está surgindo hoje no Brasil?

Há um segmento ideológico da sociedade que reclama uma outra história do País, que acha que a historiografia do Brasil nos últimos anos deu ênfase à chamada vítima da história, as classes populares. A extrema direita não se reconhece na produção.

Vale ressaltar que não existe problema em revisionismos históricos, sendo inclusive inúmeros com relação às mais diversas temáticas a respeito da própria História do Brasil. Poderia exemplificar com relação à Guerra do Paraguai, no qual na historiografia temos três versões (revisionista, moderna e tradicional), a própria Segunda Guerra Mundial vive passando por revisionismos, a Ditadura Civil Militar brasileira, como diz Napolitano:

Houve revisionismo com relação à ditadura o Brasil?

Sim, e não necessariamente feito por pessoas de direita. Historiadores progressistas revisaram temas polêmicos que a própria memória de esquerda defendia, como a participação da

³⁴ CAFARDO, Renata. “Com risco de chegar as escolas, negação da história preocupa especialistas”. UOL Educação, 28 de abril de 2019. Disponível em: https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2019/04/28/com-risco-de-chegar-as-escolas-negacao-da-historia-preocupa-especialistas.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=uol&utm_content=geral. Acesso em 28 de abril de 2019.

sociedade no golpe. A memória da esquerda falava que o golpe tinha sido feito por meia dúzia de militares, alguns políticos e apoio americano. E a sociedade tinha sido vítima. Isso não corresponde à realidade histórica e, nos últimos anos, esse tema apareceu.

Essas visões negacionistas têm sido cada vez mais exploradas pelas direitas brasileiras, inclusive, no ensaio brilhantemente escrito por Mateus Pereira³⁵ percebemos como a memória e a história têm sofrido fortes embates com relação a sua veracidade e, como as memórias são fruto de grandes disputas para se decretar a tão especulada verdade. Trago o caso de Pereira por ser a respeito da ditadura civil-militar, tema investigado pela Comissão Nacional da Verdade e, por termos recentemente a ascensão à presidência da república de uma pessoa alinhada ideologicamente a extrema direita e ex-militar. Cito-o por ser uma figura pública que alavanca discursos favoráveis a torturadores, é adepto de uma posição contrária à existência de uma ditadura ou golpe militar³⁶ e de convicções e dados que faltam ou distorcem com a verdade na maioria das vezes³⁷, tornando-o assim um fenômeno disseminador de *fake news*. Sobre isso, Pereira conclui de forma interessantíssima:

A negação e o revisionismo foram eleitos por nós como elemento importante para a compreensão dessa guerra de memória, pois cremos que eles têm um papel importante no impedimento ou na edificação de uma “justa memória”, pois dificultam o arrependimento, a culpa e o remorso por parte dos apoiadores, encobridores e perpetradores de crimes imprescritíveis e ações imorais, como a prática da tortura e assassinatos ontem e hoje, ontem e amanhã. Acreditamos que a ampliação desse tipo de lógica pode ser relacionada, pelo menos no plano simbólico, a algum tipo de re-ação a uma possível “inscrição frágil” de uma memória pública daquele passado-presente que, em certa medida, pode ter sido intensificado pela existência e pelos trabalhos da Comissão da Verdade (ainda que se possam fazer muitas críticas justas a esta). Essa re-ação cria, ao mesmo tempo, mais força para a luta pela verdade e pela justiça e, assim, as condições para a edificação dessa frágil inscrição.

³⁵ PEREIRA, Mateus. Nova direita? Guerras de memória em tempos de comissão de verdade (2012-2014), *Varia História*, vol. 31, n. 57, p.892-893, 2015.

³⁶ OSAKABE, Marcelo. “Bolsonaro no Roda Viva: não houve golpe militar em 1964”. O Estado de S.Paulo, 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nao-houve-golpe-militar-em-64-afirma-bolsonaro-no-roda-viva,70002423000>. Acesso em 12 de Outubro de 2018.

³⁷ Recentemente, o site Café História traz uma série sobre o golpe de 64, com o professor Carlos Fico, uma das maiores referências sobre ditadura no Brasil, onde a argumentação apresentada por Bolsonaro no programa Roda Viva é contrariada. Sobre isso ver: CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Especial sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar no Brasil é destaque no Café História (notícia). In: **Café História – História feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/especial-golpe-55-anos/>. Publicado em: 13 mar. 2019.

2.2

Uma luz no fim do túnel: O movimento de fortalecimento da academia, da educação e da História.

Cada vez mais ideias que não possuíam espaços legítimos começaram a circular no imaginário do senso comum e, conforme vimos no decorrer deste capítulo, a conquista desse espaço legítimo tem nomes, meios, formas e contexto. Por maior que seja a tentativa de conquista de espaços e a guerra nos meios digitais, esses “revisionismos *fakes*” começam a ser combatidos com uma produção que, timidamente, extrapola os muros da academia e tentam levar para os não acadêmicos visões historiográficas com linguagem e formato adaptado. Jamais poderia ser leviano em deixar de apontar canais de divulgação científica preocupados (justamente por essa onda de revisionismos e ataques ao ensino superior) em levar para o grande público informações sobre pesquisas e produções que andam sendo realizadas pelas mais diversas universidades e pesquisadores do Brasil a fora.

Um dos principais divulgadores de pesquisas para o público é o site Café História. Desde sua fundação, em 2008, seus editores possuem como preocupação a divulgação científica para o grande público, tornando-se um dos principais meios de divulgação e produção de História Pública no Brasil. Ao entrarmos no site, podemos perceber o quão completo são as discussões e como essa linguagem é acessível para o público em geral. Conforme os editores Bruno Leal Pastor de Carvalho³⁸ e Ana Paula Tavares³⁹ falam a respeito da organização e divisão do site:

³⁸ Fundador e editor do Café História. É professor adjunto de História Contemporânea do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em História Social (UFRJ, 2015). Mestre em Memória Social (UNIRIO, 2009), Especialista em História Contemporânea (PUCRS, 2010), Graduado em História (UERJ, 2006) e Comunicação Social (UFRJ, 2006). Foi professor do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). Tem pós-doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisa História Pública, História Digital e Divulgação Científica. Também desenvolve pesquisas sobre crimes nazistas e justiça no pós-guerra, com especial ênfase no destino dos criminosos nazistas. Foi coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos e Árabes da UFRJ, o NIEJ entre 2011 e 2018. É membro da Rede Brasileira de História Pública e da Associação das Humanidades Digitais.

³⁹ Subeditora do Café História. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (PPHPBC/FGV). Possui graduação em Comunicação Social – habilitação jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (2006). É formada em teatro pela Casa de Artes de Laranjeiras – CAL (2010). Trabalhou na Fundação Roberto Marinho e na Globosat, no Rio de Janeiro. Estuda gênero e atuação profissional

Os conteúdos do Café História estão divididos em quatro seções especiais: **Bibliografias Comentadas** (referências bibliográficas sobre um tema específico e comentada por um especialista), **História Importada** (traduções de matérias publicadas em sites acadêmicos estrangeiros), **Entrevistas** (com profissionais da história e das ciências humanas em geral) e **Artigos** (produzidos pelo próprio Café História ou por profissionais convidados pelo Café História). Toda segunda-feira publicamos um artigo ou uma bibliografia comentada ou uma história importada ou uma entrevista. Além disso, temos duas seções complementares: **Dicas de Livros** (dicas de livros antigos e novos), atualizada uma vez por mês, e **Notícias** (notícias sobre o meio acadêmico e escolar, produzidas originalmente pelo Café História), atualizada de terça a sexta. Você também pode procurar nossos conteúdos por grandes áreas temáticas: antiga, medieval, moderna, contemporânea, Brasil, América, Ensino, Teoria e Historiografia etc.

A produção desses materiais também é bem interessante para que se pense trabalhos para sala de aula, servindo de fonte a fim de que os alunos possam pesquisar e para que o professor possa extrair conteúdo para ilustrar as aulas. Esse canal de divulgação é importante para que os responsáveis pela educação nos próximos quatro anos não acreditem que as universidades públicas são locais de “balbúrdias”⁴⁰, mas sim (como de fato é) local de ensino, pesquisa e extensão.

A História, desde 2017, sofre com a perda de uma das mais importantes revistas de divulgação do conhecimento histórico para o público: A Revista de História da Biblioteca Nacional (RHBN). A importância dessa revista se dava pelo seu conteúdo de qualidade, produzido por especialistas da área e referendada pela Associação Nacional de História (ANPUH). Contudo, por problemas financeiros, a circulação foi interrompida no ano de 2016 de maneira impressa e, em 2017, a versão digital também não foi mais produzida, tendo seu site saído do ar e os registros impossibilitados de serem acessados pelo canal oficial. Hoje, para se ter acesso a esse meio, se faz necessário o uso do *Internet Archive*⁴¹.

através da trajetória da jornalista judia Yvonne Jean, que imigrou para o Brasil no final dos anos 1930 fugindo da perseguição nazista na Europa. No Brasil, Jean tornou-se um importante nome da imprensa brasileira.

⁴⁰ AGOSTINI, Renata. “MEC cortará verba em universidade; UnB, UFF e UFBA já sofrem”. Terra, 30 de abril de 2019. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-enquadra-unb-uff-e-ufba_5e38f2f9314b693a48dc1ed5b41179c68jeint5.html. Acesso em: 30 de Abril de 2019.

⁴¹ Para maiores informações de como utilizar essa ferramenta, ver informações em: <https://www.cafehistoria.com.br/rhbn-site/>. Acesso em: 25 de janeiro de 2019.

Outra revista que também parou de ser produzida, mas que ainda é possível de se comprar exemplares é a *História Viva*⁴². Mantida pela Ediouro, fazia um trabalho similar ao da RHBN, a tal ponto de ser tratada como um meio de esperança para tornar pública a História, conforme mostra o artigo já citado anteriormente por Jurandir Malerba. Após sua publicação, em 2014, não se imaginava que em pleno 2019 estaríamos discutindo a falta de opções sérias para consumo e divulgação de uma História pujante e de pesquisas atualizadas, já que tínhamos o seguinte cenário:

[...]as discussões em programas de todo tipo de mídia (internet, TV, rádio) sobre memória, lembrança, trauma, luto e esquecimento (em países com experiências devastadoras da Segunda Guerra, como a Alemanha, o Japão, a Inglaterra e os Estados Unidos, ou que passaram por regimes políticos de exceção, como a Argentina, o Chile e o Brasil). O entusiasmo pela história viva contagia as nações. No Brasil, onde os folhetins televisivos têm grande audiência, incontáveis minisséries de sucesso tiveram como enredo questões de fundo histórico. Seguindo a moda estrangeira, inúmeras revistas de história com fim de divulgação científica circulam hoje no país. Em suas mais diversas formas de apresentação popular, também aqui o passado nos cerca. Editores, publicitários e homens de mídia em geral descobriram que o passado pode representar bons negócios. Uma ampla demanda social por história é patente, e historiadores rompem a “torre de marfim” para tornarem-se *personas* públicas. [...]⁴³

Pois bem, esse cenário descrito por Malerba em 2014, hoje, nos parece muito distante. A TV aberta, por exemplo, deixou de tratar em séries, assuntos relacionados a questões históricas, sejam elas de cunho global ou nacional. Na TV paga, o canal *History Channel* pouco produz a respeito de História, e quando produz, está relacionada aos “guias” ditos anteriormente onde temos a apropriação de ideias de historiadores renomados para uma distorção que, no mínimo, podemos considerar uma desonestidade intelectual⁴⁴. Dado esse cenário, entendemos, mais uma vez, a importância do Café História como importante e recente meio de

⁴² Para adquirir os exemplares da revista, é necessário acessar o link: https://www.lojasegmento.com.br/edicoes_avulsas/?revista=hy

⁴³ MALERBA, Jurandir. Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History, *História da Historiografia*, n. 15, pp. 29, Agosto, 2014.

⁴⁴ ROCHA, Pedro. “Historiadores pedem para ter imagem retirada da série ‘guia politicamente incorreto’”, do History”. Estado de S.Paulo, 23 de outubro de 2017. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,historiadores-pedem-para-ter-imagem-retirada-da-serie-guia-politicamente-incorreto-do-history,70002057115>. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

divulgação científica no campo das ciências humanas, principalmente na área de História.

Para além do fortalecimento da divulgação científica em História promovida por Bruno Leal, através de seu site trabalhado junto com Ana Paula Tavares, existem movimentos surgindo nas universidades para que se comece a divulgar nas grandes mídias pesquisas, fóruns e tudo que se é produzido dentro da universidade com potencial jornalístico. Uma das pioneiras nesse processo é a Universidade Federal Fluminense (UFF). Dentre as ações propostas no programa lançado em 29 de abril de 2019 estão:

[...]relacionamento com a imprensa, dicas para entrevistas, sistema de busca de especialistas para jornalistas, vídeos de bolsistas PIBIC e Faperj nas mídias sociais, entre outras [...] ⁴⁵

A importância da busca por meios mais tradicionais de divulgação é de fundamental importância, pois dificilmente quem não frequenta o meio acadêmico se informa ou recebe notícias a respeito do que se é produzido nas universidades, porém, por mais silenciosas que possam parecer para o grande público, as universidades estão em pleno funcionamento e lutando contra os recursos e cortes que se apresentam. A forma na qual essa relação pretende ser feita com a grande mídia é explicada por João Fanara:

Uma das ações da iniciativa é a aproximação com a imprensa geral e especializada por meio relacionamento pró-ativo e do envio de *releases* sobre as pesquisas. A equipe de assessoria de imprensa, em conjunto com a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, mapeia projetos que se encaixem em critérios de noticiabilidade jornalísticos e prepara reportagens ou sugestões de pautas para serem replicadas e aprofundadas pelos jornais.

“Estamos intensificando de forma muito proativa nosso relacionamento com os jornalistas dos meios de comunicação do Rio de Janeiro e do Brasil. Só nesses primeiros meses do ano, emplacamos matérias sobre a UFF na TV Record, TV Brasil, Jornal do Brasil, O Globo, O Dia, BandNews FM, Agência EBC e muitos outros veículos”, explica o superintendente de Comunicação Social, João Fanara.

Outra iniciativa foi o lançamento do site Pesquisadores UFF. A proposta do portal é oferecer um canal de busca de especialistas

⁴⁵ SCS. “UFF lança projeto de divulgação científica”. UFF, 29 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=noticias/29-04-2019/uff-lanca-projeto-de-divulgacao-cientifica>. Acesso em 29 de abril de 2019.

para ser consultado por jornalistas e pela sociedade em geral. “É muito comum nossa assessoria de imprensa receber pedidos para professores sobre temas muito específicos, como inteligência artificial. O site pesquisadores UFF é um canal para buscas fáceis e rápidas sobre quem pesquisa qual tema na universidade, assuntos relacionados, publicações”, detalha o superintendente. O site pode ser acessado pelo endereço: <http://pesquisadores.uff.br>⁴⁶

Para concluir esse capítulo, é preciso trazer à tona uma discussão que começa a ser realizada nos encontros acadêmicos e que perpassa pela necessidade de uma atualização dos historiadores e pesquisadores de maneira geral: como trabalhar e manusear as novas tecnologias? Cada vez mais percebemos a importância de ocupar espaços até então ignorados pela academia, sendo esses espaços tanto as redes sociais, como *Youtube* e mídias digitais. Como vimos anteriormente, a própria UFF já se encaminha para começar a ocupar os mais variados espaços de divulgação científica, não mais se atendo às revistas acadêmicas de divulgação ou eventos realizados em territórios universitários.

O combate ao negacionismo se dá ao sair da nossa área de conforto e ao mostrarmos para o senso comum o quão movimentado e disputado são os debates dentro da academia. Cabe a nós, e a quem se propuser, seguir rigores inerentes à pesquisa em História, profissionais ou leigos, mostrarmos dentro desses novos espaços que os revisionismos existem, são feitos, mas não da forma de negar o material já consolidado, meramente por questões ideológicas. Existe rigor, novas fontes, novas análises e tais debates compõem as historiografias que não são imutáveis. Por mais que o público geral busque uma resposta absoluta para todo e qualquer tipo de questão, cabem aos professores e pesquisadores quebrar esse pensamento com a pluralidade de ideias e pesquisas, para que assim cada vez mais tenhamos riqueza de debates nos encontros em sala de aula, seja ela da educação básica, seja ela na esfera superior.

Atualmente, o campo da História Digital promove um debate bastante qualificado a respeito da inserção do historiador nesse mercado digital, bem como a qualidade do que se pode produzir dentro desse espaço. Por ser um debate

⁴⁶ Ibidem.

relativamente recente, ainda possui certas questões que precisam ser refletidas. Sobre isso, Anita Lucchesi⁴⁷ levanta:

Nesse sentido, convocamos os colegas a discutir as implicações das mudanças tecnológicas que mencionamos acima, bem como refletir sobre a assunção disso como objeto de estudo da história também em nosso país, que é o quinto mais conectado do mundo e já ultrapassa a marca de 100 milhões de usuários de Internet. Com isso em mente, levantamos algumas questões para refletirmos a importância de criar reais possibilidades de instrução em História e Historiografia Digital em universidades do Brasil. Entre as questões a serem discutidas, destacamos as seguintes:

(1) Quais são as implicações conceituais da “revolução tecnológica” que trouxe consigo uma reassignificação das noções de espaço e tempo, especiais para o trabalho do historiador? Considerar o presentismo e a desterritorialização frente à intensificação da virtualidade do ciberespaço;

(2) Qual é qualidade e a quantidade de materiais disponíveis para historiadores no mundo digital? Como essas potenciais fontes estão diversamente acessíveis? Como são diferentemente compreendidas enquanto documentos digitais, distintos de sua forma analógica (material, de papel)? Considerar a hipertrofia da memória no Tempo Presente;

(3) Como a existência das novas ferramentas digitais podem sugerir ou forjar novas práticas para/na operação histórica? Os métodos decorrentes dessas práticas podem promover novos *insights* no tratamento de problemas históricos? Considerar novos procedimentos investigativos (exemplo: técnicas de *textmining*);

(4) Quais são as oportunidades para o trabalho acadêmico realizado em formato colaborativo? Que inovadoras pedagogias podem resultar de uma comunicação sem fronteiras institucionais via mídias digitais? Considerar realização de projetos digitais que extrapolam os “muros da universidade” (exemplo: Voyages – Trans-Atlantic Slave Trade Database⁴⁸)

(5) Quais seriam as novas possibilidades de representação do passado (resultado da fase representativa da operação história) neste cenário potencialmente inovador? Considerar projetos de

⁴⁷ Mestre em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação e licenciatura plena em História pela mesma universidade (2012). É membro e pesquisadora do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS) e da Rede Brasileira de História Pública. Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/2768895341773857>. Email: anita.luccheis@gmail.com

⁴⁸ <https://www.slavevoyages.org/tast/index.faces>

História Digital (exemplo: Identidades do Rio⁴⁹, The Valley of the Shadow⁵⁰)⁵¹

Das provocações propostas por Anita, temos principalmente como caminhos para uma defesa do ensino de História e da docência a necessidade de produção nos meios digitais e, sobretudo, a necessidade de se aprender a usar tais meios como produção e para produção. Citei o caso do Café História dentro desse contexto que nos serve como bom exemplo, mas que ainda é pouco frente ao período político obscuro que enfrentamos. Entendo que a proposição exposta no quinto tópico é bastante razoável e possível, visto a quantidade de pessoas que acessam os meios digitais no Brasil (evidentemente sem desconsiderar o tamanho do território brasileiro e suas desigualdades) e, conforme exposto, como essa população anda consumindo conteúdos produzidos por pessoas não qualificadas para discussões de temáticas históricas. O momento requer uma disputa, mesmo sabendo que essa disputa jamais deveria existir.

⁴⁹ <http://www.pensario.uff.br/>

⁵⁰ <http://valley.lib.virginia.edu/>

⁵¹ LUCCHESI, Anita. Por um debate sobre História e historiografia digital. Boletim Historiar, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57 | Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

3

Os Efeitos Práticos dos Discursos Negacionistas

Tu sabes que, em tese, o analfabetismo poderia ter sido erradicado com ou sem Paulo Freire. O que faltou, centralmente, foi decisão política. A sociedade brasileira é profundamente autoritária e elitista. Para a classe dominante reconhecer os direitos fundamentais das classes populares não é fácil. Nos anos 60 fui considerado um inimigo de Deus e da pátria, um bandido terrível. Pois bem, hoje, eu já não seria mais considerado um inimigo de Deus. Você veja o que é a história. Hoje diriam apenas que sou um saudosista das esquerdas. O discurso da classe dominante mudou, mas ela continua não concordando, de jeito nenhum, que as massas populares se tornem lúcidas.⁵²

Hoje, no Brasil, ocorre uma disputa de discurso bastante clara por parte de grupos político e ideologicamente distintos. Resumir em uma caixa ínfima polarizada entre “esquerda” e “direita” é levar a temática para um ponto de vista de uma luta entre o “bem” e o “mal” em que resumiríamos consideravelmente esse importante debate em voga na sociedade brasileira, além de distorcer o real sentido de análise dessa disputa de narrativa. O que proponho aqui é observar os impactos que ambos os lados estão propensos a cair no ardiloso caminho das “*fake news*”, sendo essa elaboração ora mais sofisticadas, e em outros momentos identificamos devido à forma pitoresca que se apresentam⁵³.

Um dos grandes desafios é saber identificar o que pode ser ou não uma notícia falsa, tendo em vista as formas como as referências acadêmicas, consolidadas, são distorcidas pelos mentores de uma direita reacionária, conservadora e obscurantista. Conforme discutimos no capítulo anterior, valorizar a ciência, pesquisa e metodologias sérias e referendadas são caminhos para não nos deixarmos levar pelas armadilhas que, principalmente as redes, nos apresentam. Outro caminho que nós temos é tentar controlar nossas emoções políticas nos abrindo ao diálogo em prol de um racionalismo de ideias. Em outras palavras, é

⁵² Retirado de entrevista à Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/04/por-que-o-brasil-de-olavo-e-bolsonaro-ve-em-paulo-freire-um-inimigo.shtml>

⁵³ Nesse sentido, me refiro as *fake news* direcionadas ao campo da educação e pesquisa, principalmente as que se propõe ao negacionismo de questões consolidadas na Ciência.

possível concordar com pontos de vista de um socialista sendo um liberal, bem como ao contrário. As disputas, fruto dessa polarização já descrita no capítulo anterior, é percalço no qual se gera o cenário de instabilidade necessário para a propagação de um discurso não só negacionista, como obscurantista disfarçado de revisionista e, inclusive, em muitos casos, mentiroso (com requintes de fascismo). Vale ressaltar que o problema não é o revisionismo, dado o fato de que temáticas como a guerra do Paraguai, Revolta dos Malês, dentre outros eventos em História passam por revisionismos e novas pesquisas que apresentam versões acrescentadas, inovadoras e inéditas aos que já foram estudados. O grande problema é a intenção que vem por de trás desse discurso negacionista do que é concreto.

Dentro desse cenário, cabe tratar alguns conceitos para que o discorrer desse texto seja ainda mais claro. Diante da conjuntura em que nos encontramos, ao falarmos desse negacionismo brasileiro gosto da definição proposta por Arthur Ávila⁵⁴ em artigo publicado no Café História⁵⁵, em que o mesmo entende que se trata de “expulsar do horizonte político e intelectual quaisquer contestações, sempre associadas a conspirações e doutrinações diversas, às suas narrativas.”. Em outras palavras, compreendemos o negacionismo recente aplicado e difundido como um projeto político, com reais intenções de trazer uma narrativa que no caso da educação, seja em uma esfera mais acadêmica ou na educação básica, colocam professores e pesquisadores como inimigos e detentores de “verdades” que foram ocultadas por tempos, sendo esses negacionistas os responsáveis por abrirem os olhos da sociedade.

Por um mesmo lado, como uma espécie de degrau, temos o chamado obscurantismo. Quando buscamos a palavra no dicionário⁵⁶, temos como resultado algumas definições: 1- Estado de espírito refratário à razão e ao progresso; 2- Doutrina daqueles que não desejam que a instrução penetre na massa do povo; doutrina contrária ao progresso intelectual e material; 3- Estado completo de

⁵⁴ Arthur Lima de Avila possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e doutorado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com bolsa do CNPq e cuja tese recebeu o Prêmio Capes 2011 em História.

⁵⁵ AVILA, Arthur de Lima. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Publicado em: 29 abr. 2019. Acesso: 30/07/2019.

⁵⁶ Retirado do dicionário online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/obscurantismo/>

ignorância. Ao falarmos desse obscurantismo, tomo como base algo que é consequência do negacionismo. Enquanto o negacionista se esforça na produção de materiais para corroborar com sua “pesquisa”, o obscurantismo se encarrega de espalhar e tornar a parte teórica na “nova verdade”. Portanto, o obscurantismo trata de angariar defensores que irão não só acreditar no negacionismo produzido, como espalhar pela sociedade essas correntes de pensamento carregadas de um projeto político à direita. Sendo assim, é perfeitamente possível ser um negacionista obscurantista, uma vez que ao elaborar sua “nova verdade” se criam meios de espalhar entre os indivíduos e, automaticamente, torna essa pessoa criadora uma militante obscura ou, inclusive, é possível termos aproveitadores que utilizarão do negacionismo e obscurantismo para enriquecer ou implementar seus projetos políticos. Diante o discorrido, trarei alguns grupos e membros que atualmente, influenciado na base teórica formulada pelas figuras narradas no capítulo anterior, atuarão no combate e perseguição aos docentes da área de História.

Um dos grupos que vamos estudar a partir de agora é o chamado Movimento Escola Sem Partido (MESP). Adianto que a proposta não é explicar a origem do movimento, narrar sua história parte a parte, dentre outras questões. Pretendo me ater a demonstrar como o grupo consegue se fortalecer e crescer no imaginário popular graças a discursos e práticas adotadas no atual cenário nacional que corroboram os efeitos práticos do discurso negacionista aos educadores (principalmente nós das Ciências Humanas, principais alvos do movimento), somados aos ambientes precisos para a divulgação do mesmo e que impactam o ensino de História. Portanto, se fizéssemos uma comparação popular, o MESP seria a linha de frente, os soldados, que dão o rosto para o ataque, em que temos, nos seus personagens, entidades e grupos (nem sempre) escondidos pautando o combate aquilo que os mesmos desejam implementar: Uma educação ideológica.

Cabe ainda, antes de aprofundarmos esse assunto, falar desses setores auxiliares ao MESP, para um panorama da questão, informar que tipo de educação visamos e como atuamos na nossa prática docente, no cotidiano escolar e na formação que tivemos. Pauto aqui a defesa de uma educação livre, democrática, crítica e ampla, justamente o que vai incomodar grupos do chamado conservadorismo brasileiro e setores considerados hegemônicos da sociedade.

A começar uma análise sobre o grupo, quando ainda na posição de graduando, era muito comum ao ouvirmos vídeos, palestras, debates com a presença do professor Fernando Penna⁵⁷ ao início de suas apresentações, ouvi-lo falar algo parecido com: “O nome do movimento é muito atrativo aos olhos do público, Escola Sem Partido, todos nós queremos que a escola não tenha um partido, seja livre, mas essa “Escola Sem Partido” é sem qual partido?”. Essa reflexão inicial, que ficou fixada em minha memória até hoje, poderia resumir tranquilamente os reais objetivos de Miguel Nagib ao fundar o Movimento Escola Sem Partido. Um movimento que se diz independente, que busca livrar o Brasil de aulas ideologizadas, doutrinadoras, tratando o professor como inimigo da educação, mas que ao mesmo tempo, busca apoio público político para continuar na sua luta pelo Brasil.⁵⁸ Outro pensador que endossa essa forma de pensar é Dermeval Saviani, no qual encontramos em uma entrevista sua, uma fala bastante elucidativa a respeito dessa questão de “neutralidade” proposta pelo movimento:

Ao proclamar a neutralidade da educação, o objetivo é o de estimular o idealismo dos professores fazendo-os acreditar na autonomia da educação em relação à política, o que fará atingir o resultado inverso ao que estão buscando: em lugar de, como acreditarem, estar preparando seus alunos para atuar de forma autônoma e crítica na sociedade, estarão formando para ajustá-los melhor à ordem existente e aceitar as condições de dominação às quais estão submetidos.⁵⁹

A origem desse movimento remonta ao ano de 2004, quando o filho de seu fundador, Miguel Nagib, segundo ele relata toda vez quando questionado⁶⁰ e relata

⁵⁷ “Diretor da Faculdade de Educação da UFF e parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História Social da FFP UERJ. Doutor e Mestre em Educação pelo PPGGE da UFRJ e bacharel e licenciado em história pela mesma universidade. Atualmente é coordenador do Movimento Educação Democrática e líder do grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos em Educação Democrática” (NEED). Condecorado com a Medalha Tiradentes, concedida pela ALERJ, em 2017. Tem dedicado suas pesquisas mais recentes aos temas: educação democrática, ensino de história e “escola sem partido”.”

⁵⁸ No dia 18 de julho, Miguel Nagib anunciou que o movimento seria encerrado em 1º de agosto devido à falta de apoio do presidente Jair Bolsonaro. “Sentimos falta de apoio. Não temos recursos. Não esperávamos um suporte do governo, mas um apoio político do presidente Bolsonaro” —Nagib. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/escola-sem-partido-anuncia-suspensao-de-atividades-criador-do-movimento-desabafa-esperavamos-apoio-de-bolsonaro-23817368>. Acessado em: 20 de outubro de 2019.

⁵⁹ SAVIANI, Dermeval. “Escola sem partido: o que isso significa?”. Portal Vermelho, 8 de setembro de 2017. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2017/09/08/dermerval-saviani-escola-sem-partido-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

⁶⁰ BEDINELLI, Talita. ““O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis”. El País. 25 de junho de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html. Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.

no próprio site do movimento⁶¹, ao ter uma aula de História, seu professor comparou Che Guevara a São Francisco de Assis. Nagib, católico declarado, ficou inconformado e a partir daí começou a sua saga para o combate do que ele entendia ser uma doutrinação. Nesse contexto citado, fica clara as origens de sua análise sendo oriundas de um universo particular e com uma forte indicação de generalização da questão doutrinação, escolhendo seu principal personagem para vilão: a figura do professor. Não à toa, o lema do movimento é “professor não é educador” e, não obstante, Paulo Freire, patrono da educação brasileira, é um verdadeiro “inimigo da constituição e da moralidade educacional”. Nas palavras de Nagib, portanto:

O que a gente defende é que alguns dos ensinamentos de Paulo Freire se chocam com a Constituição. Nossa crítica é de natureza jurídica, porque o uso da sala de aula para efeito de transformação da sociedade, como ele defendia, dependendo da maneira com que isso é aplicado, viola a liberdade dos alunos e a neutralidade política e ideológica do Estado.⁶²

Percebe-se declaradamente que o MESP parte do pressuposto de observarem professores como inimigos e, por isso, devem ser perseguidos. Como o próprio Penna descreve em suas entrevistas e textos⁶³, há uma clara tentativa de intimidação e coação ao trabalho do professor, sendo esse considerado inimigo. Tais perseguições partem desde gravar aulas para expor o profissional e, conseqüentemente, gerar uma punição não só moral como econômica na vida familiar daquele indivíduo, uma vez que o mesmo pode acabar perdendo o seu emprego, principalmente se for profissional da área privada, como a agressões verbais e físicas, essas, fruto de um cenário macro da política nacional estimulado pelos soldados do MESP e referendados pelas alas reacionárias que solaparam a política e atualmente instalaram-se no ministério da educação e, conseqüentemente, na presidência da república.

⁶¹ Escola sem Partido. «Quem somos». www.escolasempartido.org. Consultado em 30 de julho de 2017

⁶² SOUZA, Marcelle. “Legado de Paulo Freire é defendido por uns e odiado por outros.”. Galileu (revista). 2 de Maio de 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/legado-de-paulo-freire-e-defendido-por-uns-e-odiado-por-outros.html>. Acessado em 23 de novembro de 2019.

⁶³ Em entrevista concedida ao canal do Youtube Ditadura Nunca Mais, Penna discorre a cerca do que ele vem captando em seus estudos sobre as ações que os professores vem sofrendo por conta da atuação do Escola Sem Partido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pVS71YGaUQo>. Acessado em 20 de abril de 2020.

Portanto, professores têm sido cada vez mais associados, por parte de grupos conservadores, a grandes doutrinadores, militantes a serviço de partidos políticos com viés ideológico de esquerda, impositores de fé não condizente com as praticadas pelas famílias dos discentes, dentre outras acusações que encontram suas bases feitas em gravações entregues ao movimento. O depósito desse material é realizado em seu site⁶⁴ e, em alguns casos, os vídeos são expostos para que o público, em uma visão dos membros do MESP, possa testemunhar como o processo do que eles chamam de “ideologização” ocorre nas escolas pelo Brasil⁶⁵.

Adentrando um pouco mais no que eu venho chamando de soldados do MESP, mediante a breve elaboração desenvolvida até aqui, já fica evidente que são os cidadãos comuns os responsáveis por produzir material supostamente ideologizado para carregar o site do movimento. Sem o apoio e incentivo às práticas de gravações e perseguições, ficaria impossível dar materialidade e continuidade ao que o site se propõe a lutar contra. Mediante esse cenário, conforme dissertação de mestrado defendida em 2016 por Fernanda Pereira de Moura⁶⁶, alguns episódios são marcantes para alavancar a visibilidade do MESP, sendo as atuações de destaque podendo ser destacadas em três momentos:

O primeiro momento se deu em 2007 por ocasião da polêmica gerada pela coluna no Jornal O Globo do jornalista Ali Kamel, no qual ele fez duras críticas à coleção de livros didáticos Nova História Crítica, de Mario Schmidt (KAMEL, 2007); o segundo momento foi em 2011, com a querela gerada em torno do material produzido pelo Ministério da Educação de Combate à Homofobia (SOARES, 2015), chamado pela mídia de “Kit Gay”[...] O terceiro momento de expansão do ESP iniciou-se em 2014, por ocasião da crise política e da polarização da sociedade em torno das campanhas presidenciais da então presidenta Dilma Rousseff e do senador Aécio Neves, e se estende até o atual momento. A oposição ao governo Dilma, como veremos, responsabilizou o partido da então presidenta pela suposta doutrinação “comunista-homossexual”. Desde o início do processo de impeachment contra a presidenta, no final de 2015, o MESP parece ter alcançado ainda mais destaque, uma vez que a denúncia pelos professores de ruptura da ordem democrática

⁶⁴ Site do programa Escola Sem Partido: <http://www.escolasempartido.org>. Acesso em 28/12/2018.

⁶⁵ Um exemplo de denúncia é feito em vídeo publicado no dia 13 de março de 2018, onde uma mãe denuncia uma professora de História em escola pública de Santa Catarina por doutrinação. <http://www.escolasempartido.org/defenda-seu-filho-categoria/669-mae-denuncia-professora-militante-em-escola-publica-de>. Acesso em 26/02/2019.

⁶⁶ MOURA, Fernanda Pereira de “Escola sem partido”: relações entre estado, educação e religião e os impactos no ensino de história / fernanda pereira de moura. -- rio de janeiro, 2016.188 f.: il.

era respondida pelo movimento como abuso da liberdade de ensinar e doutrinação política e ideológica.

No decorrer dessas frentes de atuação, por vários momentos houve uma tentativa de tornar jurídico o debate referente ao movimento. Principalmente através do alinhamento com partidos políticos conservadores e, principalmente, a grupos religiosos para o fortalecimento desse ataque contra uma educação crítica e libertadora. Nesse sentido, existe inclusive, já debatidos pelo STF a inconstitucionalidade de pautas levantadas como sendo “doutrinação” nas escolas e como exemplo, temos o recente caso da questão chamada de “ideologia de gênero”⁶⁷. Cabe ainda ressaltar que o termo apropriado pelo campo da educação sobre o debate de gênero nunca foi “ideologia”, mas sim de que há uma necessidade de se discutir no âmbito escolar gênero e sexualidade, uma vez que a escola acompanha as diversas fases de crescimento do jovem, e mostrar a necessidade de identificar eventuais abusos e crimes se faz necessário, bem como a instrução e o debate fundamental sobre métodos contraceptivos e o que abrange a chamada educação sexual.⁶⁸ Isso sem falar da questão da homofobia e dos vários casos de feminicídio que ocorrem no Brasil, um país estruturalmente violento no tratamento das mulheres.

3.1

A bancada BBB- Boi, Bala e Bíblia como braço auxiliar do MESP.

O debate conservador levantado pelo MESP traz consigo uma questão que gera uma distorção a ser exposta logo de cara. Ao defender uma suposta neutralidade no ambiente escolar, o movimento joga o debate sobre “doutrinação” para uma esfera moralista e, não necessariamente, política ideológica. Quando digo isso, estou referindo que assuntos como “ideologia de gênero” ou “kit gay”, dentre outras pautas expostas pelo movimento nem sempre estiveram na esfera exclusivamente política de debates. Ao angariar seus apoios políticos no congresso

⁶⁷ SALDAÑA, Paulo. “Por unanimidade, Supremo declara inconstitucional lei municipal de 'ideologia de gênero'”. Folha de S.Paulo. 24 de abril de 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/stf-forma-maioria-para-declarar-inconstitucional-lei-que-veta-discussao-de-genero-nas-escolas.shtml?fbclid=IwAR0pNT-73gIgi3baT_HjqWSIwtxeyTszoe_4HCb3OIQH15ghdRGfucpUB_8#erramos. Acesso em: 26 de abril de 2020.

⁶⁸ Cabe ressaltar que a identificação de crimes sexuais, por exemplo, é uma das importâncias do debate sobre gênero e sexualidade. Minha intenção não é de diminuir o tema, que é de suma importância, a uma questão exclusivamente legalista.

nacional, apoios esses que levarão através de seus projetos de lei uma espécie de mordça a liberdade de ensinar, automaticamente, os grupos que vão levar as pautas do MESP são grupos que carregam a bandeira da moralidade conservadora em suas falas e ações. Significa dizer que eles praticam essa moralidade? Não necessariamente, uma vez que podemos citar casos de usos inapropriados⁶⁹ de verbas públicas, como o caso do deputado Marcos Feliciano⁷⁰, marcado por discursos muito enfáticos contrários as chamadas “roubalheiras”, “mamatas” e regalias de governos passados.

Portanto, tais tipos de parlamentares formam a bancada BBB (boi, bala e bíblia), onde no congresso nacional levam debates e projetos de leis (PL’S) que favorecem um dos objetos desse estudo, o Escola Sem Partido. Cabe, ao ressaltar a ligação da bancada da bíblia, não incluí somente a mais famosa, rotulada como bancada evangélica. Há aliada a esse grupo um movimento católico conservador, principalmente entrelaçado com o grupo conhecido por Renovação Carismática, aqui no Brasil. Dissociar católicos conservadores do MESP e de pautas relacionadas ao mesmo é inviável (conforme dito anteriormente, o próprio Miguel Nagib se intitula católico). A começar pela origem do termo de uma das pautas que, por conveniência, na esfera parlamentar, para que pudesse angariar apoio político e popular, abraçou-se a essa bandeira de luta pela moralidade e incorporou a “ideologia de gênero” aos seus engajamentos. Portanto, o debate sobre gênero e sexualidade passa a ser visto como uma “doutrinação”, por mera conveniência. Por isso, mais uma vez reitero: a propensa neutralidade defendida por seus integrantes não se sustenta, uma vez que para impor suas bandeiras, é preciso politizar e alinhar junto aos partidos políticos e congressistas essa questão. Sobre isso, Miguel⁷¹ diz:

A fusão da denúncia da doutrinação marxista de inspiração gramsciana com a oposição à “ideologia de gênero” obedeceu, assim, ao senso de oportunidade do MESP. Deu a ele aliados de peso, uma capilaridade com a qual nem poderia sonhar e um discurso com ressonância popular muito mais imediata. A

⁶⁹ Nesse caso, entende-se inapropriado como sendo algo não muito relativo às suas funções como deputado e que não teriam efeito ao público.

⁷⁰ Um caso famoso do referido deputado foi a utilização de dinheiro público para tratamento odontológico de valores elevados. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/camara-dos-deputados-paga-157-mil-por-tratamento-odontologico-de-feliciano-23854885>

⁷¹ MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola Sem Partido e as leis da mordça no parlamento brasileiro. Direito e Práxis. Rio de Janeiro, v.7, n.15, 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

confluência foi facilitada graças ao trabalho de propagandistas da extrema-direita, em particular os alinhados a Olavo de Carvalho, para quem a dissolução da moral sexual convencional é um passo da estratégia comunista. (MIGUEL, 2016, p.601)

Pensando a etimologia da “ideologia de gênero”, por exemplo, vamos à Igreja católica e documentos da Cúria Romana da década de 1990 o qual tivemos o Pontifício Conselho para a Família e a Congregação para Doutrinação da Fé articulando um discurso antifeminista que começava a ganhar espaço na sociedade e, conseqüentemente, nos interiores das Igrejas. Não à toa, o papado de João Paulo II foi marcado pela radicalização do discurso da Santa Sé sobre moralidade sexual. No documento *Carta às famílias* (1994)⁷² foi possível o fornecimento de fundamentos e parâmetros para a elaboração de uma retórica antifeminista que animaria a ofensiva antigênero (JUNQUEIRA, 2019). Atualmente, pela popularização desse discurso conservador que entende a família como “homem e mulher” e toma para si um padrão heteronormativo, acabamos por nos esquecer da origem desse pensamento e, nesse sentido, a Igreja Católica tem grande responsabilidade pela difusão dessas ideias, tanto no Brasil, como no mundo. O esforço de formar sua base de combate não se deu unicamente no pontificado de João Paulo II, Bento XVI (Joseph Ratzinger), enquanto cardeal ainda, produzia materiais voltados para essa questão, seja em publicação como *O Sal da Terra* (1996)⁷³ ou na *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre a colaboração do homem e da mulher na Igreja e no mundo*⁷⁴ (2004). Dentro da Igreja, Ratzinger é um grande expoente intelectual, seus escritos sobre teologia costumam ter grande impacto e repercussão interna e externamente para a comunidade católica, seja o baixo clero ou até mesmo para os leigos⁷⁵.

Outra figura ainda dessa década de 1990 e que provavelmente foi a primeira a utilizar “ideologia de gênero”, conforme diz Junqueira (2019), foi Michel Schooyans, um jesuíta belga também muito influente no Vaticano pelas suas ideias

⁷² Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html

⁷³ Disponível em: <http://millanto.padborg.faqrin.space/LZVRpm71NzG5mu/>

⁷⁴ Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_2004073_1_collaboration_po.html

⁷⁵ Nesse sentido, leigos é a terminologia dada aos fiéis comuns, aos que frequentam as missas.

e posições. No livro *O Evangelho perante a desordem mundial* ⁷⁶(1997), afirmou haver um grande complô mundial por meio de organismos internacionais para implementar a “ideologia de gênero” no mundo. Fato é que baseado nessas referências, o termo foi se popularizando, principalmente em conferências episcopais, movimentos pró-vida, pró-família, dentre outros que, inclusive, estamos bastante habituados em ver na realidade brasileira. Oficialmente, em um documento da Cúria Romana, a publicação *Família, matrimônio e “uniões de fato”* ⁷⁷(2000) e posteriormente em um documento mais amplo e incisivo sobre o tema chamado *Lexicon: termos ambíguos e discutidos sobre família, vida e questões éticas* ⁷⁸(2003) marcaram a incorporação da terminologia ao cotidiano da Igreja e, com o papado de Bento XVI, pôde-se fazer presente a definição da concepção de família da Igreja Católica.

A grande questão por trás desse debate é com relação ao que se propõe com o tema de gênero e sexualidade em escolas e o que, tratando da realidade brasileira, as Igrejas, sejam as congregações protestantes neopentecostais ou a Católica, entendem desse debate. Por um lado, no campo científico, temos a proposta de que essa temática visa orientar e formar os alunos para identificarem eventuais agressões, assédio, machismo, misoginia e não reproduzirem homofobia, transfobia e preconceitos, por outro, no viés religioso, há uma ideia distorcida de que esse debate visa “corromper as famílias” e “inocência das crianças”⁷⁹. Ou seja, temos questões completamente distintas em disputa e sendo chamadas de “doutrinação” nas escolas brasileiras.

Mediante esse cenário do entendimento da etimologia da chamada “ideologia de gênero”, que é uma das pautas defendidas como prática dentro da sala de aula e que nós, professores, somos acusados de estarmos praticando por parte do MESP e seus apoiadores, agora faz o total sentido entendermos os agentes que irão articular os projetos de lei que irão tratar essa temática e o contexto em que elas

⁷⁶ Disponível em: <http://www.michel-schooyans.org/images/publications/LivrosPT/2000EvangelhoPeranteDesordemMundial.pdf>

⁷⁷ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_po.html

⁷⁸ Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/index_po.htm

⁷⁹ GARBAGNOLI, Sara (2014). “Le Vatican contre la dénaturalisation de l’ordre sexuel: structure et enjeux d’un discours institutionnel réactionnaire”. Synergies Italie, n° 10, pp. 145-67.

irão crescer em nosso território. Trabalhei esse entendimento, uma vez que boa parte dos projetos de lei que vão para o congresso nacional e que sofrem interferências do Supremo Tribunal Federal é relacionada a essa questão. Em artigo citado anteriormente, publicado em 2016 na revista *Direito & Práxis*, escrito por Luís Felipe Miguel, até o ano da publicação do artigo havia, em esfera federal, sete projetos de lei cujo alvo está direcionado a temática “ideologia de gênero” e “doutrinação”.

Na câmara são seis e uma no Senado Federal, do antigo senador Magno Malta⁸⁰, que foi proposta em 2016 e retirado de pauta em 2017 por pedido do próprio. Tais projetos de lei acabaram sendo apensados uns aos outros por se tratar de temáticas similares. Similares também são as ligações parlamentares dos autores de tais projetos de lei. Na atuação no congresso nacional, dos seis projetos que por lá corriam e correm, cinco pertenciam a Frente Parlamentar Evangélica e um, único, corria de forma independente com seu parlamentar atuando de maneira autônoma (Deputado Izalci PSDB/DF). Atualmente, a atuação de parlamentares em âmbito federal está pautada em projetos de lei que vão até o ano de 2018. Na atual legislatura (fevereiro 2019 até Janeiro de 2023) ainda não foram propostas leis para tratar de temáticas relacionadas ao MESP, conforme podemos analisar por tabela elaborada pelo site *politize*:

⁸⁰ Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125666>

| Projeto de Lei | Autoria | O que propõe? |
|----------------|-------------------------------------|--|
| PL 7181/2014 | Deputado Erivelton Santana - PSC/BA | Parâmetros curriculares nacionais no ensino básico, com precedência dos valores familiares sobre a educação escolar |
| PL 867/2015 | Deputado Izalci - PSDB/DF | Inclui na LDB o Programa Escola sem Partido. |
| PL 6005/2016 | Deputado Jean Wyllys - PSOL/RJ | Institui o programa "Escola Livre" em todo o território nacional. |
| PL 1859/2015 | Diversos deputados | Acréscimo de parágrafo único à LDB para impedir a ideologia de gênero ou orientação sexual na educação. |
| PL 5487/2016 | Professor Victório Galli - PSC/MT | Proibição de orientação ou distribuição de livros às escolas públicas, pelo MEC, que versem sobre a orientação de diversidade sexual para crianças e adolescentes. |
| PL 10577/2018 | Cabo Daciolo - PATRI/RJ | Alteração da LDB para estabelecer diretriz que proíba a disseminação de ideologia de gênero nas escolas. |
| PL 10659/2018 | Delegado Waldir - PSL/GO | Alteração na LDB para proibir a doutrinação política, moral, religiosa ou ideologia de gênero nas escolas. |
| PL 8933/2017 | Pastor Eurico - PHS/PE | Alteração na LDB para proibir ensino sobre educação sexual sem autorização prévia dos pais ou responsáveis legais. |
| PL 9957/2018 | Jhonatan de Jesus - PRB/RR | Acrescenta à LDB diretriz que proíba a doutrinação na escola. |
| PL 10997/2018 | Dagoberto Nogueira - PDT/MS | Institui a Política Nacional de Liberdade para Aprender e Ensinar, garantindo a professores e alunos a livre manifestação de pensamento e opiniões. |

: argumentos contra e a favor - Publicado por: Gabriel Marmentini • Tempo de Leitura 19 min

O

Figura 1: Tabela de Projetos de Lei relacionadas ao MESP.

Percebe-se por análises a quase todas essas PL'S, movimentos que visam à defesa e acusação a chamada "doutrinação". Na legislatura anterior (findada em 2019), partidos mais à esquerda ligados em movimentos de defesa à liberdade de ensinar e, por outro lado, partidos ligados à direita visando a defesa de uma pauta moralista ao qual o MESP abraçou para alavancar seus interesses de ataque à docência. Não à toa, coincide o momento em que o movimento ganha maiores dimensões em cenário nacional e o momento em que esses projetos de lei mostrados na figura 1 são propostos.

Portanto, temos justamente uma conveniência de grupos conservadores, que baseado em moralismo religioso, distorce a real intenção do ensino de educação sexual e debate sobre gênero com a pauta de acusar o docente de doutrinação defendida pelo MESP. Um visa fornecer textos, materiais e até mesmo petições jurídicas como forma de facilitar os trabalhos dos parlamentares e incentivar o grande público na perseguição à docência. Por outro lado, os parlamentares aproveitam sua concepção de mundo, religiosa e suas ideologias políticas para nortear um projeto de educação nacional pautado não só em uma pluralidade de debate, mas sim, em uma visão de mundo estrita, moralista e extremamente limitada, seja na concepção do entendimento sobre família, gênero ou mesmo educação. Nesse sentido, a bancada BBB age como braço auxiliar do MESP, não

só isso, hoje, boa parte dessa mesma bancada é auxiliar aos interesses do atual governo, em que no âmbito da educação já trabalhou com ministros subservientes aos projetos de ataques às ciências humanas, principalmente ao ensino de História e, para além disso, ministros e um governo favorável às ideias defendidas pelo movimento Escola sem Partido. Temos nesse tripé da bancada BBB, atual governo federal e MESP a fusão perfeita de um discurso que visará destruir e atacar diretamente o ensino de História em nosso país, por isso, concluo com o título dessa sessão onde podemos entender a ação dos parlamentares junto com o movimento um braço auxiliar para os interesses de ambos. Porém, precisamos ser mais diretos com relação às disciplinas que o movimento tem mais aversão e pretende atacar de maneira enfática, ou seja, as de ciências humanas. Reparemos os alvos de ataques que eles sempre buscam referendar: Paulo Freire, Professores e materiais didáticos de História, Filosofia, Sociologia, Geografia, e as de humanas de maneira geral. A proposta de educação defendida por esse movimento não entende o professor como um educador, mas sim, como um mero instrutor que deve se pôr em uma condição de superioridade e nunca a de troca, tais quais os bancos formadores nos estimulam a desenvolver.

Mas a visão que se quer apenas descritiva tampouco é neutra: ela é ativa colaboradora do esforço de invisibilização das contradições e de naturalização da ordem vigente, que é crucial para sua reprodução. Disciplinas das ciências humanas, como história, filosofia, sociologia, geografia ou literatura, ficam inviabilizadas, a não ser que recuem a práticas vigentes – por exemplo – no regime militar, quando o ensino de história nos colégios era quase que limitado a listas de nomes de personalidades e datas de eventos. Por não assumir expressamente juízos de valor, tal ensino pode parecer neutro. Porém, ao negar ao aluno as condições de situar os processos históricos e de compreender os interesses em conflito, cumpre um inegável papel conservador.⁸¹

3.2

Como o MESP ataca diretamente o Ensino de História?

Até o momento, acredito estarem claras as formas e ataques à educação empreendidos pelo MESP. Nesse sentido, entrarei no momento em algo mais direcionado ao campo do Ensino de História. Quando vamos nessa direção, ao

⁸¹ MIGUEL, Luis Felipe, Op.cit. p.608

entrar no site do movimento, há uma tentativa em demonstrar algo mais generalista dando a ideia de que todas as disciplinas são possíveis de “doutrinar” os alunos, porém, ao vasculharmos um pouco mais o site, percebemos que os exemplos utilizados para comprovar as doutrinações têm um campo mais específico e uma disciplina favorita: as Ciências Humanas e a História.

Dando uma maior aprofundada, ao clicar na aba *blog* do site⁸² podemos escolher a categoria de seu maior interesse. Visando pesquisar o teor de artigos e materiais produzidos em um sentido da área de História, fui até a categoria de *livros didáticos*⁸³. Lá, encontraremos trinta e quatro artigos de variados autores fazendo ataques à chamada doutrinação nos livros didáticos. Desses trinta e quatro artigos, vinte e cinco são diretamente ligados às críticas aos materiais de História chamando-os de “inapropriados”, “doutrinadores”, “socialistas”, “marxistas”. Das críticas implementadas, algumas são feitas de maneira repetida ao mesmo material, como é o caso da coleção “Nova História Crítica” de Mário Schmidt, porém é possível encontrar análises de variadas temáticas, como: neoliberalismo; governo Lula, Ditadura Civil Militar, Foro de São Paulo e entre outros. Os outros nove artigos versarão sobre outras disciplinas das humanidades: Sociologia, Geografia e Português. Para não haver uma caracterização de perseguição, também temos dois artigos sobre o mesmo material atacando a disciplina de Educação Física e um artigo, solto na página inicial do site, fora da categoria *livros didáticos*, falando sobre Matemática. Nessa sessão, portanto, abordarei a forma como é entendida nesses artigos a “doutrinação” que existe nos materiais didáticos, segundo a visão do MESP, para em cima disso, demonstrar o ataque ao Ensino de História.

A começar pela polêmica marcada pela coleção “Nova História Crítica” de Mário Schmidt, escolhida pelo movimento e por setores conservadores da mídia como sendo uma das mais “esquerdistas” a circular nas escolas públicas do Brasil. O debate foi bastante acalorado em épocas e a coletânea saiu de circulação em 2008. Para elucidar o quão marcante foi a obra para o MESP, dos vinte e cinco artigos que tratam de materiais didáticos de História, nove são específicos dessa coletânea.

⁸² Cabe ressaltar a repaginação realizada. Organizou muito mais as publicações e facilitou bastante encontrar os arquivos, artigos e as temáticas que mais interessam.

⁸³ Todos os artigos são encontrados nesse link: <http://escolasempartido.org/blog/category/livros-didaticos/>. Acesso em: 20 de Abril de 2020.

Os artigos tratando a respeito de Schmidt, têm por grande maioria o ano de 2007 e suas replicações ocorrem por parte do site do movimento, em geral, em dois anos relativamente simbólicos: 2014 e 2012. Esse é um ponto bastante interessante para pensarmos os contextos políticos à época. O ano de 2012 é marcado por algumas questões um tanto delicadas ao governo Dilma⁸⁴ e, nesse sentido, muito mais fruto de resquícios de seu antecessor do que por suas próprias ações. Ao falar dessa questão, me refiro aos julgamentos e condenações do Mensalão, considerado o maior escândalo de corrupção até aquele momento. Figuras como Roberto Jefferson, José Dirceu, Marcos Valério, dentre outras foram julgadas no Supremo Tribunal Federal e condenadas. Além disso, o mesmo ano recebe uma das maiores greves da educação do século, em que servidores, em seu direito, reivindicavam reajustes de salários e melhores condições de trabalho. Vale ressaltar que o ano anterior, 2011, marcou um dos maiores índices de popularidade do governo Dilma Rousseff e tais conjunturas políticas vão começar a expor impopularidades que culminariam, em anos posteriores, no golpe jurídico parlamentar contra o segundo mandato da presidente. As publicações que versam o ano de 2014 já ocorrem no período em que estávamos no auge da polarização entre apoiadores dos governos petistas e o movimento antipetista, na época marcada pelo candidato Aécio Neves, do PSDB. Sabemos que tal oposição aos governos petistas não se encerraram, muito pelo contrário, marcaram ainda o pleito eleitoral que levou ao poder o atual presidente, Jair Bolsonaro, porém os agentes que incendiaram esses debates para apimentar essa oposição, permanecem os mesmos e, um deles, é o MESP.

Percebe-se uma intenção muito instigante do movimento ao replicar os textos a respeito dessa obra em momentos de bastante destaque, tanto político nacional, como do próprio movimento, conforme já exposto anteriormente em citação. Tais publicações demonstram claramente como o MESP agia de maneira política contra o governo ao qual não tinha afinidade ideológica. Antes de analisar o que diretamente é acusado como doutrinação, basta fazer referência aos autores dos textos e reportagens publicadas em referência à obra de Schmidt. Nesse contexto, temos Reinaldo Azevedo, jornalista declaradamente opositor aos governos petistas; Ali Kamel, importante diretor de jornalismo da Rede Globo, uma das forte opositoras aos governos petistas; Folha de São Paulo, nos mesmos moldes

⁸⁴ Presidente eleita para governar de 2011 até 2014.

da Rede Globo, onde, inclusive, estampava em todas as páginas de seu jornal impresso os dizeres “*impeachment já*”⁸⁵. Portanto, o que fica evidenciado nessas relações é uma tentativa de ataque à conjuntura política em que se situava o país, utilizando da educação, baseado em uma pauta moralista, de ataque a História, como um meio de gerar enfraquecimento político ao governo federal.

No tocante às críticas feitas ao conteúdo do livro de Schmidt, cabe ressaltar os nove textos em que encontraremos as menções dessa publicação. Em ordem cronológica temos em 2011 as publicações com os títulos: “O que ensinam às nossas crianças”; “Onda de indignação provocada pela denúncia de Ali Kamel”. Em 2012: “Nova História Crítica: panfleto didático”; “Editora defende cartilha esquerdista de Mário Schmidt”; “Entrevista de Ali Kamel a Reinaldo Azevedo sobre a cartilha ideológica de Mário Schmidt”; “Livro didático e propaganda política”; “Cartilha para Zumbis”. Por fim, em 2014: “O que estão ensinando a nossas crianças? (1ª parte)” e “O \$uce\$\$o da doutrinação”. As publicações que rondam essas críticas são similares em suas análises e podemos destacar as temáticas abordadas mais criticadas dentro do livro didático (principalmente o do oitavo ano, o mais criticado): O conceito de capitalismo; O conceito de marxismo; Mao Tse Tung e a Revolução Cultural Chinesa; Revolução Cubana e o paredão; A figura de Fidel Castro; A URSS e sua derrocada. O argumento utilizado pelos críticos da coletânea também segue uma linha similar e que podem ser resumidas com a fala de Kamel em publicação de 2007, à época da polêmica⁸⁶:

Esses são apenas alguns poucos exemplos. Há muito mais. De que forma nossas crianças poderão saber que Mao foi um assassino frio de multidões? Que a Revolução Cultural foi uma das maiores insanidades que o mundo presenciou, levando à morte de milhões? Que Cuba é responsável pelos seus fracassos e que o paredão levou à morte, em julgamentos sumários, não torturadores, mas milhares de oponentes do novo regime? E que a URSS não desabou por sentimentos de inveja, mas porque o socialismo real, uma ditadura que esmaga o indivíduo, provou-se não um sonho, mas apenas um pesadelo?

Nossas crianças estão sendo enganadas, a cabeça delas vem sendo trabalhada, e o efeito disso será sentido em poucos anos. É

⁸⁵ Nesse contexto, existem inúmeras obras apontando a posição do grupo Globo de maneira opositora, com intuito de derrubar o governo Dilma Rousseff. Dentre os trabalhos, cito minha monografia

⁸⁶ Disponível em: http://www.newmarc.com.br/drws/ali_kamel.pdf. Acesso em: 29 junho de 2019.

isso o que deseja o MEC? Se não for, algo precisa ser feito, pelo ministério, pelo congresso, por alguém.

Parece-me, dentro de todo esse contexto, a clara disputa de narrativa ocorrida nesse período de 2007 e que fora suscitada pelo MESP em 2011. Houve na época da publicação quem concordasse com a narrativa de que existia uma doutrinação imposta por parte do conteúdo desse material, mas existiu uma defesa versando a respeito da intenção do material em aguçar no aluno o seu senso crítico sobre a História. Schmidt também deixou claro à época que houve citação de trechos do livro isolados de seu contexto, na tentativa de fazer com que a série pareça um “manual de catecismo marxista” e de omitir passagens nas quais o autor aponta falhas do regime socialista (SILVA, 2013). Nessa disputa de narrativa, temos de um lado o discurso de uma classe dominante, da elite, na qual não se encontra grande interesse de uma formação crítica para as massas, não somente, temos também um reflexo que culminará na narrativa de ataque à História e aos docentes, extremamente propício ao MESP e que acarretam as terminologias “doutrinadores”, “marxistas”, dentre outras rotulações onde há, nitidamente, um total desconhecimento sobre os termos e significados do que é vociferado contra os professores de História, em grande maioria, como podemos acompanhar nos dados apresentados nesse trabalho e vistos sem grandes dificuldades no site do MESP. Dermeval Saviani nos brinda com uma análise bastante interessante a respeito dessa questão e nos ajuda a entender os interesses da classe dominante, representada nesse caso, pelo discurso de Kamel:

Se os membros das camadas populares não dominam os conteúdos culturais, eles não podem fazer valer os seus interesses, porque ficam desarmados contra os dominadores, que se servem exatamente desses conteúdos culturais para legitimar e consolidar a sua dominação. [...] dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação (SAVIANI, 1985, p.59).

Cabe ressaltar, ainda, uma questão dentro desse debate. O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) oferece livros às escolas públicas de todo país. Para o processo, as editoras enviam suas obras e o MEC avalia e deixa a missão de escolha de qual obra será utilizada em ambiente escolar aos professores. Esse processo é justo, se pensarmos que o professor entende a realidade da comunidade escolar e podem, assim, optar pelo que melhor serve para a escola. Críticas devem existir dentro de um regime democrático, porém nesse contexto, é bastante delicado

o entendimento a respeito da coletânea “História Crítica”. Digo isso baseado nos números bastante significativos que ela obteve em escolhas por parte dos docentes do Brasil, onde o alcance chegou a trinta milhões de estudantes do Brasil em dez milhões de exemplares vendidos⁸⁷. Se sabemos que o processo de escolha do material didático a ser utilizado na escola parte dos professores de cada colégio, ao criticar o MEC pela disponibilização de tal material, automaticamente, Kamel também faz uma crítica direta aos milhares de professores que optaram, dentre as opções disponíveis, pela coletânea. Para além disso, não foram somente as escolas públicas que utilizaram o material, houve também utilização por parte de escolas particulares do Brasil. Após o artigo publicado no O Globo, o professor Silva⁸⁸ traz, por exemplo, uma realidade que ocorreu na Paraíba, mas que facilmente é retratada até os dias atuais dentro do cenário privado da educação e com outros materiais:

Na cidade de Campina Grande-PB, os professores de algumas escolas privadas que adotavam o livro do professor Mário, foram “convidados” a retirar o livro e substituir por outro que agradasse ao MEC. Professores, pais e alunos que já comemoravam há alguns anos o retorno do prazer de estudar uma nova História, tiveram seus sonhos abruptamente interrompidos pela truculência de Kamel, pela frouxidão do MEC e pelo medo dos donos de escolas de contrariar o MEC, a Rede Globo e ficar fora do mercado capitalista.⁸⁹

Partindo para os outros artigos a respeito de livros didáticos considerados “doutrinadores” pelo MESP, as temáticas que encontramos em comum a alguns deles fazem relação às comparações entre os governos Fernando Henrique Cardoso (FHC) e Luís Inácio Lula da Silva (Lula). Dentre as reclamações, temos a crítica da ideia de que FHC seria um “vilão das privatizações” e Lula um “herói que salvou o Brasil da fome”. Claramente, tal qual conseguimos observar a questão do antipetismo por parte do Escola sem Partido na questão da coletânea de Mário Schmidt, dentro da análise do contexto macro, podemos perceber também nesses outros artigos, críticas travestidas por um anseio político e não, necessariamente, de

⁸⁷ SILVA, José Itamar Sales da. “O uso do livro didático e da escola como ferramenta para reprodução do pensamento dominante e suas resistências”. Revista Convergência Crítica, DOSSIÊ Direitos Humanos, n° 3, 2013, p.130

⁸⁸ Graduado em Licenciatura em História (UEPB), Especialista em Administração(UEPB), Mestre em Literatura e Interculturalidade (UEPB) Doutorando em Ciências Sociais pela UFCG e escritor do livro:

A Representação da Sogra na Obra de Leandro Gomes de Barros (2011). Atua como professor de História da rede privada de ensino.

⁸⁹ Ibid. p. 132.

acusação ideológica contida no material. Ou seja, há por parte do MESP uma intenção em associar doutrinação aos materiais produzidos em tempos de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), e atualmente, os livros que circulam ainda são reflexos desses governos anteriores. Essa visão virou uma bandeira muito bem divulgada por parte do movimento, chegando inclusive a ser um posicionamento do atual governo o discurso de que governos anteriores deixaram uma “História mentirosa” e que o atual governo, inclusive, tem a proposição de interferir para “suavizar” esse debate nos livros de História. Tais perspectivas se fazem presente em declaração do Ministro da Educação, Abraham Weintraub⁹⁰, no negacionismo do Ministro de Relações Exteriores, Ernesto Araújo⁹¹ e nas declarações do próprio presidente da República, Jair Bolsonaro⁹².

Com relação aos artigos que abordarão essa diferenciação entre os governos FHC e Lula, temos destacados, em ordem cronológica, quatro deles, começando por 2012: “Visão crítica a serviço de um partido”; “Livros aprovados pelo MEC criticam FHC e elogiam Lula”; Em 2016 temos: “É ético usar a sala de aula pra “fazer a cabeça” dos nossos alunos?” e “Lula é herói da economia em livros indicados pelo MEC”. O que se percebe para além da questão já exposta dos “heróis e vilões” (FHC como vilão e Lula como herói) é um verdadeiro incômodo com o entendimento de que as obras passam tons críticos sobre temáticas neoliberais e exaltam a política Social Desenvolvimentista, na qual deixam claro não concordar, como encontramos no caso do artigo fruto de uma reportagem da Folha de São Paulo repostada pelo MESP em seu site com o título “Livros aprovados pelo MEC criticam FHC e elogiam Lula”. Aparentemente, qualquer argumentação que não associe a figura do ex-presidente Lula ao que o movimento entende por ser esquerda

⁹⁰ Os momentos em que o MEC se manifestou a respeito da questão estão disponíveis em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2020-03-02/ministro-da-educacao-fala-em-limpar-aos-poucos-livros-de-historia.html> . Acesso em: 02 de março de 2020. TRUFFI, Renan. “MEC vai elaborar edital para ‘livrar escolas de doutrinação’”. Valor Econômico, 09 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/09/mec-vai-elaborar-edital-para-livrar-escolas-de-doutrinação.ghtml>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2020.

⁹¹ MEGALE, Bela. “Ernesto Araújo diz que ditadura no Brasil é “questão de interpretação da história””. O Globo, 07 de Fevereiro de 2020. Disponível em: https://blogs.oglobo.globo.com/bela-megale/post/amp/ernesto-araujo-diz-que-ditadura-no-brasil-e-questao-de-interpretacao-da-historia.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar&twitter_impression=true. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2020.

⁹² GULLINO, Daniel. GRANDELLE, Renato. FERREIRA, Paula. “Bolsonaro defende mudança em livros didáticos: ‘Muita coisa escrita, tem que suavizar’”. O Globo, 03 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-mudanca-em-livros-didaticos-muita-coisa-escrita-tem-que-suavizar-24170001> acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

ou socialismo, parece desagradar os mesmos e, automaticamente, associar o material didático como sendo “doutrinador”. Não pretendo entrar nesse mérito, mas imaginem caso eles percebam que muitas das alianças realizadas pelos governos do PT foram com quadros políticos bastante conservadores e que, hoje, esses mesmos tem orgulho de levantar a bandeira da direita.

Outra temática bastante criticada e rotulada pelo grupo de “doutrinação” é a que trata do marxismo. Ao me referir a esse ponto, trabalharei as definições criticadas como sendo “marxistas” de interpretação do sistema capitalista e, também, conceitos mais clássicos de livros escritos por Karl Marx, como mais-valia, por exemplo. Os artigos que encontramos a respeito dessa abordagem são: “Luta sem classe (2011)”; “Doutrinação: o que já era ruim ficou pior (2012)”; “Apostila de História do Sistema COC comentada por Mirian Macedo (2012)”; “Livros didáticos para a revolução socialista bolivariana (2014)”. Nesse último artigo de 2014, cuja autoria é de Orley José da Silva⁹³ temos uma boa síntese do que temem as demais publicações e o MESP, vejamos:

No caso brasileiro, busca-se alinhar e aparelhar ideologicamente universidades e escolas públicas, principalmente, com seus aproximados 56 milhões de estudantes. Isto com o objetivo de instrumentalizar essas mentes para a sustentação de um governo socialista que seja consensual e duradouro a ser implantado no país. Está em curso, pois, em nosso sistema de ensino público o plantio da semente revolucionária socialista inspirada em Gramsci para uma revolução que se pretende pacífica, caso não haja acidente de percurso. Para o cumprimento deste objetivo, trabalha-se na sociedade a construção hegemônica do ideal comunista por meio de estratégias discursivas que possibilitem a subjetivação dos sujeitos.

Percebe-se claramente uma posição que despreza totalmente a capacidade crítica do aluno, que o observa como apenas ser robótico, incapaz de criar suas próprias convicções e formas de pensar, sendo esse aluno um mero reprodutor do que o professor o orienta a ler. Cabe ressaltar ainda, que alunos buscam suas próprias leituras e, inclusive, para terem sua opinião para contrastar com o discurso dito de “esquerda”, é preciso senso crítico. Portanto, mais uma vez reitero, para o MESP o aluno é meramente instruído pelo professor e, principalmente o professor

⁹³ Orley José da Silva é professor em Goiânia, mestre em letras e linguística (UFG) e mestrando em estudos teológicos (SPRBC). Disponível em: <http://escolasempartido.org/blog/livros-didaticos-para-a-revolucao-socialista-bolivariana/>

de História, é visto como um verdadeiro inimigo da educação, das moralidades e deve ser coagido e trabalhar sobre a égide do medo. Deve-se levar em consideração, ainda, o fato de questões ligadas ao marxismo dentro desses artigos, são conexas e levam sempre a um mesmo caminho: O livro é doutrinador ao abordar a temática marxista e, supostamente, atacar o capitalismo e o sistema liberal ou, até mesmo, ao tratar de temáticas já consolidadas no campo das ciências humanas da maneira como as referências da área tratam (um dos mais famosos e recorrentes são os que abordam a Ditadura Civil Militar). Após isso, o próximo passo é associar essas ideias de Marx aos governos do PT, e por se tratar do governo à época, há a construção da narrativa de idolatria das figuras de esquerda, passando a impressão de que há um aparelhamento do MEC com os autores de livros didáticos. Por fim, o professor é criticado e acusado, seja por utilizar ou escolher utilizar tais obras ou por ser gravado fazendo alguma fala em que o contexto nunca é exposto, muito menos o ambiente. Portanto, essas práticas associadas formam hoje o atual ataque que ronda as agressões para aqueles que estão na linha de frente da educação básica do nosso país: os professores. O MESP é o maior organizador desses ataques ao ensino de História, pois, é bastante evidente e exposto a maioria dos exemplos dados sendo dos livros de História e as vítimas de perseguição, também na mesma linha, são os professores de História.

3.3

O atual cenário é preocupante?

Por se tratar de uma temática que envolve algo extremamente recente e com produções e eventos quase que diárias na atual conjuntura, cada vez mais temos professores, principalmente na área privada, tendo seus receios na abordagem de certas temáticas que englobam exatamente os conteúdos citados na sessão anterior. Qualquer assunto possível de se relacionar ou a uma possível “doutrinação”, ou a política, ou figuras de esquerda, são tratadas em ambientes de sala de aula com muito cuidado. Em outras palavras, o professor trabalha com o medo pairando sobre sua sala de aula. Esse medo nada tem a ver com o conteúdo absorvido no decorrer da vida e formação desse docente, ele pode ter todo o conhecimento possível, acadêmico ou não, mas ao final, nesse atual cenário, a última palavra é a do dinheiro (capital). A escola ensina o que o pai está disposto a pagar e é esse o cenário que

nós, professores, encaramos atualmente. Há um medo de demissão, processos e uma enorme frustração pela ambiguidade do que se entende como educação com o que querem fazer da educação.

Nesse cenário, os aparelhos hegemônicos não só estão preocupados com o controle econômico, mas também com o controle do que se pode ensinar nas escolas do país. Não é uma luta em que um lado temos o mau e o outro o bom, está longe disso. Estamos vivenciando um ataque orquestrado por esses grupos hegemônicos que distorcem o que é doutrinação para passar a implementarem uma única forma de pensar nas escolas: a que ataca o senso crítico da formação estudantil. Não à toa, cada vez mais esses grupos tem criado o seu próprio material de ensino para vender e tratar suas narrativas pela sua maneira ou fazem como o MESP sugere, uma biblioteca de indicações de leituras bastante duvidosa, com citações à figuras como Olavo de Carvalho ou os guias de Narloch, como abordado no primeiro capítulo.

A questão fica ainda mais grave quando percebemos essas práticas obscuras negacionistas disfarçadas de revisionismos adentrando o poder público. Nesse sentido, ver os antigos⁹⁴ Ministro da Educação com declarações e atuações consonantes ao MESP, gera muita preocupação. Mediante a todo exposto, algumas práticas confirmam exatamente o que venho dizendo no decorrer desse trabalho, corroborando como, de maneira acelerada, os que venceram a eleição em 2018 pretendem lidar com a educação e, principalmente, como observam as ciências humanas e a História. Recentemente tivemos anunciado um corte às bolsas das ciências humanas da CAPES⁹⁵, principal órgão de pesquisa do governo federal, porém não podemos entender tal prática como uma surpresa mediante a todo o cenário que temos vistos nos últimos anos no Brasil. Se em 2019, tínhamos declaração de ataques aos conteúdos dos livros didáticos, ao que era produzido nas universidades e suas “prioridades”⁹⁶, a atuação de profissionais da educação,

⁹⁴ KAPPA, Raphael. “Historiador afirma que ministro Vêlez tenta 'negar o inegável' ao dizer que não houve golpe em 1964”. O Globo, 04 de Abril de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historiador-afirma-que-ministro-velez-tenta-negar-inegavel-ao-dizer-que-nao-houve-golpe-em-1964-23572176>. Acesso em: 07 de Abril de 2019.

⁹⁵ SALDAÑA, Paulo. “Governo Bolsonaro exclui humanas de edital de bolsas de iniciação científica”. Folha de S.Paulo, 30 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/governo-bolsonaro-exclui-humanas-de-edital-de-bolsas-de-iniciacao-cientifica.shtml>. Acesso em: 01 de Maio de 2020.

⁹⁶ BORGES, Helena. “Bolsonaro defende cortes em cursos de Humanas e diz que dinheiro do contribuinte deve ir para 'leitura, escrita e fazer conta’”. O Globo, 26 de Abril de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-cortes-em-cursos-de-humanas-diz-que->

idolatria às figuras que discorremos no primeiro capítulo⁹⁷, por parte do atual governo, conseqüentemente, o quadro que supostamente se prometia ser “técnico” junto ao atual governo, cada vez menos acontece. Independente da questão ideológica, a atual configuração ministerial conta com economistas na área da educação⁹⁸, militares na saúde para enfrentar uma das maiores pandemias do século XXI, quadros cada vez mais ideológicos em um governo que vestiu a bandeira de combate à ideologia. E diante de todo esse cenário, são os professores de humanas, principalmente os de História os considerados doutrinadores no Brasil. Será?

[dinheiro-do-contribuinte-deve-ir-para-leitura-escrita-fazer-conta-23623980](#). Acesso em: 30 de Abril de 2020.

⁹⁷ SOARES, Jussara; ORTE Paula De. “‘Você é o líder da revolução’, diz Paulo Guedes a Olavo de Carvalho” O Globo, 18 de Março de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/voce-o-lider-da-revolucao-diz-paulo-guedes-olavo-de-carvalho-23530572>. Acesso em: 25 de março de 2019.

⁹⁸ De acordo com verbete do *Wikipedia* o atual ministro da educação tem por formação e experiência: [...] Graduado em ciências econômicas pela Universidade de São Paulo (USP) desde 1994, tendo realizado seu MBA Executivo Internacional e o Mestrado em Administração (área de finanças) na Fundação Getúlio Vargas (FGV). [...] Executivo do mercado financeiro com mais de vinte anos de experiência, atuou como economista-chefe e diretor do Banco Votorantim e como sócio na Quest Investimentos. Foi integrante da equipe de transição do governo Jair Bolsonaro e em 1º de janeiro de 2019 foi nomeado secretário-executivo da Casa Civil. Em 8 de abril de 2019 foi designado para o cargo de ministro da Educação.



Figura 2: Tweet do Ministro da Educação a respeito de Paulo Freire.⁹⁹

⁹⁹ Link da Publicação disponível em: <https://twitter.com/AbrahamWeint/status/1258306879551348736?s=19>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

4

A atuação dos Gepetos: Como a História está se publicizando nas plataformas digitais

Diante de todo o cenário exposto nos capítulos anteriores, esse terceiro capítulo visa deixar uma proposta bastante interessante com relação às formas como os professores de História têm se comportado diante de todo o ataque que sofrem no seu dia a dia em sala de aula. Cabe justificar a diferença da abordagem dessa parte para o que foi utilizado para exemplificar a “luz no fim do túnel” dita no primeiro capítulo. Aqui visio uma proposição bastante prática, uma espécie de reunião de indicações elaboradas por professores atuantes no dia a dia na sala de aula, diferente do que foi usado no primeiro capítulo, o qual tivemos algo voltado como uma tentativa de resposta proposta por professores acadêmicos e por instituições em certa medida vinculadas ao mundo universitário. Cabe ressaltar ainda não haver tentativa de anulação de um ou outro, muito pelo contrário, em tempos como os vividos atualmente no século XXI, sempre se tornam válidas iniciativas que visam publicizar os debates historiográficos, até porque um dos motes desse programa de mestrado é a clara percepção de que o professor também é pesquisador. Portanto, a ideia é reunir ao máximo conteúdos produzidos por historiadores interessados em difundir a Ciência História seja para outros professores da área, alunos ou aqueles interessados em História. Tais produções nas mídias digitais fazem com que esse interessado possa ouvir, ler, visualizar, de maneira mais prática e, principalmente, recomendar as pessoas para que a disciplina e a ciência ganhem cada vez mais adeptos pautados em um rigor metodológico fundamental para a valorização das Ciências Humanas e, conseqüentemente, da História.

Nesse sentido, torno a recorrer à relação Pinóquios e Gepetos para explicar o título desse terceiro capítulo. Assim como Gepeto foi atrás de Pinóquio para procurá-lo e resgatá-lo, os professores estão se esforçando no sentido de produzirem conteúdos muito interessantes para circular nas múltiplas plataformas digitais e ocupar espaços não popularizados para o Ensino de História. Há, por parte desses

agentes, uma clara tentativa de atualizar e tornar o debate historiográfico muito mais dinâmico e, principalmente, fugir das tramas já enraizadas do mundo acadêmico, que ao presente momento, se demonstram não tão eficazes para divulgação do conhecimento e produção científica. Essa fuga não é difícil de entender, uma vez que o acesso à informação tem sido cada vez mais buscado pelos meios digitais. Nesse sentido, temos um dado recente de pesquisa o qual a busca por informação é feita, cada vez mais, por meios digitais. Segundo o IBOPE, em levantamento publicado em 30 de abril de 2020, 11% da população brasileira se informa exclusivamente por meios digitais¹⁰⁰. Isso significa que a utilização das mídias sociais, principalmente por meio das famosas redes sociais, tem um consumo bastante elevado na sociedade brasileira. *Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp*, são as plataformas cada vez mais utilizadas para divulgar informações sobre os mais variados assuntos, sendo que o Brasil ocupa o segundo lugar no ranking mundial de consumo dessas redes. Calcula-se em média que o brasileiro passa duzentos e vinte e cinco minutos (quase quatro horas no dia) consumindo conteúdos dessas redes¹⁰¹. Ainda dentro desse cenário, a pesquisa comandada pelo *Global Web Index* indica que a faixa etária entre 16 e 24 anos é a que mais consome diariamente o seu tempo para as redes sociais, uma média de 175 minutos (tomando como referência a média mundial) e quanto mais jovem for o país, maior será o consumo do mesmo. Isso, segundo a pesquisa, ajuda a justificar o fato de países emergentes, como é o caso brasileiro, estar entre um dos países de maior consumo das redes sociais.

Cabe ressaltar também que o fato do Brasil ser um dos países de maior consumo das redes sociais, não significa que somos um país de amplo acesso à internet. Há outra questão a ser observada que é a forma em que tais mídias podem ser consumidas, sendo esta possível em múltiplos eletroeletrônicos, como notebooks, tablets e celulares. Todo esse aparato envolve também o fato de sermos um país extremamente desigual, onde antes de pensar em redes, existe uma preocupação com a sobrevivência diária (seja no aspecto da fome como em qualquer outro aspecto social). Em outras palavras, os que consomem as redes

¹⁰⁰ REDAÇÃO. “Ibope: 1,5 milhão de brasileiros se informam apenas via meios digitais”. Canal Tech, 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/comportamento/Ibope-15-milhao-de-brasileiros-se-informam-atraves-dos-meios-digitais/>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

¹⁰¹ Dados referentes ao ano de 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>

sociais podem acessar de diversas formas através de alguns aparelhos eletrônicos como os citados acima, mas há uma considerável concentração de utilização nas grandes cidades e conglomerados urbanos. Segundo pesquisa divulgada pelo IBGE¹⁰², um em cada quatro brasileiros não possui acesso à internet, portanto, mediante essa lógica, podemos entender um pouco do cenário de quem consome as mídias sociais ser concentrado mais na área urbana do que na área rural, bem como, para os que vivem na área urbana acabam tendo a falsa sensação de que o Brasil possui amplo acesso às redes, uma vez que segundo a mesma pesquisa, a área urbana possui 80% de acesso e a área rural apenas 46,5% das pessoas com acesso à internet. Esse cenário também pode se refletir na atual conjuntura da pandemia que assolou o mundo em 2020, em que no Brasil, o Ensino Remoto à Distância não atinge uma parcela significativa dos estudantes de escola pública e o debate para adiamento do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) contou com forte luta política para que se conseguisse o êxito nesse processo, uma vez que o ex-Ministro da Educação não desejava o adiamento do mesmo por acreditar que o ENEM não é para amenizar disparidades sociais (injustiças) e sim, para aprovar os melhores para as universidades públicas do país¹⁰³.

Esse cenário trazido é para enxergarmos que a defesa da ocupação desses espaços virtuais, apesar desse trabalho visar essa questão, não pode abandonar os espaços físicos que já temos. Há de se considerar a ocupação de múltiplos espaços e, para tal, foi feito um levantamento em duas redes sociais e uma plataforma de streaming: *Instagram*, *Youtube* e *Spotify*. A escolha dessas plataformas se deu por alguns motivos que facilitam a pesquisa, sendo a primeira das facilidades o fato dessas redes sociais organizarem as publicações postadas nelas. Elas conseguem concentrar, em ordem, sem se perder, as publicações à medida que elas são feitas, facilitando consideravelmente a busca daqueles que procuram variadas temáticas em História (interesse dessa pesquisa). Outro motivo vai de encontro com a visibilidade dessas redes sociais e de streaming no Brasil. Para termos uma

¹⁰² TOKARNIA, Mariana. “Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa”. Agência Brasil, 29 de abril de 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

¹⁰³ LEMOS, Iara. “Em reunião com senadores, Weintraub diz que Enem não foi feito para corrigir injustiças”. Folha de São Paulo, 05 de maio de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/05/em-reuniao-com-senadores-weintraub-diz-que-enem-nao-foi-feito-para-corriger-injusticas.shtml>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

dimensão, o *Youtube* é a rede social mais assistida em nosso país, com um alcance de até 95% das pessoas presentes na internet por aqui¹⁰⁴. O *Instagram* também é outra rede com bastante público, ocupando o quarto lugar das mídias digitais mais consumidas por brasileiros. Essa plataforma em sua concepção foi desenvolvida para celular e nos últimos anos tem passado por atualizações que possibilitaram, por exemplo, utilizá-lo em *Desktops*. Dentre as atualizações, uma bastante utilizada atualmente é o IGTV (criado em 2018), o qual é possível postar vídeos diversos baseado nas suas produções. Uma das grandes funcionalidades do *Instagram* é a facilidade de acesso que ele proporciona por ter grandes praticidades para celulares, tornando, portanto, qualquer pessoa potencial geradora de conteúdos. Por fim, a escolha da plataforma de *streaming Spotify* se deu por ser a maior plataforma desse tipo no mundo e por conseguir separar em categorias a seção de educação, facilitando a busca e incluindo a parte de História como uma das subseções em educação. A empresa não divulga dados com relação aos números do Brasil, porém é conhecido o último balanço de assinantes da plataforma em que o número chegou às marcas de 124 milhões, segundo publicou a revista *Forbes*¹⁰⁵. Nesse cenário, cabe ressaltar que também é possível utilizar os seus recursos de forma gratuita, a questão é que no decorrer da utilização, ouvindo música ou os *podcasts*, há uma interrupção para propagandas. Tais números apontam o potencial que essa plataforma possui e justificam a escolha da mesma para análise.

Portanto, para melhor organizar esse capítulo, irei dividir o mapeamento por redes sociais e especificar o que cada canal tem por intenção. Perceberemos as múltiplas formas que podemos encontrar para facilitar o diálogo entre o acadêmico e o público, bem como as formas para publicizar o Ensino de História. Entrei em contato com inúmeros donos de canais com relativa relevância e já consolidados nas mídias sociais, bem como aqueles com menos números de seguidores, mas com uma proposta de canal bastante interessante para a divulgação científica em História. Não foi intenção aqui, necessariamente, o número de seguidores ou

¹⁰⁴ IMME, Amanda. “Ranking das redes sociais: as mais usadas no Brasil e no mundo, insights e materiais gratuitos”. Resultados Digitais, 21 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

¹⁰⁵ REDAÇÃO. “Spotify tem alta maior que a esperada na base de assinantes”. *Forbes*, 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/last/2020/02/spotify-tem-alta-maior-que-a-esperada-na-base-de-assinantes/>. Acesso em 21 de abril de 2020.

inscritos, mas sim a potencialidade de divulgação pela qualidade e diversidade do material produzido. Nesse sentido, foi enviado para eles três perguntas para mapear as intenções dos canais, sendo as perguntas: **1- O que te motivou a criar o seu canal?; 2- Você acha que alcançou seu objetivo?; 3- O trabalho que você realiza na mídia digital é possível de ser realizado dentro da sala de aula? Justifique.**

A intenção por trás da primeira pergunta (o que motivou a criação do canal?) se dá para entender se, de fato, havia por parte do criador uma visão de ausência de conteúdos e debates historiográficos nas redes sociais. Também tinha por ideia sondar a percepção desses autores com relação ao crescimento de um negacionismo historiográfico, uma vez que, principalmente no *Youtube*, é muito comum encontrarmos vídeos que vão dar visibilidade a negacionismos e descréditos às ciências de maneira geral. A segunda pergunta (alcançou o objetivo?) visa trazer a percepção do próprio criador a respeito do que se produz. Uma espécie de autoanálise a respeito da produção para que se possa encaminhar a terceira pergunta (é possível de ser realizado dentro da sala de aula?) a qual se busca analisar, mesmo no meio de múltiplos modelos apostilados (principalmente no ensino privado) a viabilidade de aplicação do que se é produzido nas mídias digitais dentro da sala de aula. Obviamente, vão existir canais em que as produções podem ser utilizadas em sua totalidade em sala de aula e haverá outras propostas em que o canal servirá como um complemento ao encontro de sala de aula. Pensar a aplicabilidade em sala de aula também parte do pressuposto de tornar acessível esse conhecimento para os que possuem ou não acesso à internet.

4.1

Canais de Instagram

O Instagram possui ferramentas bastante interessantes que proporcionam diversidades de produções e tipologias de canais. Alguns têm um foco em temáticas identitárias, como por exemplo, o debate a respeito de africanidades e afrobrasileiridades. Também teremos quem traga, através das imagens, o debate a respeito de múltiplas temáticas historiográficas ou sobre acontecimentos históricos do dia. Esse recurso é muito válido no *Instagram*, uma vez que a plataforma é projetada para ser visual, portanto, o uso de alguma imagem é obrigatório para que haja postagem. Há quem prefira também o uso de vídeos ou *lives*, o que também

vai dialogar com outras plataformas como o *Youtube*. A preferência pelo *Instagram* é a sua facilidade, como já fora dito, em ser projetado para celulares.

Para elencarmos, os canais pesquisados para mapeamento foram:

- Profa. Thaís Alves
- Que História é Essa?
- De Olho na História
- História no Paint
- Domínios da História
- Olivia Nery

4.1.1

Profa. Thaís Alves¹⁰⁶

Ao entrarmos na página da professora Thaís¹⁰⁷, nos deparamos com um modelo de produção muito interessante por se tratar não só como algo que a mesma encontra identificação, mas por provocar um engajamento com sua pauta identitária. Professora da Bahia, ela disponibiliza em seu canal dicas de leituras sobre História da África, autores negros da literatura brasileira, bem como se põe de maneira bastante solícita para auxiliar alunos que a solicitam pelo grupo de *WhatsApp* disponibilizado em sua página. Publica semanalmente novos vídeos e por ser uma professora baiana, tem apreço por auxiliar a entender as questões cobradas nos vestibulares estaduais em História e não somente as do ENEM. Essa preocupação é bastante interessante, pois se analisarmos o contexto local, a Bahia possui quatro grandes universidades estaduais (UNEB, UESC, UEFS e UESB)¹⁰⁸ e, como a própria professora diz, a preparação e o material didático produzido e levado para o Estado é pensado por professores do eixo centro sul do Brasil, o que não favorece, por exemplo, a preparação dos alunos locais para os vestibulares regionais.

¹⁰⁶ Página disponível em: https://www.instagram.com/profathais_alves/

¹⁰⁷ Professora de História formada pela Universidade Federal da Bahia.

¹⁰⁸ Em ordem de siglas: Universidade do Estado da Bahia; Universidade Estadual de Santa Cruz; Universidade Estadual de Feira de Santana e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Sobre o questionário, ao responder o que a motivou a criar o canal obtive a seguinte resposta:

Desde o início da graduação eu pensava em trazer os conteúdos de história para internet de forma simplificada porque ainda existe muito esse problema das pessoas em acharem história uma matéria chata. Portanto, tento trazer de forma divertida e com personalidade, além de estar ajudando meus alunos nos estudos e pessoas que me seguem aqui também.

Perguntada sobre se conseguiu atingir seu objetivo, respondeu:

“Eu ainda não alcancei meu objetivo, pois quero transformar isso em algo maior ainda, talvez migrar para o YouTube. Mas me sinto muito feliz em colaborar de alguma forma.”

Por fim, perguntada se o trabalho realizado na plataforma digital é possível de realizar em sala de aula, disse:

Com certeza. Eu utilizo a mesma didática em sala de aula, dinâmica, solta, divertida, utilizando uma linguagem menos acadêmica e democrática para os meus alunos. Pretendo sim projetar em sala de aula, ainda não fiz isso por conta da pandemia.

Percebe-se algumas questões na proposta da professora Thaís que dialogam bastante com esse trabalho. Para começar, a preocupação em auxiliar não só seus alunos como as pessoas que a seguem. Nesse sentido, há uma clara tentativa em divulgar a História com o objetivo de auxiliar seus alunos no aprendizado e em divulgar excelentes leituras do nosso campo, preocupadas em desmistificar estereótipos e combater o racismo.

4.1.2

Que História é Essa?¹⁰⁹

Esse projeto é formado por três historiadores em formação da Universidade Federal do Ceará (UFC), Eduarda, Ytalo e Eduardo. Apresentam preocupação com a divulgação científica do que é produzido dentro da universidade e de divulgação da prática docente. Uma de suas propostas se dá através do “Que projeto é esse?”, em que, segundo Eduarda coloca¹¹⁰, visa tornar público para todos os projetos de

¹⁰⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/quehistoriaeessa/>

¹¹⁰

Disponível

em:

https://www.instagram.com/tv/B9Xo6mnF2e3/?utm_source=ig_web_copy_link

pesquisa que são realizadas dentro da universidade, sejam aqueles mais desenvolvidos ou os que estão em estágio inicial, para desmistificar a ideia que só se faz “balbúrdia”¹¹¹ dentro dos espaços universitários. Além disso, há um diálogo com a turma de mestrado do ProfHistória da UFC para apresentar o projeto de divulgação científica proposto pela página, uma vez que há total consonância com as ideias do programa de mestrado. Encontramos ainda dentro da página recomendações de leituras, filmes e séries abordando temáticas historiográficas e culturais.

Gentilmente se prontificaram a responder as três perguntas propostas para auxiliar nesse mapeamento e no proposto, sobre a primeira questão disseram:

Vou falar um pouco sobre nosso início, a nossa decisão de montar um canal ocorre no final do ano passado (2019), quando em uma reunião decidimos montar um perfil no Instagram sobre ensino de História. Uma integrante de nossa equipe (somos em três) já tinha um perfil sobre conteúdos de História no Instagram, era um perfil pessoal dela, a partir disso nós decidimos que iríamos utilizar e construir o nosso perfil em cima deste preexistente, modificamos ele e iniciamos. A motivação central sobre a construção deste perfil foi na estreia de nossa participação em um encontro de Ensino de História que aconteceu na nossa cidade, passamos a gostar da área e começamos a perceber o pouco apreço que a comunidade de Historiadores davam a área de ensino, nas redes sociais víamos que tinham várias páginas, muito semelhantes entre si (conteúdos factuais, curiosidades, aulas para concurso e vestibulares, isso é o que domina nas redes). E em cima desta "brecha" montamos nosso canal. Ou seja, nossa motivação vinha do nosso apreço ao ensino (dois dos nossos integrantes pesquisam na área do Ensino de História, e um era monitor do Laboratório de Ensino de História da UFC (LEAH). E do fato do descaso da nossa área em relação ao Ensino. Além de percebermos uma brecha nas redes sociais que poderíamos explorar.

Com relação à segunda resposta, foi dito:

Como ainda estamos no início, e pelo fato de nos encontrarmos neste momento sobre uma pandemia e sobre um lockdown ainda não fizemos tudo aquilo que é o nosso objetivo na qual planejamos. Estávamos montando uma vaquinha para arrecadar fundos para organizar a compra de um material mais profissional (microfone principalmente), pois desejamos e estamos fazendo um podcast, porém tivemos que parar por causa da Pandemia. cremos que estamos alcançando nossos objetivos,

¹¹¹ Balbúrdia foi uma colocação utilizada pelo Ministro da Educação Abraham Weintraub para se referir, na visão dele, ao que universitários costumam praticar nas universidades do Brasil.

ainda de forma parcial em decorrência a situação que estamos vivendo, porém vamos superar.

E para a terceira resposta, temos:

Sim o nosso perfil possibilita o uso em sala de aula, temos um quadro (que tivemos que parar na pandemia) que é sobre propostas/planos para a sala de aula de como trabalhar determinados materiais (livros e filmes sobretudo) com propostas avaliativas relacionadas a eles.

Portanto, tomo como ponto de reflexão a primeira resposta dada, a qual foi possível diagnosticar a iniciativa com viés alternativo aos que vimos, por exemplo, no caso da Professora Thaís ou em outros que veremos mais adiante. Cabe ressaltar que em hipótese alguma um é melhor ou pior do que o outro, mas sim, são propostas diferentes e que possuem amplo diálogo entre o acadêmico e o não acadêmico. Outro apontamento impactante, a meu ver, é a observação dos historiadores em formação em “não haver apreço” por parte da academia em ocupar os espaços digitais. De fato, essa iniciativa é relativamente recente, tal qual o aprofundamento e, provavelmente, o atual contexto de pandemia favorecerá na elaboração e poderá ressignificar as formas de se fazer e pensar a publicização da História. Penso que os recentes ataques ao Ensino de História também favorecem significativamente a produção em plataformas digitais, tais como a proposta nesse e em outros canais como o “Que História é essa?”.

4.1.3

Domínios da História¹¹²

Esse canal foi criado pelo professor Rubem Soares, de Belém – PA e por lá podemos encontrar um conteúdo muito interessante com excelentes indicações de leituras e debates historiográficos para aprofundar o que foi debatido em sala de aula. O canal serve como um meio de aprofundamento aos conhecimentos históricos através de fotos com textos bem elaborados sobre obras clássicas e recorrentes nos embates acadêmicos. Vemos, portanto, uma forma de divulgação científica que estimula a leitura através de suas resenhas sintéticas e propícias ao meio digital, instigando, portanto, o interesse pela leitura. Essa abordagem historiográfica que proporciona debates por meio digital é uma iniciativa bastante

¹¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/dominiosdahistoria/>

produtiva e em complemento com o trabalho de sala de aula, proporciona aos alunos encontros com fontes e os aguçam a elaborarem seus próprios pensamentos a respeito da História. Para além disso, esse canal serve para nos mantermos em formação a respeito de boas indicações de leitura para ressignificarmos nossas aulas. Com solicitude, o professor Rubem respondeu as três perguntas da seguinte forma:

1- Levar ao público um conteúdo sobre História que aborde os fundamentos da Matriz de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio. No entanto, essas abordagens são feitas com base em historiografia nacional e internacional, de modo a fugir das análises tradicionais dos livros didáticos e, ao mesmo tempo, dos hermetismos acadêmicos. Neste sentido, o canal está fora dos padrões existentes na rede, pois sua proposta é ir um pouco além do exigido no ensino médio. Resumos, "dicas", aulas, análise de conceitos-chave, indicação de livros, resenhas, metodologia etc. São as bases sobre as quais o canal está assentado.

2- Ainda não. O canal tem um número de "seguidores" ainda baixo. Como não se enquadra nos padrões dos canais mais populares, tende a "nadar contra a maré". Creio que acima de cinco mil inscritos já seja possível levar a mensagem do canal a um público maior. Creio que muitos alunos preferam canais com linguagem mais "acessível", explicações simplistas, brincadeiras e vídeos curtos. Esta não é a filosofia deste canal.

3- Sim, mas com ressalvas. Dada as condições materiais, técnicas e didáticas ao professor, é possível realizar o trabalho na forma presencial. Todavia, em muitas escolas públicas, fica impossível realizar um trabalho neste formato em função da carência de recursos necessários à materialização da aula. Com a pandemia e após seu controle, creio que haverá um aumento significativo de plataformas de ensino remoto ou por EAD no mercado brasileiro. Já se verifica nas redes a intenção de se organizar revisões em plataformas digitais como Zoom, Team, Google Meet etc. Para além dos debates acerca das limitações existentes nas aulas online, creio que o espaço para esse modelo irá se expandir ainda mais. A questão é quais impactos didáticos, pedagógicos e sociais trará? O futuro não muito distante nos dirá.

O que chama atenção e corrobora com o exemplo anterior é o termo utilizado por Rubem para referência ao linguajar acadêmico, como sendo hermetismo, ou seja, de conhecimento e acesso a poucos. Nota-se, portanto, uma preocupação de levar o saber acadêmico de forma prática e acessível ao público, bem como em produzir algo para além do que é exigido nos bancos escolares. Outra

resposta interessante para refletirmos como uma ocupação dos professores é a aposta no Ensino Remoto e seus impactos. Questão ainda muito recente e que não é possível dimensionar os impactos no presente momento, porém, já percebemos que a imposição ao espaço digital para professores e diversas faixas etárias, nem sempre, vão gerar os efeitos pedagógicos esperados, pelo contrário, no ramo privado, muitas vezes, mais serve como justificativa de cobrança de mensalidade e, portanto, algo estritamente mercadológico, do que necessariamente pedagógico. Na esfera pública há dificuldade de acesso devido às questões sociais que permeiam o território nacional.

4.1.4

De Olho na História¹¹³

Esse canal, diferente dos que foram apresentados até aqui traz uma proposta via recurso disponibilizado no Instagram que são os *quizzes*. Nessa ferramenta as perguntas realizadas visam trazer curiosidades e assuntos diversos relacionados à História Geral e do Brasil, configurando uma forma de entretenimento e aprendizado. Bruno e Gustavo, historiadores em formação trazem também a preocupação em abordar a História Local, já que eles são da cidade de Jeremoabo – BA. Trazem postagens sobre patrimônios locais, explicam a origem do nome da cidade localizada no Norte da Bahia, dentre outras questões regionais. Respondendo o questionário proposto deram as seguintes respostas:

1- Somos estudantes de Licenciatura em História e sentimos a necessidade de compartilhar os conhecimentos históricos com as pessoas, por meio do Instagram.

2- Sim, a página tem repercussão positiva, as pessoas gostam do conteúdo, da interatividade por causa do quiz nos stories e das postagens sobre História Local, estamos sempre aperfeiçoando para agradar ainda mais.

3- Sim, o quiz é um exemplo, realizamos perguntas sobre um determinado assunto, a utilização do quiz pelo professor de História é importante para deixar a aula dinâmica e mais atrativa para os alunos.

¹¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7owxprgtPJ/>

4.1.5

História no Paint¹¹⁴

Essa página traz uma tipologia diferente em abordagem para sala de aula. Pensando a era digital e os que a habitam, ou conforme Marc Prensky (2012) chamou: a geração de “nativos digitais”, o História no Paint produz conhecimento histórico através de memes. Esses recursos visuais são muito produtivos no dia a dia da sala de aula, além de trazer forte empatia entre alunos e o conhecimento. O idealizador Leandro Marin, historiador em formação na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) conseguiu através de seu projeto criar algo que seja ótimo para professores utilizarem em sala de aula com um recurso visual (*power point*, *prezzi*, dentre outros) e, para que de forma autônoma, os alunos possam olhar e refletir de maneira engraçada e leve. Vejamos alguns exemplos:

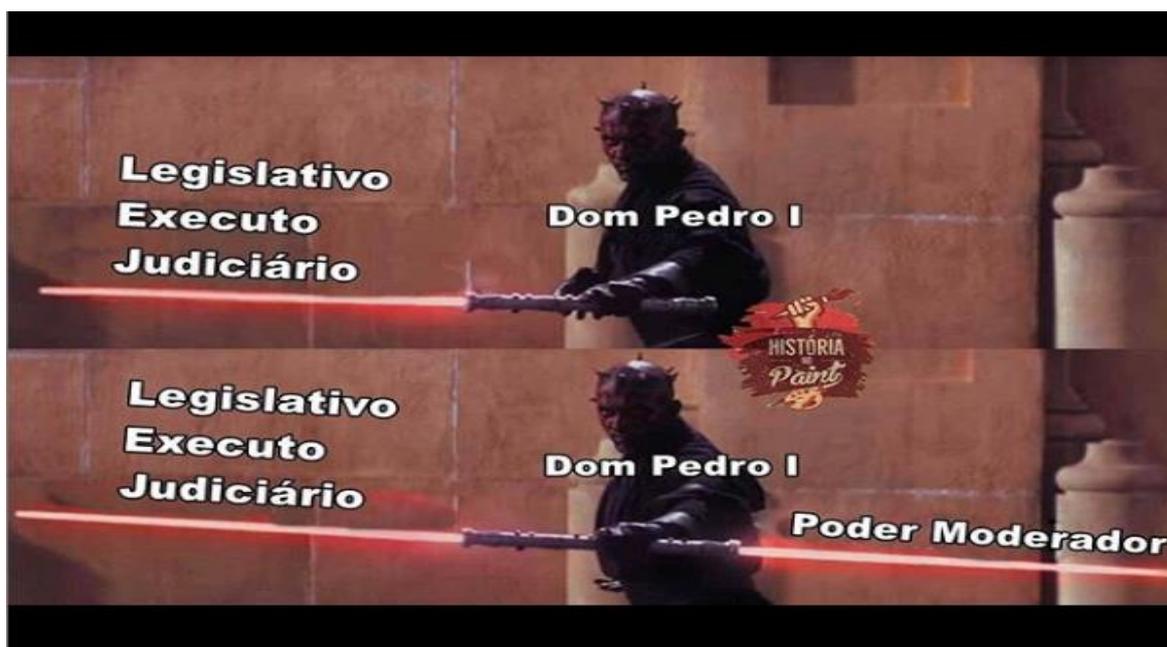


Figura 3: Meme star wars

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/historianopaintoficial/>



Figura 4: Meme Empurrada do Caminhão



Figura 5: Meme BBB



Figura 6: Meme Pocoyo

Fonte: <https://www.instagram.com/historianopaintoficial/>

O alcance que Leandro atingiu é bastante significativo e a empatia gerada por seus memes é quase que automática tanto em alunos, professores e simpatizantes com a História. Por mais que não haja um debate com referências bibliográficas ou em um formato mais acadêmico, percebe-se que todas essas imagens precisam passar por um crivo de análises e reflexões para que o espectador entenda. Também favorece o trabalho do professor que em meio a sua explanação, pode utilizar desse recurso que o aproxima da realidade de seu aluno e transforma sua aula em algo instigante ao espectador. Cumpre, portanto, o papel crítico e público do Ensino de História, bem como o viés contemporâneo que a História Digital nos apresenta. Sobre essa prática realizada pelo História no Paint, AnIta Lucchesi e Dilton C.S. Maynard discorrem no verbete para o Dicionário de Ensino de História¹¹⁵:

[...] “tudo digital é *sexy*” – como afirma o historiador holandês Gerben Zaagsma. O mesmo autor lembra que, “enquanto as humanidades parecem *old-fashioned*, chatas e em contínua busca por justificação ou valorização, as humanidades *digitais* nos conjuram imagens de territórios inexplorados e novos horizontes

¹¹⁵ LUCCHESI, Anita e MAYNARD, Dilton C.S. “Novas Tecnologias. In. M.M. Ferreira e M.M.D. De Oliveira. (orgs). “Dicionário de ensino de história” – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p.180

onde recursos financeiros fluem livremente, valor acadêmico é garantido e benefícios sociais são autoevidentes” [...].

A citação acima pode assustar em um primeiro momento, mas não se pode renunciar à ideia de que “a verdadeira questão não é ser contra ou a favor da Internet. O importante é compreender suas mudanças qualitativas” (Maynard, 2011:42) e, nesse caso, há uma apropriação muito interessante desse recurso para a divulgação científica de História. Se pensarmos no eixo das três perguntas, com relação à última questão, percebe-se a que o produzido pelo História no Paint consegue ser aplicado em sala de aula, falo, inclusive, por experiência própria e de sucesso.

4.1.6

Olivia Nery¹¹⁶

A página da Olivia Nery é um ótimo exemplo em como podemos tornar público o dia a dia das nossas rotinas acadêmicas para fins de publicizar o que se estuda e atrair um público que demonstra interesse por temáticas historiográficas. Olivia é doutoranda na PUC/RS e pesquisa principalmente sobre patrimônio e torna sua rotina de pesquisa algo público e, não só isso, tem a preocupação em indicar leituras, explicar conceitos e auxiliar através de sua rotina acadêmica outros pesquisadores que estejam em início de trajetória ou até mesmo desorientados e que busquem um norteamento para conduzirem suas pesquisas. É uma outra tipologia das já apresentadas por aqui e que também contribuem de maneira bastante eficaz para a publicização da História e conforme já falado anteriormente, demonstra que o ofício da pesquisa em ciências humanas acontece de maneira corriqueira, não podendo a mesmo ser associada à “balbúrdia”.

Olivia trouxe como resposta ao pequeno questionário, apontamentos bastante interessantes para refletirmos, vejamos:

1- Transformei meu perfil pessoal em também de divulgação científica e Histórica porque passei a me preocupar mais com História Pública e divulgação do conhecimento histórico em outra linguagem. Queria que outras pessoas, de outras profissões conhecessem o que nós fazemos.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/oliviasnery/>

2- *Acho que o objetivo inicial sim, percebo da minha rede inicial muitas pessoas têm conversado comigo com mais curiosidade e conhecimento sobre coisas básicas de ser historiador. Mas também tenho colocado metas maiores que ainda não atingi.*”

3- *Acho que sim. Algumas das postagens são bastante reflexivas e surgem a partir da experiência do cotidiano, e penso que essas podem ser sim realizadas em sala de aula. Conversar com estudantes sobre como a História é vivida no nosso dia a dia. As postagens sobre conceitos poderiam ser mostradas ou construídas em sala de aula a partir de um ponto, de uma aula e depois transformados em uma linguagem acessível.*

A primeira resposta de Olivia é crucial para ressignificarmos a nossa maneira de pensar o nosso fazer historiográfico. O zelo com o debate público ao se preocupar com que os outros de fora da nossa área saibam o que fazemos nos nossos dia a dia é um pouco da síntese do que foi discutido no decorrer desse e dos outros capítulos, provando o rigor, método e, principalmente, mostrando nossas produções e pesquisas como sendo o que nos capacita a falarmos sobre assuntos que permeiam a sociedade.

4.2

Canais de Youtube

A maior rede social do Brasil e a segunda maior do mundo abarca uma infinidade de conteúdos sobre os mais variados tipos. Refinar a busca para o Ensino de História foi um grande desafio, porém tal dificuldade foi vencida com o auxílio da rede social anterior, o *Instagram*. Percebe-se que muitos professores e pesquisadores que ao utilizarem essas plataformas digitais costumam usar não só uma, mas pelo menos duas como meio de divulgar suas produções. Normalmente usam o *Instagram* junto ao *Youtube* ou *Instagram* junto ao *Spotify*, priorizando os recursos visuais de imagem e texto junto à primeira plataforma apresentada nesse capítulo e o *Youtube* e *Spotify* como plataforma de áudio e vídeo, sendo que para vídeo, somente o *Youtube* é possível para essa empreitada¹¹⁷.

Outra funcionalidade que o *Youtube* carrega consigo é a plataforma *Youtube Edu*. Criada em 2013, em parceria com a fundação Lemann, reúne conteúdos não

¹¹⁷ O Instagram conta com o recurso de vídeo chamado IGTV, porém, por ser mais uma plataforma voltada para produções por celular, nem todos os celulares possuem boas condições para produções visuais com certa qualidade. O Youtube favorece fazer o upload de arquivos de câmeras e filmadoras via Desktop de maneira mais prática, gerando, em muitos casos, a preferência pela plataforma.

só de História, mas de diversas outras disciplinas. Nela, o professor passa por um crivo organizado pela Fundação Lemann, em que esses estipulam qual vídeo é considerado apto para adentrar a plataforma. Os critérios escolhidos para seleção são, portanto, a chamada “veracidade” do conteúdo a ser publicado, de acordo com o diretor executivo da Fundação Lemann, Dênis Mizne:

Essa foi uma das partes mais difíceis do trabalho, porque não dá para definir exatamente o que é uma aula boa ou não. Cada um tem uma forma de ensinar e um jeito de aprender. O grande diferencial da plataforma é justamente possibilitar que as pessoas escolham o professor que melhor se adapta ao seu perfil.¹¹⁸

Portanto, tal qual fizemos no tópico anterior em trazer tipologias diferentes no sentido de abordagens e formas de divulgação. De cara, podemos perceber que as principais tipologias presentes nessa plataforma digital de vídeos fazem referência aos estudos para vestibulares e concursos que tragam a História na sua concepção de disciplina. Porém, há também quem promova debates historiográficos e divulgação científica e que ao invés de praticarem a chamada transposição didática, trazem as referências do mundo acadêmico para discutir com o grande público. Nada impede que um canal faça ambas as práticas, afinal de contas, dissociar pesquisa de ensino é uma prática equivocada e que esta pesquisa jamais teve ou terá por intenção. Cabe ressaltar ainda que a grande maioria dos donos de canal também contribuiu gentilmente respondendo ao pequeno questionário proposto. Os mapeados no *Youtube* foram:

- Tudo é História
- Clio: História e Literatura
- Nas tramas de Clio
- História Chico Hits

4.2.1

Tudo é História¹¹⁹

¹¹⁸ PIRES, Fabiana. “Google lança plataforma de educação Youtube EDU”. *Época Negócios*, 21 de novembro de 2013. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2013/11/google-lanca-canal-de-educacao-youtube-edu.html>. Acesso em: 30 de março de 2020.

¹¹⁹ Disponível: <https://www.youtube.com/channel/UC1FRhz5TiB7Mdh0wP0kmxrg>

O canal Tudo é História é um dos membros do *Youtube* Edu e é comandado pelo professor Hilário Xavier. Nesse canal podemos encontrar conteúdos voltados para vestibulares, concursos militares e um quadro que, a meu ver, é bem prático em que podemos observar conceitos usuais e que, muitas vezes, alunos e o grande público acabam esquecendo. O quadro se chama “História em 2 minutos” e por lá, encontraremos vídeos curtos com cerca de dois minutos abordando temas como: “Noite de São Bartolomeu”, “Tratado de Methuen”, “Plano Marshall”, “Abertura dos Portos”, dentre outros. A realidade profissional do professor Hilário é de escola particular e parte de seu interesse é o engajamento para que haja uma acessibilidade de conhecimento e, por isso, a produção de conteúdos gratuitos para estudantes e interessados em História de todo o Brasil. Em resposta ao questionário, disse:

1- Eu sou Professor da rede privada em colégios caros e tradicionais, sempre me senti na obrigação de levar um pouco de conhecimento aos menos favorecidos, a vontade de ajudar as pessoas me motivou a dividir o conhecimento que adquiri ao longo de uma vida dedicada ao estudo.

2- Estou quase lá, estou perto de 100 mil seguidores, com força de vontade estou cada vez mais dentro dos lares dos estudantes do Brasil, já ajudei muitos alunos e espero poder ajudar muito mais!

3- Sou Professor da rede objetivo e Poliedro, posso utilizar os meios que eu desejar para completar o aprendizado dos meus alunos, porém quando se trabalha com sistema apostilado o docente fica preso a regras e obrigações que nos prendem ao uso do material.

O que chama atenção na fala do professor Hilário é a percepção e engessamento que o modelo apostilado proporciona. Por mais que haja toda uma estruturação na escola, o professor, conforme o mesmo disse, acaba por muitas vezes ficando preso em não conseguir ou poder utilizar um recurso didático diferente por conta da apostila precisar ser utilizada para justificar sua venda. Infelizmente, essa realidade se aplica com frequência nas escolas privadas pelo Brasil e, cabe ressaltar ainda, muitas dessas escolas visualizarem a proposta de complemento do aprendizado por plataformas digitais como uma possibilidade de angariar visibilidade para sua instituição baseado no trabalho do professor. Temos nessa relação privada, portanto, uma clara exemplificação da mercantilização da Educação. Podemos, mesmo com essa questão, desmerecer a atividade do professor? De maneira alguma, uma vez que nesse sistema, o professor não é o

culpado, muito pelo contrário, ele acaba sendo vítima e a sua produção é para proporcionar uma popularização e reinvenção, sem jamais substituir a sala de aula e o contato presencial, do processo de ensino e aprendizado.

4.2.2

Clio: História e Literatura¹²⁰

Clio: História e Literatura é um canal dos que mais se enquadram na onda da História Digital e de que como podemos utilizar esses recursos para aproximar o universo acadêmico para o mundo comum. Bruno Rosa, Gustavo Nalva e Mônica Tortorette demonstram claramente existir uma preocupação em um debate público sobre o que é História e há, por parte deles, uma disposição em aprofundar debates historiográficos de maneira leve, descontraída e que proporcionam definições de conceitos da academia com suas devidas referências e discussões. Alguns de seus vídeos integram a plataforma *Youtube* Edu por abordarem temáticas que auxiliarão o estudante na realização do ENEM. Portanto, esse canal demonstra como é possível esse papel de transposição didática do universo acadêmico, a proximidade com o universo escolar e, principalmente, a divulgação e o diálogo com o grande público a respeito do olhar historiográfico sobre o mundo e o que nos cerca. As respostas fornecidas ao questionário também são um convite para refletirmos a respeito do ofício do historiador na plataforma digital, bem como demonstrar que o interesse de historiadores profissionais em ocupar esses espaços está cada vez mais aumentando no Brasil. Vejamos as respostas:

1- A motivação primeira que me levou a criar o Clio foi a de fazer comunicação histórica, em uma tentativa de aproximar as pesquisas e temas levantados pela academia para um público mais generalista. Nosso canal não é bem um canal de videoaulas ou de curiosidades, apesar de possuir conteúdos nesses dois sentidos, nosso canal é para entusiastas, professores e estudantes de história, para quem procura construir um conhecimento acessível e rigoroso, acreditamos piamente que esses dois fatores precisam caminhar lado a lado quando se faz comunicação digital. O Clio tem como missão mostrar que história é um campo do conhecimento extremamente rico e profundo, e que quando nos apropriamos dele nos empoderamos e passamos a ter uma consciência de quem somos, o que somos e como nós chegamos nesse ponto. Nesse sentido ele é um meio termo entre o livro didático e o artigo científico, ao mesmo tempo

¹²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC1mLGfLYbhztostdvOMR2w>

em que trazemos dados e análise, traduzimos para o público, sem nunca o guiar, sempre o convidar a participar dessa tradução, seja no sentido seja na forma.

2- Essa talvez seja a pergunta mais capciosa e complexa de se responder, afinal o que é, na propositura acima exposta, alcançar um objetivo? Como se mede se estamos criando um conhecimento público de história? A resposta mais simples pode se aferir pelo nosso alcance, e nesse sentido pode-se dizer que alcançamos um número razoável de pessoas, mas ainda longe de canais e veículos midiáticos que alcançam 10, 100, até 1000 vezes mais do que nós, com propostas revisionistas e negacionistas torpes. Pode-se dizer que se meça pelo número de pessoas que publicamente nos contaram de mudanças operadas pelos nossos conteúdos, nesse sentido temos alguns casos sim, mas são poucos, um punhado na verdade. Essa régua, porém, não pode ser absoluta e fria no sentido aritmético. Quando esse canal foi criado eu não tinha expectativa de público, por se tratar de um tema, de uma forma e de uma comunicação árido para a plataforma na qual estamos inseridos, então alcançarmos, somando todos nossos conteúdos, quase 5.000 pessoas diariamente, é sim um objetivo alcançado. Mas temos ciência que ainda é pouco - mesmo que já sendo muito - e que há espaço suficiente para aumentarmos alcance, diálogo e temas.

3- De novo, sim e não. O que fazemos, ou seja, dialogar com a academia e traduzir esse diálogo com o público, e nesse caso entenda público como educandos, deveria ser papel fundamental de um educador em sala de aula, porém o que dificulta essa forma de construção epistêmica é justamente o próprio sistema educacional onde estamos inseridos. É possível, no ensino base, debater com os estudantes consciência histórica? Temporalidades? Outras formas de história fora da política e econômica? Isso tudo e ao mesmo tempo obedecer a BNCC e suas amarras em termos de quantidade de conteúdo e de tempo disponível para as aulas? Dessa forma acredito que não seja capaz, porém, em um modelo ideal, pode-se alinhar conteúdo e esses debates na construção de um conhecimento histórico que seja libertador, empoderador e transcendente, teria que "apenas" mudar a forma na qual o sistema de educação e ensino está calcada, ainda presa no sentido iluminista de ensino - que se ensina tudo para todos da mesma forma, que todos aprendem da mesma forma ao mesmo tempo do mesmo jeito.

Ao lermos essas respostas, poderíamos aqui respirar fundo e ficarmos perplexos com o poder de síntese e clareza que ela possui. A começar pela primeira resposta na qual temos, conforme dito, a clareza do uso e do diálogo entre acadêmico e sociedade. Uma aproximação necessária do que se debate e pensa em universo acadêmico, sendo levada de maneira concisa, com fontes e trazendo temáticas que não só esbarram em dilemas das sociedades contemporâneas, bem como, elucidando com o cotidiano que nos cerca os conceitos históricos. Outro

ponto na primeira resposta fundamental no pensar a história é a premissa da autonomia do pensar, na percepção do que é crítico, em que conforme discutimos no capítulo anterior, existe uma dificuldade bastante elevada por parte de movimentos, como o Movimento Escola Sem Partido, em compreender as dimensões e a necessidade do que é a História. Apesar de termos analisado que há por trás um projeto político e que vem avançando no Brasil, não se pode ignorar o desconhecimento por parte desse movimento sobre o que é fazer História.

Na segunda resposta, há uma percepção no que pretendo deixar claro no decorrer deste capítulo. O objetivo desse mapeamento é guiado pela sua robustez no debate historiográfico em suas mais variadas frentes. Nesse sentido, tornar a história algo mais atraente e causar estímulos aos que se deleitam dessa ciência, seja através da leitura, da imagem, áudio ou vídeo. O importante ao pensar em atingir o objetivo é trazer uma relação entre o que se objetivava em produzir e o que se produz e no que tange a isso, tomada às proporções atingidas por esse canal, temos um referencial de objetivo alcançado, mas que não significa a anulação para melhora ou acréscimo de novos objetivos, como o de aumentar a visibilidade, por exemplo. (particularmente, vejo esses números de visibilidade informados como sendo excelentes).

Na última resposta há mais uma reflexão a se gerar, e o professor Hilário (tópico 3.2.1) nos deu um horizonte para pensarmos a questão no mundo privado. No pensar da questão em um universo de ensino na escola pública, podemos, de fato, esbarrar no projeto que se tem debatido na BNCC e que na introdução já nos trouxe o que ocorre por de trás da implementação da base. O professor nessa situação, mais uma vez, precisa se desdobrar para proporcionar diálogos do que se é produzido na academia e o que se consegue levar para sala de aula em um universo de ataques seja no âmbito da figura profissional ou no que o cerca, como estruturas, salários, formação, dentre outros que proporcionarão o engajamento do profissional de educação e, conseqüentemente, o professor de História. Canais como Clio: História e Literatura se fazem fundamentais no intuito de promover engajamento e motivações para o professor de História pensar do espaço digital como uma alternativa a acrescentar os debates que eventualmente não forem possíveis no espaço formal escolar e as particularidades de cada localidade.

4.2.3

Nas Tramas de Clio¹²¹

Nas tramas de Clio é um canal das professoras Caroline Dähne e Jessica Leme que visa alcançar professores e alunos pensando as múltiplas realidades e que se enquadra naqueles que não ficam presos somente em uma única plataforma de redes sociais. Segundo as próprias falam, esse projeto surgiu por terem o interesse em divulgar uma proposta reflexiva sobre História sem dissociar pesquisa e ensino, como a própria página em seu logotipo já propõe. Também por questão de interesse próprio, fazem esse trabalho de divulgação priorizando um enfoque na cultura pop, o que é bastante interessante para a realidade dos alunos e buscam um diálogo com professores para auxiliar na elaboração de aulas. O mais interessante é que há uma separação com pastas destinadas a professores e alunos.

Na pasta para professores (no *Youtube* é chamado *playlist*) é possível encontrarmos várias dicas para elaboração de aulas e utilização de recursos, podendo citar, por exemplo, vídeos para auxiliar no uso de “música como recurso para o ensino de História”, ou, “como usar filmes na aula de História?”, entre outros vídeos que visam auxiliar a formação e a troca de experiências com professores. Na pasta destinada aos alunos é possível encontrar explicações do nosso campo, como por exemplo, demonstrar as diferenças para quem cursa licenciatura e bacharelado, auxílio no uso das cores para estudar História, vídeo aulas, e afins. O que diferencia o Nas Tramas de Clio com outros canais voltados aos estudantes é que a maior preocupação vista, tanto no canal do *Youtube*, como no site, é trazer para o aluno uma visão menos “conteudista” e mais ativa para se entender a História. Quando me refiro à palavra ativa, quero dizer com proposições para não só tornar a História algo presa aos livros, mas demonstrando ao aluno que há uma ciência viva, presente no cotidiano, viva na cultura e na prática discente. Com relação ao questionário, a resposta obtida foi:

1- A ideia surgiu no primeiro momento em criar o site, para colocar materiais que ajudariam no andamento das nossas aulas com os nossos alunos. Mas também para compartilhar ideias com outros professores. Sempre que buscávamos ideias de atividades, planos de aula, materiais diversificados para análise, não conseguíamos muita coisa, ou a qualidade era bem

¹²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCwfr2cX3uSN9IqZ05x-qiQA>

"fraquinha", baseado em muito conteúdo e pouca reflexão. Então, decidimos criar o site, depois disso, a pedido dos nossos alunos, criamos o canal no YouTube e a página no Instagram. Nesses o acesso ainda é pequeno, mas no site temos uma média de 7 mil leitores mensais.

2- Ainda temos muitas expectativas com o projeto, mas a cada pessoa que comenta, lê nossas dicas, compartilham nossas ideias, vamos nos sentindo realizadas. O maior retorno sempre é dos nossos alunos, em sala de aula já vi muita melhora na qualidade dos materiais e análises que eles produzem. Os alunos que acompanham o site/canal/Instagram, geralmente me dão um retorno muito positivo em sala de aula. Muitos inclusive dão sugestão de temas para as postagens. Outra coisa positiva do projeto, com as postagens no site e no Instagram é que já fomos convidadas para outros projetos. Terminamos um capítulo de livro que será publicado em breve e estamos produzindo mais dois, em parceria com professores que nos encontraram por aqui. Uma das coisas mais legais, é que alguns professores que nos deram aula na graduação e no Mestrado, compartilham com os alunos deles as nossas dicas sobre sala de aula. Isso nos mostra que o conhecimento acadêmico aliado à experiência de sala de aula traz um olhar diferenciado sobre a produção de materiais. Uma coisa que sempre me incomodou na História é a dificuldade que temos em dialogar com pessoas de fora da área. Não é nem no sentido de simplificar as coisas, mas sim em tornar a linguagem acessível e despertar interesse em vez de usar academicismos e afastar as pessoas.

3- Acho que nas respostas anteriores já dei uma ideia sobre isso né. Eu acho super possível. Aliás uso as mídias sociais como um complemento das atividades que realizo com os alunos em sala de aula. Os alunos conhecem tecnologia, muitas vezes, melhor do que nós. Precisamos estar nesse espaço e mostrar para eles que é possível sim aprender por aqui. Inclusive, costumo realizar com eles diversas atividades relacionadas às mídias. No momento estamos produzindo postagens de Instagram com orientações sobre o coronavírus. Cada aluno precisa montar um tutorial em linguagem bem didática, relacionando a pandemia atual com outras temáticas que estamos trabalhando. Essa atividade é interdisciplinar, com Língua Portuguesa, Inglês e Produção Textual. Assim, eles precisam entender como funciona a construção desse gênero textual, como tornar interessante a postagem, diagramação. Em termos de conteúdo estão relacionando com fake news, as ODS¹²² sobre acesso à água potável e qualidade de vida, a questão social no Brasil hoje e outras situações referentes à História da Saúde, como a Revolta da Vacina. Para realizar essa atividade, usei as minhas postagens aqui como exemplo de como construir as publicações deles. Então sempre estamos relacionando as mídias com a sala de aula.

¹²² Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Iniciativa da Organização das Nações Unidas (ONU)

As respostas dadas pelas criadoras do canal são bastante elucidativas, uma vez que demonstram com exemplos as possibilidades que elas buscaram para pôr em prática o produzido em sala de aula. O que é importante ainda de se observar são as formas aliadas do que é presencial e o virtual, deixando claro que um não pode se separar do outro. Caroline e Jessica nos trazem, dentro de suas realidades (uma é professora da rede pública e outra da rede privada), as suas preocupações em tornar a História algo prazeroso para todos os públicos e ainda nos brindam com sua solicitude em ajudar os professores da educação básica em início de carreira, o que para muitos em sua fase inicial é uma grande ajuda, dada as inseguranças, incertezas e realidades que nos permeiam ao entrarmos no mundo da sala de aula.

4.2.4

História Chico Hits¹²³

História Chico Hits é um canal do professor Chico D'Ávila que propõe, principalmente, a consolidação dos assuntos discutidos em sala de aula através de paródias musicais que facilitam a fixação e tornam o aluno mais próximo do conteúdo por meio da musicalidade. Obviamente, professores que tenham mais afinidades com instrumentos ou o canto tendem a ter mais facilidade para aplicar, por exemplo, tais práticas em suas aulas e como Chico é um professor com forte talento musical, ele alia suas habilidades ao saber docente e compõe essas melodias “chicletes” e que proporcionam uma interação entre professor e aluno, tornando o saber historiográfico bem menos pesado.

Cabe ressaltar que as letras são construídas de maneira a elencar os principais tópicos do assunto estudado para que o aluno, através da música, possa realizar suas associações, tornando assim o ensino de História algo bastante lúdico. Tal qual o História no Paint faz com imagens provocando suas reflexões, pensarmos ludicidades para as práticas de sala de aula pode ser uma maneira de diálogo com nosso corpo discente. Vejamos uma das letras de suas paródias:

Autor da letra: Professor Chico d'Avila

Música original: Whisky A Go Go - Roupas Nova

¹²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/hitsdoChico/videos>

Letra: "Hit's do Chico: Independência do Brasil

E Dom João desembarcou aqui, veio fugindo de Napoleão, abriu os portos às nações amigas e fez tratado de navegação. Também fundou o Banco do Brasil, desenvolveu administração, Brasil foi elevado a Reino Unido, mas lá em Porto tem revolução. E Dom vai voltar, mas Pedro fica em seu lugar. Portugal vai pressionar, mas Pedro disse que vai ficar...

Dom Pedro só quer poder e Moral, Independência ou Morte é o sinal, história é uma matéria genial(2x)"¹²⁴

4.3

Canais de Podcast

O *Podcast* é a maior plataforma de *streaming* do mundo em que é possível de ser ouvida de maneiras aleatórias. Funciona como uma espécie de rádio da era digital, onde nós escutamos através de nossos aparelhos eletrônicos o que nos interessa, desde músicas aos *podcasts*. Nesse sentido, existe uma gama bastante diversa em que, sem interromper nossas rotinas, podemos ouvir sobre as mais variadas temáticas fazendo nossas múltiplas atividades, seja fora ou dentro de casa. Por essa questão, por não requerer que fiquemos presos, segurando os nossos aparelhos e por podermos deixar a reprodução do áudio tocar enquanto a rotina segue, é uma das plataformas mais atuais e de recursos totalmente adaptáveis aos nossos modos de vida acelerados contemporâneos. Esse *streaming* possibilita também uma informalidade ao se discutir temas, fato que torna ainda mais leve e menos desgastante a relação entre comunicador e receptor. Os canais mapeados nessa categoria foram:

- Navio dos Loucos
- Petit História
- Outro Lado da História
- História Pirata

4.3.1

Navio dos Loucos¹²⁵

¹²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q0xS0C3WThw>

¹²⁵ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6rXq1uSF16aJSGBnu8hO5y>

Esse *podcast* foi criado por Douglas Coutinho, Matheus Viug e Mateus Gusmão, professores formados pela Universidade Federal Fluminense que vivenciam suas práticas docentes em colégios particulares do Rio de Janeiro. A ideia é abordar temas diversos da História fazendo uma relação do que se discute na academia com uma linguagem mais acessível, tornando, portanto, possível o acesso do grande público ao que se é debatido dentro da História e Ciências Humanas, afastando o estereótipo de diálogo dos historiadores com os seus pares. A forma como eles estão conduzindo as produções se dá em diversos quadros, dentre eles temos o que se associa à cultura popular como filmes, músicas, séries com as abordagens historiográficas que elas possuem. Também produzirão quadros, relacionando leituras da História, destrinchando o autor e recomendando a leitura ou não para o público.

Percebe-se, ao ouvir os historiadores, que há muita preocupação em trazer visões distintas e bons debates historiográficos para o público, debates esses que só os que leram ou vivenciaram de tais leituras no universo acadêmico tiveram tal contato. Para exemplificar essa questão, no episódio sobre Imperialismo, é trazida ao público visões historiográfica desse tema na percepção de diferentes pensadores com interpretações distintas, como John A. Hobson, Vladimir Ilitch Lenin e Joseph Schumpeter. Portanto, temos autores claramente discutidos no universo acadêmico, mas que são trazidos de maneira concreta e acessível ao público para demonstrar que é possível se fazer História em plataformas digitais com o rigor que o debate acadêmico exige mesmo sendo fora das dimensões clássicas propostas pelo academicismo. Logo, temos nesse *podcast* uma proposta de divulgação científica com análise voltada não só para o aluno ou o ambiente de sala de aula, mas para qualquer um que tenha afinidade e apreço pelos debates que a História promove e que deseje se aprofundar na área.

4.3.2

Petit História¹²⁶

O Petit História é lançado como canal em uma proposta que merece ressaltar nessa dissertação. Até então, todos os canais e páginas aqui apresentadas tem por

¹²⁶ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/11kAiUFxdb4tRQJolZia3t>

critério serem produzidas e feitas por historiadores, porém, o Petit História é o único que trago na qual o seu criador não é historiador de formação, mas sim, um interessado em História. O motivo para trazer esse canal é facilmente justificável: seu autor, Cristiano Basílio é um apaixonado em História e que traz em seu *podcast* professores historiadores para explicar temas propostos. Portanto, temos historiadores ganhando espaço para fala em um canal digital para abordar assuntos que podem ser de interesse do estudante ou daqueles, como o Cristiano, que são apaixonados pelas temáticas historiográficas.

A ideia, como o nome sugere (*petit*)¹²⁷ é abordar em cada episódio um pequeno fragmento da História, então, por exemplo, ao invés de abordar sobre a Primeira Guerra Mundial de maneira generalista, o *podcast* abordará episódios que ocorreram nesse evento histórico. Nesse sentido, temos para elucidar o que estou a discorrer, um episódio que abordará a trégua de Natal do ano de 1914¹²⁸. Em relação ao pequeno questionário, as respostas dadas foram:

1- Bom, o Petit História nasceu primeiramente como uma brincadeira entre amigos, depois que eu (Cristiano Basílio) participei de um Encontro de Gestores de Treinamento da FCA¹²⁹ (trabalho numa concessionária de veículos Fiat e Jeep aqui em Cuiabá-MT) e foi um dos temas abordados naquele Encontro foi sobre podcasts e, na verdade, eu nem sabia o que era isso e fiquei com aquilo na cabeça depois do Encontro. Bom, comecei a fazer pesquisas sobre o assunto (YouTube, reportagens e a ouvir podcasts) e depois de uns 3 meses resolvi gravar um episódio (que na verdade o deletei depois) sobre o que é História e a função do historiador e enviei para alguns amigos que acharam “super 10” e que gostariam de ouvir mais sobre assuntos no campo da História sem ser algo “pesado” e sem ser muito acadêmico, mas que viessem falar de um jeito simples e cativante. O objetivo do Petit História é falar sobre História de uma forma simples.

2- Sinceramente estou muito feliz com o nosso podcast. Não esperava que crescesse tanto em tão pouco tempo. O Petit História no dia 22/05 fez 01 ano e temos uma parceria com a Editora Contexto. No dia 02 de janeiro deste ano (2020) saiu uma reportagem no Mundo Interpessoal¹³⁰ sobre os 20 melhores Podcast sobre história no Spotify e estamos entre os 20. Temos uma audiência de 51% na França, precisamente em Marselha, como também no nosso Brasil com 44%, Austrália 1% e outros

¹²⁷ Petit significa pequeno em francês.

¹²⁸ Episódio disponível em: <https://open.spotify.com/show/11kAiUFxdb4tRQJolZia3t>

¹²⁹ Fiat Chrysler Automobiles

¹³⁰ Disponível em: <https://mundointerpessoal.com/2020/01/melhores-podcast-sobre-historia-no-spotify.html>

países < (menos que) 1% (EUA, Irlanda, Emirados Árabes, Holanda, Espanha, Canadá, Alemanha, Paraguai, Nova Zelândia, Reino Unido, Argélia e México).

3- Sim, hoje vivemos, podemos dizer, num mundo digital, globalização, informações super rápidas e trazendo isso para a área de ensino é possível, pois muitos tem um meio de estar conectado e o professor pode usar um podcast para aulas, no nosso caso, sobre História. Por exemplo, gravamos alguns episódios sobre o Brasil Colonial que podem ser trabalhado com os alunos em sala de aula, como também estamos gravando uma série sobre a I GUERRA MUNDIAL e com isso, o professor em sala pode abrir uma discussão no campo do conhecimento para debates sobre determinados assuntos.

O interessante nas respostas de Cristiano é a sua percepção de quem é um admirador da área e que conseguia perceber a necessidade e ausência de produções com um viés acessível para aqueles que são de fora da área. Também a sua sensibilidade em sempre convidar professores de História para explicarem as temáticas em seu *podcast*, dando a ideia de um verdadeiro *talk show* com convidados formados na área para que possam fazer essas análises respeitando a maneira e linguagem acessível para todos os públicos. Para além disso, a possibilidade de aplicação do que se produz para a sala de aula. De fato, conforme o dono do Petit História propõe, há uma possibilidade para abrir discussões ou utilizar desses episódios gravados para abrir ou concluir discussões em sala de aula ou até mesmo recomendar para que o aluno possa, autonomamente, aprofundar seus conhecimentos.

4.3.3

Outro Lado da História¹³¹

Outro Lado da História é um *podcast* que, em um primeiro momento me fez acreditar ser criado para corroborar com negacionismos produzidos na contemporaneidade sobre História. Falo isso pelas provocações propostas pelo autor ao tratar de temáticas como nacionalismo, patriotismo, esquerda, direita, nazismo e até mesmo pelo nome do canal “Outro lado”, termos normalmente utilizados por conservadores reacionários ao abordar assuntos do campo da História, tal qual Narloch e seus “guias politicamente incorretos”, ou umas

131

Disponível

em:

<https://open.spotify.com/show/6SxhoMp6JmJeqCEXXdL98d?si=iPu3ALoVQ8KRAG9w1S3KJQ>

releituras de grupos como Brasil Paralelo¹³² que costumam trazer essa narrativa de “o lado escondido da História” ou “O que não contaram para você”. Isso chega a gerar uma reflexão que nos mostra como estamos cada vez mais associando, indiretamente, o debate dessas ideias ao campo conservador. Porém, ao ouvirmos a proposta do historiador Douglas Nunes da Silva, temos, em pequenos áudios, explicações conceituais que para nós, historiadores, são corriqueiras, mas para quem é de fora da área, pode gerar confusões e, principalmente, sem a existência de canais com essa proposta, induziria ainda mais o grande público a cair no ardiloso caminho que os revisionistas e negacionistas tentam impor ao debate público de História. Ao responder o pequeno questionário, temos o seguinte:

1- Criei porque acredito que o volume de informações falsas na internet (as famosas fake news) está enorme. É uma rede tomada por pessoas que falam de coisas que não pesquisaram e que parecem verdade para quem está vendo e ouvindo, só que não são e são perigosas. Portanto, percebi que era fundamental que o outro lado estivesse lá também, exatamente por isso o nome "outro lado da história". Então além de "rebater" mentiras que surgem na internet, busco mostrar que a escravidão trouxe sim muita desigualdade racial no país, que o racismo é forte e grave até hoje. Mostrar também a importância de pautas como o feminismo, o combate à homofobia, entre muitas outras lutas sociais. Porque acredito que o desconhecimento sobre estes temas é aliado dos opressores.

2- Considero que ainda não. Acredito que preciso chegar a um número maior de pessoas e principalmente trazer uma conscientização sobre os temas abordados, o que no momento ainda não tenho como perceber, pois o volume de comentários ainda é baixo. Mas o retorno positivo das poucas pessoas que comentam demonstra que estou no caminho.

3- Sem dúvida. A maioria dos meus episódios são de no máximo 10 minutos de duração. Acredito que seria muito válido toda semana debater uma pauta social ou um ponto da nossa história, trazendo números, pesquisas, relatos ou estudos a respeito daquilo e em seguida promover mais uns 20 ou 30 minutos de debates entre os alunos. Claro que para isso, este áudio/vídeo já tem que ser produzido por outra pessoa para não sobrecarregar ainda mais o professor que já tem que elaborar o plano de aula, fazer prova e outras funções na escola.

Douglas ao fornecer essas respostas, corrobora com tudo que foi escrito até aqui e como os espaços digitais vem sendo ocupados por negacionistas que visam constantemente atacar as humanidades com teorias sem o mínimo rigor científico

¹³² Para exemplificar essa narrativa, um dos vídeos cujo título é “O que nunca te contaram sobre o Ministério da Educação”. Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=gtW8-ke5qKU>

ou, conforme debatemos no capítulo um, distorcendo fontes acadêmicas e as tirando do contexto para explicarem suas pseudo teorias. Cabe ressaltar ainda a total aplicabilidade de seus *podcasts* em sala de aula, uma vez que os mesmos são curtos e capazes de proporcionar excelentes debates tanto em sala de aula, como também em múltiplos ambientes da sociedade.

4.3.4

História Pirata¹³³

O História Pirata é um dos canais que possui fluidez nas redes sociais e que trabalha sobre variadas frentes, seja através do *Instagram*, como pela plataforma de *streaming Spotify*. Normalmente as publicações feitas no Instagram vão de encontro a publicar os *podcasts* postados no *Spotify*, porém, há também discussão historiográfica através de publicação de imagens, tal qual já discutimos em outras páginas na parte em que foi abordado a rede social *Instagram*. Pois bem, o História Pirata é de criação dos professores Daniel Gomes¹³⁴ e Rafael Verdasca (Rafinha) onde, originalmente ambos eram professores de cursos preparatórios e Ensino Médio no colégio Poliedro em São Paulo. Sentiam a necessidade de expandir e aprofundar os debates historiográficos para um público maior, já que em conversas cotidianas de bar eles entendiam que tinham ótimas trocas e que poderiam praticar esses debates que são difíceis de ter em sala de aula por conta do modelo apostilado e engessado, tempo de aula e outros motivos, principalmente nas escolas privadas para publicizar a História.

Após passar no concurso para a Universidade de Brasília (UnB), Daniel relatou que o foco da sua parte passou a ser um pouco diferente do que o de Rafinha, uma vez que os debates historiográficos na universidade e em suas aulas são possíveis de serem feitos, então, o foco passou a ser fazer chegar ao máximo de pessoas possíveis as gravações que estavam a produzir. Nesse sentido, podemos considerar a experiência do História Pirata um dos casos de bastante sucesso nas

¹³³ Disponível em: <https://open.spotify.com/show/2G6ahjQVUjZod8LsfPYVRq>

¹³⁴ Daniel Gomes me concedeu as respostas por áudio, portanto, diferente do que fiz até então aos que me concederam respostas, irei transcrever o que foi respondido de maneira corrida.

mídias sociais. Segundo informou Daniel¹³⁵, existem episódios que tiveram o alcance de 500 mil pessoas, outros com 300 mil, sendo que tais números geram enorme satisfação para os criadores que percebem que há, portanto, um interesse pela temática e que publicizar e dinamizar os usos digitais para o debate em História é fundamental para o combate do negacionismo.

Há também por parte desse canal uma brecha que conduzirá, inclusive, a conclusão desse capítulo, dado, segundo Daniel, sua angústia em perceber como certos conteúdos são trabalhados por professores em sala de aula. Cabe salientar que a sua preocupação não é com relação ao método que o professor dará sua aula, mas sim, com o debate historiográfico que está sendo conduzido. Baseado nisso, ele dá como exemplificação a temática Revolução Francesa, na qual o mesmo observa que a forma como é ensinada tal temática é fruto de um debate historiográfico da década de 60 e que, portanto, não mais se sustenta. Passar tal debate é um gasto de energia duplo, tanto para o aluno, como para o professor e isso, de certa forma, acaba por tornar o ensino e aprendizado de História menos atrativo. Há por parte do História Pirata uma preocupação e um entendimento de atualização ao professor e uma busca por atingir esse público.

Por fim, há um entendimento por parte dos criadores em que é possível utilizar em sala de aula os debates promovidos no *podcast*, porém é um suporte, sendo assim, jamais substituiria uma aula organizada e planejada pelo professor. Recomenda-se o uso para uma revisão do estudante, indicado para quem se sentir interessado no assunto e também para atualização docente.

4.4

Considerações finais do capítulo

As respostas fornecidas, bem como as análises dos próprios canais, nos demonstram que há uma tentativa e um engajamento por parte de professores espalhados pelo Brasil em produzirem conteúdos de qualidade, gratuitos e capazes de tornar o debate em história cada vez mais acessível ao público. Em tempos de

¹³⁵ O História Pirata respondeu o questionário em forma de áudio, portanto, para acesso na íntegra da resposta ir em: <https://drive.google.com/file/d/1skXQtuGfva31CMJ054C8aRaFINGjxx8a/view?usp=sharing>

avanço do Fascismo, uma das melhores armas disponíveis para o combate ao negacionismo é a produção científica. Cada vez mais se faz necessário ocuparmos espaços digitais para levarmos o ponto de vista que se é produzido na academia e tentar romper com o diálogo entre os pares que durante muito tempo permeou e que cada vez mais vem se dissipando.

Muitas colocações feitas, quase que em sua totalidade por professores de História, nos levam a refletir nossa prática cotidiana e como houve um distanciamento entre o que nós, historiadores, produzimos e a sociedade. Fica claro e evidente que a proposta de uma História Digital não pode abandonar os critérios e particularidades de cada região, do que é público ou privado, a estrutura que a escola pode fornecer para o uso de recursos digitais ou até mesmo o acesso à internet que o aluno vai encontrar e, principalmente, aonde. Ignorar isso seria corroborar com o discurso da atual autoridade máxima da educação no país que entende o ENEM como um exame excludente e forjado para selecionar os melhores (leiam-se os mais ricos).

Porém, baseado em todos os atuais estudos e as respostas mapeadas nessa dissertação, é possível de se entender que a tendência é que cada vez mais venhamos a ocupar esses espaços para fazer a nossa Ciência. Hoje, há um processo de adaptação, muitos professores que não tiveram contato e não possuem familiaridade com o universo digital, mas que as atuais gerações (na qual me incluo) tendem a trazer e tornar cada vez mais natural os usos dessas ferramentas que, bem utilizadas, podem agregar valor muito significativo ao debate sobre História Pública. Percebo, portanto, que temos um recurso bastante eficiente e cabe a nós nos apropriarmos do mesmo para o combate desta onda obscurantista, negacionista e que, muitas vezes, tenta demonizar o professor e o pesquisador distorcendo e desvalorizando a importância que nós temos no processo formador dos indivíduos.

Por fim, e não menos importante, muitas colocações aqui postas trazem uma História como sendo “chata”, “maçante”, “cansativa”. Fico a me perguntar até os motivos de nossos pares enxergarem nossa prática de tal maneira e dentro dessas reflexões me faço um questionamento: chata é a História ou a forma como temos feito nessas décadas? Baseado nesse questionamento vejo que um dos caminhos que possam justificar os motivos dessa visão, se dá nas práticas aceleradas do nosso

cotidiano. Em pleno século XXI, as tecnologias e redes não são mais novidades, e cada vez mais, nos encontramos presos nesses recursos de aceleração do nosso modo de vida. Inclusive, essa aceleração, associada à desvalorização do professor, faz com que o mesmo tenha que dar aula em mais de uma escola (principalmente aqueles da rede privada), tenha seu planejamento extremamente debilitado, uma vez que raramente o tempo de planejamento é utilizado para o qual ele é proposto, e encare as dificuldades já constatadas da realidade do professor em suas mais variadas formas, seja no aspecto da violência, da falta de estrutura, superlotação das salas de aula, acúmulo de função devido à ausência de profissionais como pedagogos, psicólogos, assistentes sociais, dentre outros que formam a base de uma escola estruturada e em condições de atender aos mais variados públicos discentes (e aqui podemos entender um pouco dos motivos de se levar um debate historiográfico atrasado em alguns casos, dado as dificuldades e realidades que nos é posta). Sobre aceleração, Rosa exemplifica brevemente:

No obstante, ciertamente existe un gran número de fenómenos sociales a los cuales se les puede aplicar el concepto de aceleración correctamente. Los atletas parecen correr y nadar cada vez más rápido, los computadores procesan cada vez a una mayor velocidad, el transporte y la comunicación necesitan sólo una fracción de tiempo en relación a la que necesitaban en el siglo pasado, las personas parecen dormir cada vez menos (algunos científicos descubrieron que el promedio de horas de sueño disminuyó dos horas desde el siglo XIX y treinta minutos desde los años setenta) (Garhammer 1999), e incluso nuestros vecinos parecen instalarse y mudarse de sus apartamentos con mayor frecuencia.¹³⁶

A partir desse trecho, fica muito difícil não visualizar a vida de um professor, de uma mulher (com sua dupla jornada), um advogado na contemporaneidade, dentre outros casos nos quais as pessoas quando não estão trabalhando de um escritório, sala de aula, ou seja qual for o local de trabalho, estão de casa respondendo a *emails*, *whatsapp*, nos seus ambientes de lazer, na academia, enfim, de múltiplos lugares onde a aceitação em ficar parado ou “fazer nada” é tido como algo “ruim” e culposos.

Concluo então esse capítulo trazendo os desafios e práticas adotadas para romper todos os ataques sofridos pelos docentes em História e, conseqüentemente,

¹³⁶ ROSA, Hartmut. Aceleración social: consecuencias éticas y políticas de una sociedad de alta velocidad desincronizada, *Persona y Sociedad*, p.14 Vol. XXV, n. 1, 2011

as humanidades. Em um país com fortes índices de desigualdades como o nosso, práticas inovadoras se apropriando do espaço digital aproximam o aluno do conhecimento e tornam as aulas cada vez mais reflexivas para a formação de um indivíduo crítico e autônomo. Não obstante, pensar a História Digital e o que se produz nesse meio fluído e de disputa que é a internet é necessário. Negligenciar e não ocupar esses espaços é abrir uma brecha para um conservadorismo que, em tempos como os de hoje, tem cheiro, gosto e sabor de fascismo. Portanto, a luta pela democratização do espaço digital não pode anular e deixar de incentivar a produção de Ciência e História nesse espaço, muito pelo contrário, cada vez mais ocupar é um ato de resistência e luta para chegarmos a uma sociedade cada vez mais justa, digna e, acima de tudo, com critério e sentidos coletivos.

[...] O que propomos aqui, claro, não é que cada professor saia a inventar *softwares* ou se tornar um grande mago da programação, mas acreditamos que criar ambientes em que alunos e professores possam aprender juntos com a tecnologia e desenvolver suas habilidades de modo transversal, sem que o uso da tecnologia digital em sala de aula seja um fim em si mesmo, pode trazer resultados surpreendentes. A janela aberta para essa possibilidade é a própria internet, que oferece um mundaréu de ferramentas gratuitas (linhas do tempo, geradores de histórias em quadrinhos, de *quizes*, de memes, de nuvens de palavras etc. ou mesmo o Google Docs, como bloco de notas colaborativo, por exemplo) que podem ser utilizadas em sala de aula para trabalhar com os mais diferentes conteúdos programáticos, da História Antiga à Revolução Industrial ou à história do Brasil e do mundo contemporâneo. Ora, até mesmo os próprios neologismos e modismos que surgem nas redes sociais (a exemplo do verbo “googlar” ou o advento dos memes) são fenômenos interessantes e podem ser pontos de partida para uma discussão com as turmas sobre como a tecnologia se faz presente em nosso cotidiano. O desafio está posto, a realidade nos convida a experimentar. O que resta aos professores de história? Mãos aos teclados!¹³⁷

E assim o estamos fazendo!

¹³⁷ LUCCHESI, Anita e MAYNARD, Dilton C.S. “Novas Tecnologias. In. M.M. Ferreira e M.M.D. De Oliveira. (orgs). “Dicionário de ensino de história” – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p.183-184.

5

Conclusão

Essa dissertação deixará reflexões que ainda serão respondidas com o passar do tempo, até mesmo por se tratar de algo que abarque o chamado tempo presente e pelo fato das mudanças e novos acontecimentos estarem transcorrendo cada dia que passa. Ao início desse processo, por exemplo, tínhamos o ministro Ricardo Vélez na educação, no decorrer da escrita o ministro Weintraub e agora, na conclusão, tivemos a passagem relâmpago de Carlos Alberto Decotelli, a possibilidade de se Renato Feder para o cargo, mas ao final tivemos a nomeação de Milton Ribeiro. Falar nesses ministros todos nos trazem dois caminhos para explicar um pouco da existência e manutenção de ideias negacionistas como políticas dirigentes no MEC. O primeiro caminho nos remete ao primeiro ministro da Educação do governo Bolsonaro, Ricardo Vélez. Ele já tratava, como dito anteriormente no primeiro capítulo dessa dissertação, nos poucos meses que esteve à frente do Ministério e até mesmo antes de assumir o cargo, um dos temas favoritos dos negacionistas: Ditadura. Em 2017, Vélez já escrevia em seu blog suas concepções de que os militares são injustiçados no que tange a abordagem do tema Ditadura Militar no Brasil¹³⁸ e já apontava que levaria pautas ideologizadas como política dirigente desse ministério tão importante para todos os brasileiros. Com fortes críticas e vestindo a camisa do antipetismo, era a melhor estratégia de angariar popularidade e pertencer ao escalão do atual presidente da república. Não tão distante, o ministro Weintraub adotou durante o período em que esteve à frente do MEC uma política extremamente ideologizada, sendo, inclusive, em vários momentos elogiado pela sua postura “combativa” em direção ao entendimento do que o presidente espera como sendo “ideal” para estar em seu governo. Não à toa,

¹³⁸ MATTOSO, Camila. “Novo ministro da Educação disse que golpe de 1964 deve ser comemorado”. Folha de S.Paulo, 23 de Novembro de 2018. Disponível em: https://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/11/23/novo-ministro-da-educacao-disse-que-golpe-de-1964-deve-ser-comemorado/?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral. Acesso em: 26 de Novembro de 2018.

fora lembrado em entrevista coletiva¹³⁹ em que o presidente reuniu seus ministros logo após a saída do ex ministro da Justiça e ex Juíz Federal Sérgio Moro do governo, em que ao sair, acusou o presidente de interferir em seu ministério e de tentar influenciar na independência da Polícia Federal¹⁴⁰.

Interessante salientar que tal demissão de Sérgio Moro foi crucial para a troca no Ministério da Educação, no qual tivemos um ministro potencialmente “fugitivo” para não ter que responder aos inquéritos presencialmente impostos por suas falas um tanto quanto irresponsáveis, ao se dirigir aos ministros do Supremo Tribunal Federal, chamando-os de vagabundos e sugerindo que os mesmos deveriam ser presos. Tal postura só corrobora o quão ideologizada é a cartilha de Weintraub e como tivemos suas práticas em defesa do MESP baseadas em uma clara tentativa de tornar o debate em educação algo balizado em um único partido, em uma única ideologia, sendo esta extremamente conservadora e fruto de negacionismos obscurantistas. Suas últimas falas e atos corroboram ainda mais com tal postura, cabendo destacar seu despreço com as ciências humanas na sua fala em “não querer com o dinheiro dele filósofos, antropólogos, sociólogos...”. Uma postura extremamente autoritária, tal qual é o alinhamento do atual governo e que demonstra uma total ignorância com a potencialidade das Ciências Humanas¹⁴¹ para formação dos indivíduos, análise da sociedade, desenvolvimento do pensamento crítico, estudos sobre o passado, enfim, as múltiplas facetas de uma ciência que muito acrescenta e acrescentará na formação dos indivíduos da nação. Também nos últimos editais em que tínhamos a exclusão de bolsas para as áreas de humanas (conforme vimos no decorrer dessa dissertação) ou também com o seu *gran finale* em acabar com a política de cotas na pós graduação (essa já suspensa pelo então interino à época¹⁴²).

¹³⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/24/leia-integra-do-discurso-de-bolsonaro-apos-demissao-de-moro.htm>

¹⁴⁰ Tal fato segue em investigação pelo Supremo Tribunal Federal e Procuradoria Geral da República.

¹⁴¹ REZENDE, Constança. “Weintraub: 'Não quero sociólogo, antropólogo e filósofo com meu dinheiro'. UOL, 14 de Junho de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/constanca-rezende/2020/06/14/weintraub-nao-queiro-sociologo-antropologo-e-filosofo-com-meu-dinheiro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 14 de Junho de 2020.

¹⁴² Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/06/23/mec-revoga-portaria-que-acabava-com-incentivo-a-cotas-para-negros-indigenas-e-pessoas-com-deficiencia-na-pos-graduacao.ghtml>

Para aprofundar ainda mais a questão ideológica que permeia o debate educacional no Brasil, recentemente o *The Intercept* publicou uma reportagem¹⁴³ com informações um tanto quanto delicadas relacionadas à ideologização que, mesmo “sem querer”, Estados vem aplicando sobre alunos do Brasil. Mais precisamente sete milhões de estudantes e professores tiveram como meio de utilização para suas aulas a distância em períodos de pandemia o uso do aplicativo “Mano”, vinculado a IP.TV., comandado por pessoas vinculadas a família Bolsonaro, sendo estes os Estados de São Paulo, Amazonas, Pará e Paraná. Esse aplicativo vincula a TV Bolsonaro junto às aulas à distância em dois dos quatro Estados que contrataram o serviço para fornecer conteúdo digital para os alunos assistirem, ou seja, milhões de alunos de variados Estados estão sendo expostos a conteúdos, que segundo a reportagem, são mentirosos e fazem alusão ao que vimos aqui neste trabalho como sendo conteúdos negacionistas e que somente os apoiadores do presidente entendem como sendo “verdade”. Além disso, a reportagem traz a obscuridade que tal empresa possui e, ainda segundo a matéria, a empresa manuseia através de seu aplicativo informações de todos os seus usuários, forçando-os a autorizar acesso ao microfone, fotos e dados do telefone para que seja possível utilizar o aplicativo. Em resumo, temos um flagrante caso de ideologização aos alunos, chancelados, direta ou indiretamente, pelos Estados e que demonstram o tipo de ideologia “permitida” na perspectiva do atual governo, afinal de contas, imaginem se existisse uma “TV Lula” ou “TV PT” fornecida para que os alunos tenham acesso? Com certeza teríamos repercussões muito maiores.

Portanto, fica bastante evidente a postura de desprezo por educação e educadores que o MEC adotou nos últimos dois anos, bem como o desprezo por pautas que venham a ser inclusivas. Bastasse Paulo Freire ser confundido e taxado como “militante do PT” mesmo antes do PT existir, o que temos até o momento são políticas educacionais baseadas em mera prática ideológica de direita, sem propósito direcionado ao campo educacional. Tivemos ministros que odiavam educadores e figuras renomadas e um deles, Weintraub especificamente, que declaradamente odiava o patrono da educação brasileira, conforme vimos em

¹⁴³ AUDI, Amanda e ZAMBARDA, Pedro. “Escola com Partido”. *The Intercept Brasil*, 15 de Junho de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/06/15/app-empresa-tv-bolsonaro-aulas-online-pandemia/>. Acesso em: 16 de Junho de 2020.

imagem do capítulo dois. Aproveito essa última deixa para encaminhar o segundo caminho que explica um pouco dessas práticas negacionistas nesse ministério e aqui abordarei o terceiro ministro da educação desse governo.

Ao mesmo tempo em que tais práticas são implementadas, temos um trágico paradoxo característico em ministros desse governo¹⁴⁴ e o breve terceiro Ministro da Educação não fugiu à regra. Decotelli iniciaria sua gestão mentindo a respeito de seu título de Doutor¹⁴⁵, algo extremamente grave vindo de um ministro da Educação que deveria zelar por todos esses títulos e honrarias cedidas no universo acadêmico ao qual ele comandaria. Para piorar sua situação, até mesmo sua titulação de Mestre, fornecida pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) está sendo contestada e acusada de plágio, em que a universidade instaurará investigação para apurar tais fatos¹⁴⁶. Percebemos, portanto que há por parte da política desse governo um anti-intelectualismo travestido por uma obsessão em títulos acadêmicos, ou seja, um complexo paradoxo onde para justificar suas pautas ideológicas precisam do aval da academia, ao mesmo tempo, visam destruir a mesma. Colocam títulos em Yale, Havard, universidades de ponta para legitimarem seu projeto de destruição da Ciência e intelectualidade no território brasileiro. Não à toa, é o mesmo grupo que legitima intelectualidade e graduações inexistentes ao Olavo de Carvalho, o dito “guru” do bolsonarismo e que recentemente já desponta como mais um a abandonar o barco em movimento¹⁴⁷.

Para além desse embate de todas as questões que envolvem o MEC e seus ministros, seja nas ações eventualmente criminosas de Weintraub e seus desdobramentos que serão investigados por suas falas e ações, temos no meio de

¹⁴⁴ A Ministra Damares, Ricardo Salles, Vélez, Weintraub, por exemplo, já se apresentaram com títulos que não possuíam ou com inconsistências em seus currículos. Disponível em: <https://exame.com/brasil/os-ministros-do-governo-bolsonaro-que-mentiram-no-curriculo/>

¹⁴⁵ JUCÁ, Beatriz. “Ministro da Educação foi reprovado em tese e não tem o doutorado que divulgava no currículo”. El País, 26 de Junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-26/ministro-da-educacao-foi-reprovado-em-tese-e-nao-tem-o-doutorado-que-divulgava-no-curriculo.html>. Acesso em 26 de Junho de 2020.

¹⁴⁶ CORRÊA, Marcello. “Após reportagem de época, Decotelli, novo ministro da educação, admite rever dissertação de mestrado sob suspeita de plágio.” Época, 27 de Junho de 2020. Disponível em: <https://epoca.globo.com/apos-reportagem-de-epoca-decotelli-novo-ministro-da-educacao-admite-rever-dissertacao-de-mestrado-sob-suspeita-de-plagio-24503894>. Acesso em: 27 de Junho de 2020.

¹⁴⁷ FERRAZ, Adriana. “Em vídeo, Olavo de Carvalho critica Bolsonaro e diz que ‘pode derrubar governo’”. O Estado de S.Paulo, 7 de Junho de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-video-olavo-de-carvalho-critica-bolsonaro-e-diz-que-pode-derrubar-governo,70003327417>. Acesso em: 7 de Junho de 2020.

todo o cenário de atuação do governo federal, como forma de garantir uma eventual proteção em um processo de impeachment a negociação de cargos com o chamado centrão. Dentro dessa barganha política, onde o presidente em campanha afirmava jamais ceder ao “toma lá dá cá” do que intitulava ser a “velha política”, um dos órgãos com maior orçamento dentro do MEC foi entregue ao grupo político caracterizado por apoio em troca de cargos. Estamos falando do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) cuja nova diretora é Renata D’aguiar¹⁴⁸. Além dessa diretoria, alguns outros cargos também foram distribuídos a pessoas ligadas ao “centrão”. O que é fundamental de salientar nessa relação é o importante papel desse órgão junto ao MEC no desenvolvimento e execução de políticas públicas educacionais na educação básica. Qualquer ação imprópria ou inércia atinge diretamente milhões de brasileiros que podem vir a ter sua formação básica prejudicada por ingerência de um governo que indica por interesses políticos e não por condições técnicas que o cargo exige e merece.

Agora temos um pastor como novo ministro da educação: Milton Ribeiro. Este tende a seguir uma linha similar aos seus antecessores, sendo essas alinhadas com propósitos meramente ideológicos com o agravante de pautas religiosas (assim como em outros ministérios já ocorre, com o ministério da Damares, por exemplo) serem ainda mais presentes nos rumos do ministério. Cabe ainda dizer que todas essas trocas feitas até o presente momento só corroboram com tudo que foi escrito no decorrer dessa dissertação, ou seja, da produção de *fakes* para eleger e promover o atual governo e de uma total falta de rumo nas diretrizes educacionais do país. Comprovam ainda que ao não existir toda essa doutrinação que fora aventada em período eleitoral e, conseqüentemente, por não ter o que “combater”, o ministério da educação acabou por ficar a deriva e, para corroborar ainda mais essa questão, justamente por não haver uma política dirigente que não seja a ideológica e privatista, os cargos e funções entram nas bases de negociação com o chamado “centrão”. Não à toa temos mais economistas do que educadores nesse ministério que não é o da fazenda. Portanto, o MEC persegue educadores e, principalmente, os das ciências humanas, ao mesmo tempo serve como instrumento de barganha

¹⁴⁸ POMPEU, Lauriberto. “Centrão ganha mais um cargo no Ministério da Educação”. Congresso em Foco, 16 de Junho de 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/centrao-ganha-mais-um-cargo-no-ministerio-da-educacao/>. Acesso em: 16 de Junho de 2020.

política para uma eventual defesa contra um processo de impeachment e apoio nas pautas propostas pelo governo nas diversas áreas.

Outra questão abordada nessa dissertação está relacionada à produção de conteúdos digitais por historiadores. Houve por nossa parte certa negligência em ocupar esses espaços e por muitos anos estivemos pautados em uma espécie de divulgação científica que dialogava com nossos pares e excluía o grande público dos debates da academia. Obviamente não é que nos ausentamos do debate digital, mas por se tratar de uma área relativamente nova e que acaba por requerer de seu produtor não só o conhecimento histórico, mas também tecnológico para utilização das ferramentas digitais, nem todos avançaram para uma produção que ocupe esse espaço. Recentemente, porém algo triste que assolou o mundo trouxe à tona a necessidade de produção no mundo digital: A COVID-19. No pequeno mapeamento apresentado no terceiro capítulo procurei pautar a maioria dos canais em algo que já estava acontecendo antes da pandemia, muito por conta disso algumas propostas, como por exemplo, a da Associação Nacional de História (ANPUH) em promover *lives* sobre os mais variados temas com os diversos historiadores acabaram ficando de fora desse mapeamento. Cabe ressaltar que o estar de fora não significa que não sejam debates de qualidade, mas acaba sendo por uma mera questão de escolha em analisar esforços que em grande maioria ocorreram independentemente da existência ou não de um fenômeno que colocou a grande maioria de nós para trabalharmos dentro de nossas casas. Os desdobramentos dessas produções criadas antes e depois da pandemia é algo que só o tempo nos trará a resposta, porém, a princípio, os debates e alcances que as produções digitais têm alcançado se apresentam superiores a eventos acadêmicos realizados em espaços físicos. Talvez seja o caso de se pensar eventos que possam ocorrer em âmbito digital, bem como suas respectivas produções e também, passar a cobrar das autoridades da educação (as mesmas que possuem o atual projeto de dificultar as coisas para os pesquisadores e professores) instrumentos tecnológicos para que possamos produzir em maior quantidade e qualidade nas redes, fazendo com que o alcance de nossas pesquisas seja ainda maior e possa ocupar ambientes públicos com mais naturalidade.

Penso que uma das práticas que historiadores precisam adotar para se ter sucesso no mundo digital, é repensar nossa fala e escrita, tornando-as um pouco

mais acessível para o grande público. Canais de sucesso e com grandes números de seguidores, como por exemplo, o História no Paint, são fruto justamente dessa forma de adaptação com eventos do dia a dia e o debate público. São formas descontraídas para conduzir um debate em sala de aula, em um universo do aluno e tornando a História algo mais “palatável” e fora das vertentes tradicionais escolares, onde o aluno é levado a refletir até mesmo para que entenda o teor humorístico da publicação. Outro ponto fundamental para que tenhamos sucesso nesse espaço é a formação de redes. Nisso, incentivar a produção dos nossos pares e nos motivar para produzirmos nesses ambientes é fundamental. Criar um elo de divulgação entre universidades para divulgação de eventos digitais é um caminho para que cada vez mais alunos, professores e o grande público possam se sentir pertencentes aos espaços universitários, demonstrando, mais uma vez, que por trás de uma pesquisa pode se encontrar inúmeros desafios, motivações, inquietações, respostas e lacunas, menos, balbúrdia. Portanto, passa-se a mostrar de maneira ainda mais ampla que a universidade e seu corpo docente e discente são produtores fundamentais para o avanço da sociedade e que o tripé acadêmico de pesquisa, ensino e extensão passará por uma nova forma de se expandir, através dos espaços digitais, sejam eles *podcasts*, *Youtube*, *Instagram*, dentre outros.

Por fim, os reflexos dessa disputa que começa a surgir no âmbito digital. Penso que durante alguns anos o espaço digital veio ocupado por grupos conservadores que foram galgando espaços e crescendo cada vez mais suas temáticas. Claramente se expandiram em um espaço político até chegarem na esfera educacional e atingirem os professores de maneira direta. Falo isso baseado, por exemplo, na atuação do MESP que tenta através dos projetos de leis criminalizar a atuação livre e crítica do profissional da educação. Pautados por esses grupos com palavras e textos sedutores, os Pinóquios durante anos dispuseram apenas de uma versão, um lado, do que os conservadores e negacionistas tentaram impor no debate público. Agora, os Gepetos passam a ocupar esse espaço digital e a disputa de narrativa se faz presente e muito necessária. A influência nos Pinóquios e a resistência dos Gepetos é o atual cenário que professores e pesquisadores vêm tentando disputar nesse mundo digital e, à medida que o tempo passa e tal qual Gepeto conseguiu salvar e ter um dito final feliz com seu filho Pinóquio, os professores e pesquisadores avançam nesse processo de resistência e combate as

produções negacionistas no campo cibernético. Por mais que vitórias venham sendo conquistadas, seja no campo físico ou jurídico, infelizmente os estragos causados no debate público trazidos pelo MESP e seus agentes colaboradores e auxiliares farão com que nossa atuação seja necessária por um longo tempo e, tendencialmente, acabe se tornando natural no mundo virtual, principalmente através das novas levas de educadores e pesquisadores.

Espero ter deixado um debate inicial sobre a temática para futuros pesquisadores e uma fonte de produções dos mais variados tipos que visam à divulgação científica em História, seja em um viés mais acadêmico, seja de maneira mais voltada para a sala de aula ou para o grande público. Não importa a maneira, mas sim que cada vez mais ocupemos espaços com debates sérios, produção de conteúdo de História feito por especialistas na área e que utilizemos todas as maneiras possíveis para combater essa perseguição à docência, educação e as ciências humanas, principalmente a área de História. Sigamos fortes! Por mais que os cenários possam não parecer tão animadores, nós docentes precisamos nos unir e defender das mais variadas formas nossa área e a sua importância para a formação crítica e emancipadora dos brasileiros. Através disso, com certeza, seremos bem mais patrióticos do que muitos que aventam tal alcunha para si.

Referências

Fontes

ASSIS, ROMULO FERNANDES DE. **O roteiro do golpe de 2016 no Brasil: o passo a passo de uma nova quebra democrática** / Romulo Fernandes de Assis. – 2017. 122 f.: il. Orientadora: Laura Antunes Maciel. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de História, 2017.

BENJAMIN, Walter. **O Conceito da História**. IN: Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política São Paulo, Brasiliense, 1992.

BERMAN, Marshall. **Los personajes del Capital; ‘Todo lo sólido se desvanece en el aire’ e ‘Unchained Melody’**. IN: Aventuras Marxistas Buenos Aires, Siglo XXI, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O campo científico**. IN: Ortíz, Ricardo Pierre Bourdieu, Sociologia São Paulo, Ática, 1983.

CERRI, Luis Fernando. **Um lugar na história para a didática da história**. História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2017.

Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil hoje. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Vários autores.

Dicionário de ensino de história / Coordenação: Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. 248p.

Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar / Alessandro Mariano ... [et al.] : organização Fernando Cássio : prólogo de Fernando Haddad. – 1. ed. – São Paulo : Boitempo, 2019.

FREIRE, P. (1998). *Pedagogia do Oprimido*. 25^a ed. (1^a edição: 1970).

Rio de Janeiro: Paz e Terra

Ginzburg, Carlo 'O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico' IN: *A Micro-História e outros ensaios* Lisboa, Difel, 1989.

HARTOG, François. **Crer em História** / François Hartog ; tradução Camila Dias. – 1. Ed. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017. – (Coleção História & Historiografia).

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**. Presentismo e experiências do Tempo Belo Horizonte, Autentica, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. **Historia magistra vitae** – Sobre a dissolução do topos na história moderna em movimento. In: _____. *Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora da PUC-Rio, 2006

KOSELLECK, Reinhart. **Sobre a indigência teórica da ciência da história**. In: _____. *Estratos do tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto/ Editora da PUC-Rio, 2014.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes**. In: _____. MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010.

Artigos

CERRI, Luis Fernando. **Um lugar na história para a didática da história**. História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2017.

GARBAGNOLI, Sara (2014). **Le Vatican contre la dénaturalisation de l'ordre sexuel: structure et enjeux d'un discours institutionnel réactionnaire**. Synergies Italie, nº 10, pp. 145-67.

LUCCHESI, Anita e MAYNARD, Dilton C.S. **Novas Tecnologias**. In. M.M. Ferreira e M.M.D. De Oliveira. (orgs). "Dicionário de ensino de história" – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p.180

LUCCHESI, Anita. **Por um debate sobre História e historiografia digital**. Boletim Historiar, n. 02, mar. /abr. 2014, p. 45-57 | Disponível em: <http://seer.ufs.br/index.php/historiar>

MALERBA, Jurandir. **Acadêmicos na berlinda ou como cada um escreve a História?**: uma reflexão sobre o embate entre historiadores acadêmicos e não acadêmicos no Brasil à luz dos debates sobre Public History, História da Historiografia, n. 15, pp/ 27-50, Agosto, 2014.

MATTOS, Ilmar R. **Mas não somente assim!**: Leitores, autores, aulas como texto e ensino aprendizagem de História. Revista Tempo. V.11, n21, 27/6/2007.

MIGUEL, Luis Felipe. **Da "doutrinação marxista" à "ideologia de gênero"**: Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. Direito e Práxis. Rio de Janeiro, v.7, n.15, 2016. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MOURA, Fernanda Pereira de **“Escola sem partido”**: relações entre estado, educação e religião e os impactos no ensino de história / fernanda pereira de moura. -- rio de janeiro, 2016.188 f.: il.

PENNA, Fernando. **Programa “Escola sem Partido”**: uma ameaça à educação emancipadora. In: GABRIEL, Carmen; et. al. (orgs). Narrativas do Rio de Janeiro em sala de aula. Rio de Janeiro, Maud, 2016

PEREIRA, Mateus. **Nova direita?** Guerras de memória em tempos de comissão de verdade (2012- 2014), Varia História, vol. 31, n. 57, p.863-902, 2015.

RODRIGUES, Aldair. **Fake History, “revisonismo” conservador e ataques ao professor de história**. Medium, 28 de setembro de 2018. Disponível em: <https://medium.com/@professoraldairrodrigues/fake-history-revisonismo-conservador-e-ataques-ao-professor-de-hist%C3%B3ria-c5f553114f9c>. acesso em: 10 de outubro de 2018.

ROSA, Hartmut. **Aceleración social**: consecuencias éticas y políticas de una sociedad de alta velocidad desincronizada, Persona y Sociedad, Vol. XXV, n. 1, 2011.

RUFER, Mario. **La temporalidad como política: nación, formas de pasado y perspectivas poscoloniales**. Mem.soc / Bogotá (Colombia), 14 (28): 11-31 / enero-junio 2010.

SILVA, José Itamar Sales da. **O uso do livro didático e da escola como ferramenta para reprodução do pensamento dominante e suas resistências**. Revista Convergência Crítica, DOSSIÊ Direitos Humanos , nº 3, 2013.

SILVEIRA, Pedro Telles da. **Da história instantânea ao arquivo infinito**: arquivo, memória e mídias eletrônicas a partir do Center for History and New Media (George Mason University, EUA). Faces da Historia, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 24-42, ago. 2017.

TURIN, Rodrigo. **Uma nobre, difícil e útil empresa: o ethos do historiador oitocentista.** História da Historiografia, n. 2, pp.12-28, 2009.

Sites

AGOSTINI, Renata. **MEC cortará verba em universidade; UnB, UFF e UFBA já sofrem.** Terra, 30 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-enquadra-unb-uff-e-ufba,5e38f2f9314b693a48dc1ed5b41179c68jeiint5.html> . Acesso em: 30 de Abril de 2019.

AUDI, Amanda e ZAMBARDA, Pedro. **Escola com Partido.** The Intercept Brasil, 15 de junho de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/06/15/app-empresa-tv-bolsonaro-aulas-online-pandemia/>. Acesso em: 16 de junho de 2020.

AVILA, Arthur de Lima. **Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo).** In: Café História – história feita com cliques. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Publicado em: 29 abr. 2019. Acesso: 29 de abril de 2019.

AZEVEDO, Reinaldo. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota.** Veja, 02 de setembro de 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-minimo-que-voce-precisa-saber-para-nao-ser-um-idiota/>. Acesso em 21 de fevereiro de 2019.

BEDINELLI, Talita. **O professor da minha filha comparou Che Guevara a São Francisco de Assis.** El País. 25 de junho de 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/politica/1466654550_367696.html. Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.

BORGES, Helena. **Bolsonaro defende cortes em cursos de Humanas e diz que dinheiro do contribuinte deve ir para 'leitura, escrita e fazer conta**. O Globo, 26 de Abril de 2019. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-cortes-em-cursos-de-humanas-diz-que-dinheiro-do-contribuinte-deve-ir-para-leitura-escrita-fazer-conta-23623980>. Acesso em: 30 de Abril de 2020.

CAFARDO, Renata. **Com risco de chegar as escolas, negação da história preocupa especialistas**. UOL Educação, 28 de abril de 2019.

Disponível em: https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2019/04/28/com-risco-de-chegar-as-escolas-negacao-da-historia-preocupa-especialistas.htm?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=uol&utm_content=geral. Acesso em 28 de abril de 2019.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **Especial sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar no Brasil é destaque no Café História (notícia)**.

In: **Café História – História feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/especial-golpe-55-anos/>. Publicado em: 13 mar. 2019.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **História Pública: uma breve bibliografia comentada**. (Bibliografia Comentada). In: Café História – história feita com cliques. Disponível em:

<https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso: 20 de Janeiro de 2019

CORRÊA, Marcello. **Após reportagem de época, Decotelli, novo ministro da educação, admite rever dissertação de mestrado sob suspeita de plágio**. Época, 27 de junho de 2020. Disponível

em: <https://epoca.globo.com/apos-reportagem-de-epoca-decotelli-novo->

ministro-da-educacao-admite-rever-dissertacao-de-mestrado-sob-suspeita-de-plagio-24503894. Acesso em: 27 de junho de 2020.

DE OLIVEIRA, André Jorge. **Lute pela Ciência: 15 dicas para refutar negacionistas em um debate**. Revista Galileu, 01 de dezembro de 2017.

Disponível em:

<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/12/lute-pela-ciencia-15-dicas-para-refutar-negacionistas-em-um-debate.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2019.

DUCHIADE, André e MATSUURA, Sérgio. **Debate sobre se nazismo é de direita ou esquerda atormenta professores**. O Globo, 21 de setembro de 2018. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/sociedade/debate-sobre-se-nazismo-de-direita-ou-esquerda-atormenta-professores-23088894>. Acesso em 08/12/2018.

EL PAÍS. **Ministro promete mudar livros didáticos por visão ‘mais ampla’ da ditadura**. El País, São Paulo, 03 de abril de 2019. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/04/politica/1554334968_202816.html. Acesso em 20/07/2019.

FELLET, João. **Olavo de Carvalho, o ‘parteiro’ da nova direita que diz ter dado à luz flores e lacraias**. BBC Brasil, 15 de dezembro de 2016.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38282897>. Acesso em 23 de dezembro de 2018.

FERRAZ, Adriana. **Em vídeo, Olavo de Carvalho critica Bolsonaro e diz que ‘pode derrubar governo’**. O Estado de S.Paulo, 7 de Junho de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,em-video-olavo-de-carvalho-critica-bolsonaro-e-diz-que-pode-derrubar-governo,70003327417>. Acesso em: 7 de Junho de 2020.

GONÇALVES, Gessica Brandino. **Portugueses nem pisaram na África, diz Bolsonaro sobre escravidão**. Folha de S.Paulo, 31 de julho de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/portugueses-nem-pisaram-na-africa-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em 2 de setembro de 2018.

GULLINO, Daniel. GRANDELLE, Renato. FERREIRA, Paula. **Bolsonaro defende mudança em livros didáticos: 'Muita coisa escrita, tem que suavizar**. O Globo, 03 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/bolsonaro-defende-mudanca-em-livros-didaticos-muita-coisa-escrita-tem-que-suavizar-24170001> acesso em: 17 de Janeiro de 2020.

IMME, Amanda. **Ranking das redes sociais: as mais usadas no Brasil e no mundo, insights e materiais gratuitos**. Resultados Digitais, 21 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2020.

JUCÁ, Beatriz. **Ministro da Educação foi reprovado em tese e não tem o doutorado que divulgava no currículo**. El País, 26 de junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-26/ministro-da-educacao-foi-reprovado-em-tese-e-nao-tem-o-doutorado-que-divulgava-no-curriculo.html>. Acesso em 26 de junho de 2020.

KAPPA, Raphael. **Historiador afirma que ministro Véléz tenta 'negar o inegável' ao dizer que não houve golpe em 1964**. O Globo, 04 de Abril de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historiador-afirma-que-ministro-velez-tenta-negar-inegavel-ao-dizer-que-nao-houve-golpe-em-1964-23572176>. Acesso em: 07 de Abril de 2019.

LEMOS, Iara. **Em reunião com senadores, Weintraub diz que Enem não foi feito para corrigir injustiças**. Folha de São Paulo, 05 de maio de 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/05/em-reuniao-com-senadores-weintraub-diz-que-enem-nao-foi-feito-para-corriger-injusticas.shtml>. Acesso em: 10 de maio de 2020.

MATTOSO, Camila. **Novo ministro da Educação disse que golpe de 1964 deve ser comemorado**. Folha de S.Paulo, 23 de Novembro de 2018. Disponível em: https://painel.blogfolha.uol.com.br/2018/11/23/novo-ministro-da-educacao-disse-que-golpe-de-1964-deve-ser-comemorado/?utm_source=facebook&utm_medium=social-media&utm_campaign=noticias&utm_content=geral. Acesso em: 26 de novembro de 2018

MEGALE, Bela. **Ernesto Araújo diz que ditadura no Brasil é “questão de interpretação da história”**. O Globo, 07 de Fevereiro de 2020. Disponível em: https://blogs.oglobo.globo.com/bela-megale/post/amp/ernesto-araujo-diz-que-ditadura-no-brasil-e-questao-de-interpretacao-da-historia.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar&twitter_impression=true. Acesso em: 15 de Fevereiro de 2020.

O GLOBO, **Após citar ‘golpe’ em material didático, rede de ensino pede desculpas**. O Globo, 18 de junho de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/apos-citar-golpe-em-material-didatico-rede-de-ensino-pede-desculpas-23749227>. Acesso em: 01/07/19.

OSAKABE, Marcelo. **Bolsonaro no Roda Viva: não houve golpe militar em 1964**. O Estado de S.Paulo, 30 de julho de 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,nao-houve-golpe-militar->

em-64-afirma-bolsonaro-no-roda-viva,70002423000. Acesso em 12 de Outubro de 2018.

PIRES, Fabiana. **Google lança plataforma de educação Youtube EDU**. Época Negócios, 21 de novembro de 2013. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2013/11/google-lanca-canal-de-educacao-youtube-edu.html>. Acesso em: 30 de março de 2020.

PIRES, José. **A desinformação sobre as Universidades Públicas é proposital e tem a intenção de justificar o discurso privatista**. Entrevista com Mônica Ribeiro. Parágrafo 2, 16 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588473-a-desinformacao-sobre-as-universidades-publicas-e-proposital-e-tem-a-intencao-de-justificar-o-discurso-privatista>. Acesso em 20 de Abril de 2019.

POMPEU, Lauriberto. **Centrão ganha mais um cargo no Ministério da Educação**. Congresso em Foco, 16 de Junho de 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/centrao-ganha-mais-um-cargo-no-ministerio-da-educacao/>. Acesso em: 16 de Junho de 2020.

REDAÇÃO. **Ibope: 1,5 milhão de brasileiros se informam apenas via meios digitais**. Canal Tech, 30 de abril de 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/comportamento/ibo-pe-15-milhao-de-brasileiros-se-informam-atraves-dos-meios-digitais/>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

REDAÇÃO. **Spotify tem alta maior que a esperada na base de assinantes**. Forbes, 5 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://forbes.com.br/last/2020/02/spotify-tem-alta-maior-que-a-esperada-na-base-de-assinantes/>. Acesso em 21 de abril de 2020.

REZENDE, Constança. **Weintraub: 'Não quero sociólogo, antropólogo e filósofo com meu dinheiro'**. UOL, 14 de Junho de 2020. Disponível

em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/constanca-rezende/2020/06/14/weintraub-nao-quiero-sociologo-antropologo-e-filosofo-com-meu-dinheiro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 14 de Junho de 2020.

ROCHA, Pedro. **Historiadores pedem para ter imagem retirada da série 'guia politicamente incorreto', do History**. Estado de S.Paulo, 23 de outubro de 2017. Disponível em:

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,historiadores-pedem-para-ter-imagem-retirada-da-serie-guia-politicamente-incorreto-do-history,70002057115>. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

ROSSI, Mariana e OLIVEIRA, Regiane. **Fremdschämen, a constrangedora 'aula' sobre nazismo dos brasileiros aos alemães**. El País, 17 de setembro de 2018. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html. Acesso em: 15/07/2019.

SADI, Andreia. **Bolsonaro reforçará aliança de 'princípios conservadores' com ideias liberais na economia**. G1, 8 de outubro de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/andreia-sadi/post/2018/10/08/bolsonaro-reforcara-alianca-de-principios-conservadores-com-ideias-liberais-na-economia.ghtml>. Acesso em: 12 de outubro de 2018.

SALAS, Paula. **O que muda no ensino de história com a BNCC**. Nova Escola, 17 de outubro de 2018. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/12864/o-que-muda-no-ensino-de-historia-com-a-bncc>. Acesso em: 15/07/18.

SALDAÑA, Paulo. **Governo Bolsonaro exclui humanas de edital de bolsas de iniciação científica**. Folha de S.Paulo, 30 de Abril de 2020.

Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/governo->

[bolsonaro-exclui-humanas-de-edital-de-bolsas-de-iniciacao-cientifica.shtml](#). Acesso em: 01 de Maio de 2020.

SALDAÑA, Paulo. **Por unanimidade, Supremo declara inconstitucional lei municipal de 'ideologia de gênero'**. Folha de S.Paulo. 24 de abril de 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/04/stf-forma-maioria-para-declarar-inconstitucional-lei-que-veta-discussao-de-genero-nas-escolas.shtml?fbclid=IwAR0pNT73qlgi3baT_HjqWSlwtkeyTszoe_4HCb3OIQHI5ghdRGfucpUB_8#erramos. Acesso em: 26 de abril de 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Escola sem partido: o que isso significa?**. Portal Vermelho, 8 de setembro de 2017. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2017/09/08/dermerval-saviani-escola-sem-partido-o-que-isso-significa/>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

SCS. **UFF lança projeto de divulgação científica**. UFF, 29 de abril de 2019. Disponível em: <http://www.uff.br/?q=noticias/29-04-2019/uff-lanca-projeto-de-divulgacao-cientifica>. Acesso em 29 de abril de 2019.

SOARES, Jussara; ORTE Paula De. **'Você é o líder da revolução' , diz Paulo Guedes a Olavo de Carvalho**. O Globo, 18 de Março de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/voce-o-lider-da-revolucao-diz-paulo-guedes-olavo-de-carvalho-23530572>. Acesso em: 25 de março de 2019.

SOUZA, Marcelle. **Legado de Paulo Freire é defendido por uns e odiado por outros**. Galileu (revista). 2 de Maio de 2017. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/legado-de-paulo-freire-e-defendido-por-uns-e-odiado-por-outros.html>. Acessado em 23 de novembro de 2019.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. Agência Brasil, 29 de abril de 2020.

Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 30 de abril de 2020.

TORRES, Bolivar e URBIM, Emiliano. **Versões absurdas de fatos históricos ganham força e alarmam especialistas**. O Globo, 22 de setembro de 2018. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/versoes-absurdas-de-fatos-historicos-ganham-forca-alarmam-especialistas-23091891>. Acesso em 12 de outubro de 2018.

Trabalho docente sob fogo cruzado / organização [de] Jonas Emanuel Pinto Magalhães , Cláudia Regina Amaral Affonso , Vera Lucia da Costa Nepomuceno. – Rio de Janeiro: Gramma, 2018. 268 p. ; 23cm

TRUFFI, Renan. **MEC vai elaborar edital para ‘livrar escolas de doutrinação’**. Valor Econômico, 09 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/01/09/mec-vai-elaborar-edital-para-livrar-escolas-de-doutracao.ghtml>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2020.

VIEIRA, Leandro. **Nos colégios militares, golpe de 64 é ensinado como ‘revolução’**. O Globo, 31 de março de 2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/nos-colegios-militares-golpe-de-1964-ensinado-como-revolucao-12038975>. Acesso em: 10/07/2019.

Documentos

BNCC. Documento homologado pela Portaria nº 1.570, publicada no D.O.U. de 21/12/2017, Seção 1, Pág. 146.

Instagram

| | | | |
|------------|---|------------|-----|
| INSTAGRAM. | [@profathais_alves]. | Disponível | em: |
| | https://www.instagram.com/profathais_alves/ | | |
| INSTAGRAM. | [@quehistoriaeessa_]. | Disponível | em: |
| | https://www.instagram.com/quehistoriaeessa/ | | |
| INSTAGRAM. | [@deolho_nahistoria]. | Disponível | em: |
| | https://www.instagram.com/deolho_nahistoria/ | | |
| INSTAGRAM. | [@historianopaintoficial]. | Disponível | em: |
| | https://www.instagram.com/historianopaintoficial/ | | |
| INSTAGRAM. | [@dominiosdahistoria]. | Disponível | em: |
| | https://www.instagram.com/dominiosdahistoria/ | | |
| INSTAGRAM. | [@oliviasnery]. | Disponível | em: |
| | https://www.instagram.com/oliviasnery/ | | |

Spotify

| | | | |
|----------|---|------------|-----|
| SPOTIFY. | [Navio dos Loucos]. | Disponível | em: |
| | https://open.spotify.com/show/6rXq1uSF16aJSGBnu8hO5y?si=yaWyG8VNQb66ZjlsLiq7Vw | | |
| SPOTIFY. | [Petit História]. | Disponível | em: |
| | https://open.spotify.com/show/11kAiUFxdb4tRQJolZia3t?si=jaxDIS4zQhKVqSdn0zgzXq | | |
| SPOTIFY. | [Outro Lado da História]. | Disponível | em: |
| | https://open.spotify.com/show/6SxhoMp6JmJeqCEXXdL98d?si=AcfylyIMTA20WH0c834W3Q | | |
| SPOTIFY. | [História Pirata]. | Disponível | em: |
| | https://open.spotify.com/show/2G6ahjQVUjZod8LsfPYVRq?si=asD1pDA0QY6MOi1SBNWFSQ | | |

Youtube

YOUTUBE. [Tudo É História]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UC1FRhz5TiB7Mdh0wP0kmxrg>

YOUTUBE. [Clio: História e Literatura]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UC1mILGfLYbhztostdvOMR2w>

YOUTUBE. [Nas Tramas de Clio]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/channel/UCwfr2cX3uSN9lqZ05x-qiQA>

YOUTUBE. [História Chico Hits]. Disponível em:
<https://www.youtube.com/user/hitsdoChico>